

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM MODALIDADE
INTERSTITUCIONAL**

SHEILA SAINT-CLAIR DA SILVA TEODOSIO

**FORMAÇÃO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE
ENFERMEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIA DE
EGRESSOS
(ANOS DE 1970)**

**FLORIANÓPOLIS
2014**

SHEILA SAINT-CLAIR DA SILVA TEODOSIO

**FORMAÇÃO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE
ENFERMEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIA DE
EGRESSOS
(ANOS DE 1970)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha.

Linha de Pesquisa: História da Educação e do Trabalho em Saúde e Enfermagem.

**FLORIANÓPOLIS
2014**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Teodosio, Sheila Saint-Clair da Silva

Formação e processos identitários de enfermeiros no Rio Grande do Norte : memória de egressos (anos de 1970) / Sheila Saint-Clair da Silva Teodosio ; orientador, Maria Itayra Coelho de Souza Padilha - Florianópolis, SC, 2014. 225 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

Inclui referências

1. Enfermagem. 2. História da Enfermagem. 3. Identidade. 4. História da Profissão. 5. Escolha Profissional. I. Padilha, Maria Itayra Coelho de Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. III. Título.

SHEILA SAINT-CLAIR DA SILVA TEODOSIO

**FORMAÇÃO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE
ENFERMEIROS DO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIA DE
EGRESSAS (ANOS DE 1970)**

Esta Tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:

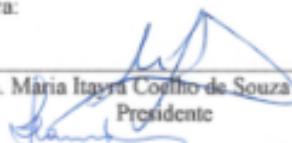
DOUTOR EM ENFERMAGEM

E aprovada em sua versão final em 12 de dezembro de 2014, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, área de concentração: Educação e Trabalho em Enfermagem.



Dra. Vânia Marli Schubert Backes
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:



Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha
Presidente

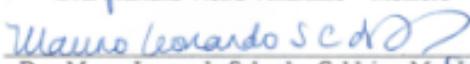
Dra. Flávia Regina de Souza Ramos - Membro



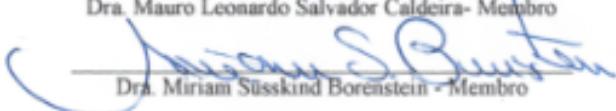
Dra. Jaqueline Guimarães - Membro



Dra. Mariana Vieira Villarinho - Membro



Dra. Mauro Leonardo Salvador Caldeira - Membro



Dra. Miriam Süsskind Borenstein - Membro

Dedico esta tese aos homens que foram fundamentais para a construção da minha identidade:

Ao meu pai Jordão Faustino da Silva que, apesar das intempéries da vida não lhe terem permitido permanecer na escola, foi um autodidata, buscando na leitura cotidiana o seu aprendizado. Meu mestre que me ensinou lições de vida, incentivador maior do meu caminhar no processo de formação e responsável pela minha escolha profissional. Se cheguei até aqui foi graças a você, meu querido pai.

Ao meu esposo João de Deus Gondim Teodosio que, quando eu tinha apenas 14 anos, me deu a mão, e, de mãos dadas, crescemos juntos. Obrigada pela compreensão das ausências necessárias e pelos dos momentos em que, mesmo presente fisicamente, o meu pensar estava totalmente dedicado à tese, e pelo estímulo e apoio incondicionais. Meu amado, companheiro de todas as horas, o sonho tornou-se realidade. Este título também é seu, a vitória é nossa.

AGRADECIMENTOS

A construção de uma produção científica da envergadura de uma tese é um trabalho intenso que requer dedicação e paixão. Não obstante os momentos de profunda solidão, ela não atingiria seu apogeu sem a participação, o apoio e a torcida de várias pessoas. Neste momento de finalização, me apraz evidenciar o reconhecimento público a todos aqueles que contribuíram para a sua concretização e estão felizes pela comemoração deste momento ímpar da minha vida.

A Deus, força maior, fonte de amor, fé e luz. Agradeço-te, Senhor, pela minha existência e por ter-me conduzido ao bem. Os caminhos não foram feitos apenas de flores, mas tu estavas sempre comigo me dando a certeza da vitória. De onde vim poucos tiveram o mesmo desígnio. Por isso, serei eternamente grata e te louvarei por todos os dias da minha vida.

Aos meus filhos Keyla Cristiane, Iury Vandré e Yanna Cristina, que sempre souberam compreender minhas ausências. Hoje adultos e encaminhados na vida, me fazem perceber que os nossos momentos juntos foram maravilhosos e que o nosso amor sempre será um bem imensurável. Se me perguntam qual a fonte da minha alegria, respondo – meus filhos. Ser mãe de vocês é um privilégio que agradeço todos os dias a Deus. Aos meus netos Marília Saint-Clair e Emerson Filho, duas criaturas abençoadas por Deus. A primeira veio como um anjo e desembarcou na estação da minha vida quando os tempos não me eram favoráveis. Graças à sua chegada busquei forças para superar os momentos difíceis. O segundo chegou e já disse a que veio, pela inquietação e questionamentos que muitos não tiveram coragem de fazer, tais como: – “Por que você ainda estuda se você já é minha avó?”. Vocês são essências da minha inspiração – amor que não se mede.

Aos genros Emerson José Cortez e Igor Rodrigues, presentes de Deus para a nossa família.

À minha mãe Valdiria dos Santos Silva (*in memoriam*), sinônimo de alegria e solidariedade. Se estivesse entre nós, com certeza este momento seria motivo para fazer uma grande festa. À minha amada vó Gertrudes Xavier dos Santos e meu vô Luís Honório dos Santos (*in memoriam*), dois guerreiros que com humildade e com muita sabedoria educaram 14 filhos, homens e mulheres de bem. Com eles aprendi valores morais e éticos que carrego comigo até hoje. Saudades eternas.

A meu segundo pai, tio João Maria dos Santos, presença marcante nos caminhos que trilhei para a construção da minha identidade. A tia Niceia dos Santos, pelo apoio, vibrações positivas e

por acreditar sempre nas minhas possibilidades de crescimento, em nome da qual agradeço aos demais tios. A toda a família Honório, que sempre esteve na torcida para que este dia chegasse, particularmente a Carlinhos Santos e Solange Santos, a disponibilidade em ajudar que vocês têm é obra de Deus.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos. Em especial à minha irmã Katya Louise, seu esposo Ivan Medeiros e seu filho Iago Medeiros, pelo cuidado amoroso que têm com o nosso pai. A dedicação de vocês me deu tranquilidade para não me sentir culpada pelos momentos de ausência.

Aos colegas da primeira turma de enfermagem da UFRN, que se dispuseram a dar seus testemunhos orais, buscando nas lembranças, guardadas em suas memórias há quase quarenta anos, fragmentos de uma história individual e coletiva que nos ajudou a compreender a constituição identitária de enfermeiros no Rio Grande do Norte. Reconhecidos pelos professores como estudantes ávidos pelo saber, desbravadores, guerreiros, e como profissionais que em muito contribuíram para o desenvolvimento da enfermagem potiguar. Realmente vocês estão certos quando afirmam que – nós fizemos a diferença na enfermagem do Rio Grande do Norte.

Às professoras Dra. Raimunda Medeiros Germano, Nadir Soares Vila Nova, Francisca de Assis Teixeira Duarte e Dra. Normélia Maria Freire Diniz toda a minha gratidão pela disponibilidade em me conceder entrevistas que em muito contribuíram para a consecução desta tese.

À minha orientadora, professora Dra. Maria Itayra Coelho de Souza Padilha, a quem terei sempre um débito pela orientação cuidadosa, criteriosa e bem fundamentada cientificamente. Agradeço-lhe por ter aceitado o desafio de ser minha orientadora, mesmo sem me conhecer, pelo acolhimento no Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde – GEHCES e por me oportunizar saberes e experiências na linha da pesquisa histórica. Agradeço-lhe a honra de ter-me permitido conviver, nestes três anos e meio, com um ícone da história da enfermagem do Brasil e do mundo. Você será sempre um exemplo para todos nós que aprendemos a amar esta área de pesquisa e, portanto, em muito contribuiu para a reconstrução da minha identidade profissional. Assim, a eximo da responsabilidade pelos limites deste trabalho, e confesso que na verdade eles se somam aos limites da própria autora.

Às amigas básicas, Cleide Gomes, Francisca Nazaré Liberalino e Rosana Lúcia Alves de Vilar, meus agradecimentos pela contribuição ao

assumirem as disciplinas que deveriam estar sob a minha responsabilidade. À amiga Jacileide Guimarães, pela paciência em ler os primeiros rabiscos do projeto da seleção do doutorado e pelo incentivo constante e amoroso. Vocês são exemplos de que a amizade constrói pontes e que nunca se está só ao atravessá-las.

Às colegas Edilma Costa, Hylarina Diniz, Helena Mazzo, Paula Fernanda, Cícera Braz, Rejane Menezes, Akemi Iwata, e Rosineide Brito, pessoas do bem que sempre emitiram bons fluidos para a construção deste estudo. Aos queridos professores Dr. José Wellington Germano e Dra. Raimunda Germano, pelo afeto, carinho, amizade e, sobretudo, aprendizados amorosos. Vocês são exemplos de humanidade, de professores dedicados e de pesquisadores.

Às professoras Dra. Bertha Cruz Enders e Dra. Ana Luiza Brandão de Carvalho Lira, pelos ensinamentos sobre a análise de conceito que tanto contribuíram com este estudo. Modelos de professoras e pesquisadoras dedicadas e competentes.

Ao Departamento de Enfermagem e a Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN pelo incentivo e apoio para a qualificação dos seus docentes.

Aos colegas de doutorado, um tempo atrás compartilhamos aprendizados ocupando lugares diferentes, vocês alunos e eu docente. Contudo, o mundo gira e nestes três anos e meio pudemos partilhar novos conhecimentos e experiências e (re)construir amizades fraternas e solidárias. No entanto, nesta trajetória tenho um agradecimento mais que especial às doutoretas: Claudia Dantas, Edilene Rodrigues, Lúcia Azevedo, e Lauriana Medeiros, porque subimos morro, choramos, sorrimos, aprendemos e amadurecemos, sempre juntas. A Luciane Oliveira, toda minha gratidão e amizade. Rendo uma homenagem especial à querida colega Aurelice Pires Gama, que iniciou conosco este doutorado, mas conforme os desígnios de Deus não teve condições de saúde para concluí-lo.

À Dra. Francis Tourinho e Dra. Jovanka Bittencourt, que assumiram, em tempos distintos, a coordenação do Doutorado Interinstitucional (DINTER) na UFRN. A primeira, pela batalha enfrentada para que ele se tornasse real e efetivo, e a segunda, para que ele possa ser concluído com êxito. Obrigada por ajudarem na realização deste sonho.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC) e seus docentes, por oportunizarem um aprendizado de qualidade e pelo acolhimento nos nove meses de estágio. Especialmente, às professoras

Dra. Vânia Backes e Dra. Flávia Ramos, que se revezaram na coordenação do DINTER pelo PEN/UFSC, com muito cuidado para que a parceria fosse exitosa, e sempre buscaram sanar nossas dificuldades com muito carinho e atenção, que lhes são peculiares.

Ao Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde – GEHCES, que me acolheu carinhosamente e contribuiu para alçar novos voos nos estudos sobre a História da Enfermagem, e pela oportunidade na produção do conhecimento. À Dra. Ana Rosete Maia e Juliana Carvalho, pela colaboração nos preparativos para o grande dia. Vocês são muito queridos, mais que colegas de estudo se tornaram amigos e os levo bem guardados no meu coração.

Aos componentes da banca que prontamente aceitaram o convite para participar deste momento especial e se dispuseram a contribuir na compreensão da construção da identidade profissional de enfermeiros: Dra. Flávia Regina Souza Ramos, Dra. Jacileide Guimarães, Dra. Kenya Schmidt Reibnitz, Dra. Maria Lígia dos Reis Bellaguarda, Dra. Mariana Vieira Villarinho, Dr. Mauro Leonardo Salvador Caldeira dos Santos e Dra. Míriam Süsskind Borenstein. Vocês foram essenciais à aquisição deste título.

Aos meus queridos alunos pelos momentos de troca de saberes e aprendizados. Em especial, a Eliabe, Kezauyn, Luccheci, por contribuírem com a busca de documentos essenciais a esta pesquisa e algumas transcrições. De forma peculiar agradeço a Pedro Henrique da Silva Farias, aluno exemplar, pela disponibilidade em contribuir com a pesquisa em enfermagem. Hoje com certeza é um enfermeiro responsável e cheio de luz.

À Pós-Graduação da UFRN, na pessoa da Pró-Reitora Edna Silva, que envidou esforços para tornar possível a realização deste doutorado intermediando a parceria entre os integrantes do DINTER/UFRN: Departamento de Enfermagem, Escola de Enfermagem de Natal e Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi – FACISA com o PEN/UFSC.

À Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn, pelo aprendizado sobre a organização política da enfermagem, o qual só se aprende vivenciando o cotidiano das lutas da profissão por reconhecimento, autonomia e conquistas de direitos sociais.

Na pessoa de Rafaela Ribeiro Céspedes, quero externar meu agradecimento aos funcionários do PEN/UFSC, que atenderam com muita atenção e presteza as minhas solicitações.

Ao jovem Tércio Gabriel, que colaborou na confecção dos quadros, e ao primo querido José Carlos dos Santos, por ter carinhosamente feito o *design* das figuras e quadros. Vocês deram o toque especial aos resultados deste estudo. A Sonia Argollo pela correção do português, a Jéssica Santos pela formatação e a bibliotecária Fernanda Medeiros pela normalização.

TEODOSIO, Sheila Saint-Clair da S. Teodósio. **Formação e processos identitários de enfermeiros do Rio Grande do Norte**: memória de egressos (anos de 1970). 2014. 225 p. Tese (Doutorado em Enfermagem - Doutorado Interinstitucional - DINTER) – Universidade Federal de Santa Catarina/Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Florianópolis, 2014.

RESUMO

Pesquisa qualitativa, descritiva com abordagem socio-histórica, cujo objetivo foi compreender como a formação universitária contribuiu para o processo socio-histórico de construção da identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte. O referencial teórico foi centrado nas ideias de Claude Dubar sobre identidade profissional em sintonia com as concepções da História Nova. Na coleta de dados utilizou-se a história oral temática, a partir de entrevistas semiestruturadas com 16 alunos egressos e quatro professoras, da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN nos anos de 1970. Para análise dos dados coletados, utilizou-se o método da análise de conteúdo temática, da qual resultaram três categorias: Ser enfermeiro: sentidos e significados da escolha pela profissão; O ideário de ser enfermeiro: sentidos e significados e A formação e a construção da identidade profissional de enfermeiros. Os resultados foram apresentados sob a forma de três manuscritos: o primeiro, intitulado “Identidade profissional do enfermeiro: uma análise conceitual”, analisou o conceito de identidade profissional do enfermeiro, segundo o modelo de Walker e Avant. Ao final destaca-se a importância da análise e desenvolvimento de conceitos, no processo de formação de enfermeiros, na prática profissional e na investigação científica. A elaboração de um desenho conceitual possibilitou a reconstituição do conceito: “identidade profissional de enfermeiros é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da trajetória biográfica do indivíduo, quanto das suas relações sociais profissionais, origina-se no processo de formação e é (re/des)construído pelo modo de ser e estar dos enfermeiros no cotidiano da prática profissional”. O segundo manuscrito, “Ser enfermeiro: escolha profissional, com múltiplos sentidos e significados (anos de 1970)”, objetivou analisar os motivos que influenciaram a escolha dos egressos, pela profissão de enfermagem. Os resultados apontaram que os motivos se revestem de múltiplos sentidos e significados que contribuíram para a constituição da identidade profissional de

enfermeiros. Os sentidos dizem respeito à visão particular dos egressos sobre a profissão: sonhos, visão romanesca da profissão, a influência da literatura, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e de ascensão social. Os significados abrangeram as concepções tradicionais, imagens distorcidas, estigmas e preconceito social que permeiam historicamente a profissão. O terceiro manuscrito, denominado “A formação e a construção da identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte (anos de 1970)”, analisou a contribuição da formação na (re)construção da identidade profissional de enfermeiros e sua expressão pós-ingresso no mercado de trabalho. Nele identificou-se que na construção da identidade profissional interferem vários processos identitários, desde a identidade biográfica, até a identidade coletiva construída na trajetória da formação, e estas se (re/des)constróem na inserção dos enfermeiros no mercado de trabalho, pelo sentimento de pertença a um grupo e pelo reconhecimento social. Concluiu-se que a construção da identidade profissional de enfermeiros é um processo complexo, dinâmico e multifacetário e se constitui de diferentes processos identitários, tendo a formação um papel preponderante. É na interseção entre o processo formativo, a inserção no processo de trabalho e a projeção de futuro da profissão que os enfermeiros (re)constróem sua identidade. O modo de ser e estar do enfermeiro na profissão contribui para o reconhecimento social e para a (re/des)construção da sua identidade profissional.

Palavras-chave: História da Enfermagem. Identidade. História da Profissão. Escolha Profissional.

TEODOSIO, Sheila Saint-Clair da S. Teodósio. **Education and identity processes of nurses in Rio Grande do Norte: memory of graduates (1970's)**. 2014. 225 p. Thesis (PhD in Nursing – Interinstitucional Doctoral Program - DINTER) – Federal University of Santa Catarina/Federal University of Rio Grande do Norte. Florianópolis, 2014.

ABSTRACT

Qualitative research, using a socio-historic approach, with the aim to understand how the undergraduate education contributes to the socio-historic process of construction of the professional identity of nurses in Rio Grande do Norte. The theoretical framework was centered in the ideas of Claude Dubar on professional identity, in agreement with the concepts of the New History. Data were collected by means of thematic oral history, based on semi-structured interviews with 16 graduated students and four professors, from the first class of the Nursing and Obstetrics Undergraduate Program of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) in the 1970's. Data were analyzed as per the thematic content analysis technique, leading to the categories “Being a nurse: meanings and implications of the career choice; “The ideology of being a nurse: meanings and implications”; and “The education and the construction of the professional identity of nurses”. Results were presented in the form of three manuscripts: the first, entitled “Professional identity of nurses: a concept analysis”, analyzed the concept of professional identity of nurses, according to the model of Walker and Avant. It highlights the importance of the analysis and development of concepts in the educational process of nurses, in their professional practice and in scientific research. The elaboration of a conceptual design allowed to reconstitute the concept as: “the professional identity of nurses is a historical, complex, multidimensional and collective process, consisting of elements from both the subjects’ biographical journey and their social and professional relationships, which originates in the training process and is (re/de)constructed by the way of being of nurses in their daily professional practice”. The second manuscript, “Being a nurse: a professional choice with multiple meanings and implications (1970's)”, had the aim to analyze the reasons that influenced the choice of graduated students for the nursing profession. The results showed that these reasons are covered by multiple meanings and implications that contributed to the construction of the professional identity of nurses. The meanings refer to the

particular view of the graduates on the profession: dreams, the romantic view of the profession, the influence of the literature, the possibility of insertion in the work market and the professional rise. The implications of “being a nurse” comprehended traditional concepts, distorted images, social prejudice and stigmas that historically permeate the profession. The third manuscript, entitled “The education and the construction of the professional identity of nurses in Rio Grande do Norte (1970’s)”, analyzed the contribution of the nursing education to the (re)construction of the professional identity of nurses and their expression after being inserted to the work market. It evidenced that several identity processes interfere in the construction of the professional identity, from the biographical identity to the collective identity built in the educational journey, which are (re/de)constructed in the nurses’ insertion into the work market, by the feeling of belonging to a group and by social recognition. In conclusion, the construction of the professional identity of nurses is a complex, dynamic and multifaceted process, consisting of different identity processes, with education playing a preponderant role. It is in the intersection among the educational process, the insertion in the work process and the future projection of the profession that nurses (re)construct their identity. The way of being of nurses in the profession contributes to their social recognition and to the (re/de)construction of their professional identity.

Keywords: History of nursing. Identity. History of the profession. Professional choice.

TEODOSIO, Sheila Saint-Clair da S. Teodósio. **Formación y procesos de identidad de enfermeros en Rio Grande do Norte**: memoria de egresados (años de 1970). 2014. 225 p. Tesis (Doctorado en Enfermería – Programa de Doctorado Interinstitucional - DINTER) – Universidad Federal de Santa Catarina /Universidad Federal de Rio Grande do Norte. Florianópolis, 2014.

RESUMEN

Investigación cualitativa, descriptiva, con abordaje sociohistórico, objetivando comprender la influencia de la formación universitaria en el proceso sociohistórico de construcción de identidad profesional de enfermeros en Rio Grande do Norte. Referencial teórico apoyado en ideas de Claude Dubar sobre identidad profesional, en sintonía con las concepciones de la Nueva Historia. Datos recolectados mediante historia oral temática, sobre 16 entrevistas semiestructuradas con 16 egresados y cuatro profesoras de la primera promoción del Curso de Graduación en Enfermería y Obstetricia de la UFRN en los años 70. Datos estudiados por análisis de contenido temático, resultando tres categorías: Ser enfermero: sentidos y significados de elegir la profesión; Ideario de ser enfermero: sentidos y significados; y Formación y construcción de identidad profesional de enfermeros. Resultados presentados en tres manuscritos: el primero, titulado “Identidad profesional del enfermero: un análisis conceptual”, analizó el concepto de identidad profesional del enfermero según modelo de Walker y Avant. Se destaca aquí la importancia del análisis y desarrollo de conceptos en el proceso formativo de enfermeros, en la práctica profesional y la investigación científica. La elaboración de un diseño conceptual permitió reconstruir el concepto “la identidad profesional de enfermeros es un proceso histórico, complejo, multidimensional y colectivo, constituyéndose tanto de elementos de la trayectoria de vida del individuo como de su relaciones sociales y profesionales, se origina en el proceso de formación y es (re/de)construido por el modo de ser y estar del enfermero en la práctica profesional cotidiana”. El segundo manuscrito, “Ser enfermero: elección profesional con múltiples sentidos y significados (años 70)”, objetivó analizar las razones que influyeron en la elección de la enfermería en los egresados. Los resultados expresaron que los motivos revisten múltiples sentidos y significados que contribuyeron a la identidad profesional de los enfermeros. Los sentidos hablan de la elección particular de los egresados sobre la profesión, sueños, visión romántica de la profesión, influencia de la literatura,

posibilidad de inserción laboral y de ascenso social. Los significados incluyeron las concepciones tradicionales, imágenes distorsionadas, estigmas y preconcepción social que tiñen históricamente la profesión. El tercer manuscrito, denominado “Formación y construcción de identidad profesional de enfermeros en Rio Grande do Norte (años 70)”, analizó la contribución de la formación en la (re)construcción de la identidad profesional de enfermeros y su expresión post-ingreso al mercado laboral. En él se identificó que en la construcción de la identidad profesional, interfieren varios procesos de identidad, desde la identidad biográfica hasta la identidad colectiva, construida en la trayectoria formativa, (re/de)construyéndose éstas en la inserción laboral del enfermero, por sentimientos de pertenencia grupal y por el reconocimiento social. Se concluyó en que la construcción de la identidad profesional de enfermeros es un proceso complejo, dinámico y multifacético, conformándose de diferentes procesos de identidad, teniendo la formación un papel preponderante. Es en la intersección entre el proceso formativo, la inserción laboral y la proyección futura de la profesión que los enfermeros (re)construyen su identidad. El modo de ser y estar del enfermero en la profesión contribuye al reconocimiento social y a la (re/de)construcción de su identidad profesional.

Palabras Clave: Historia de la Enfermería. Identidad. Historia de la Profesión. Elección Profesional.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
ABEn-RN	Associação Brasileira de enfermagem, seção Rio Grande do Norte
BDENF	Banco de Dados em Enfermagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFE	Conselho Federal de Educação
CINAHL Literature	Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
CONSUNI	Conselho Universitário
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
DAU/MEC	Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura
DINTER	Doutorado Interinstitucional
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MP	Movimento Participação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PUBMED	Recurso de livre acesso à literatura biomédica, desenvolvido e mantido pelo National Center for Biotechnology Information
SAH	Sociedade de Assistência Hospitalar
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNI-RIO	Universidade do Rio de Janeiro
URRN	Universidade Regional do Rio Grande do Norte
USAID	United State Agency for International Development
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que foram participantes deste estudo.....	75
Figura 2 -	Categorias do estudo.....	81
Figura 3 -	Eventos antecedentes do conceito de “identidade profissional do enfermeiro”, segundo o número de autores analisados, Florianópolis.....	91
Figura 4 -	Elementos que contribuíram para a formação e desenvolvimento da identidade profissional de enfermeiros. Florianópolis, 2014.....	96
Figura 5 -	Antigo prédio da Escola de Auxiliares de Enfermagem que a partir do ano de 1973 passou a abrigar o Departamento de Enfermagem e seu respectivo curso de graduação.....	107
Figura 6 -	Grupo de alunos no pátio do Departamento de Enfermagem no ano de 1975.....	108
Figura 7 -	Grupo de alunos do Departamento de Enfermagem/UFRN (1975). Florianópolis.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Categorias e subcategorias x artigos, teses e dissertações que versaram sobre a construção dos perfis identitários de enfermeiros, Florianópolis, 2014.....	41
Quadro 2 -	Categorias de análise de identidade.....	62
Quadro 3 -	Os quatro processos identitários típicos de Dubar...	65
Quadro 4 -	Egressos participantes deste estudo, conforme primeiro emprego, função e situação atual. Florianópolis, 2014.....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	27
1.1	Gênese do estudo: fragmentos de uma história vista por dentro.....	27
1.2	Contextualizando o estudo.....	31
1.3	O problema, os objetivos, a tese: pontos que se entrecruzam..	33
1.4	Justificativa: relevantes matizes.....	35
2	ESTADO DA ARTE: A IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS: DIFERENTES OLHARES.....	39
2.1	Os diferentes perfis identitários de enfermeiros a partir da história.....	43
2.1.1	Imagem primitiva de enfermeiros: identidade em processo de construção.....	44
2.1.2	Imagem religiosa-militar: identidade caritativa, servil e legitimadora.....	46
2.1.3	Imagem vocacional e disciplinar: uma identidade de resistência?.	49
2.1.4	Processo de reconstrução da identidade profissional do enfermeiro : em busca de uma identidade de projeto.....	53
3	SUSTENTAÇÃO TEÓRICA: ENTRELAÇAMENTOS CONCEITUAIS À LUZ DO CAMPO DA SOCIOLOGIA	59
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	69
4.1	Caracterização da pesquisa.....	69
4.2	Participantes da pesquisa: vozes da memória.....	75
4.3	Coleta de dados.....	77
4.4	Processamento e análise das fontes.....	80
4.5	Considerações éticas.....	81
5	RESULTADOS.....	83
5.1	Artigo 1: Identidade profissional do enfermeiro: uma análise conceitual.....	83
5.2	Artigo 2: “Ser enfermeiro”: escolha profissional, com múltiplos sentidos e significados (anos de 1970).....	101
5.3	Artigo 3: A formação e a construção da identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte (anos de 1970).....	128
	IDEIAS FINAIS.....	149
	REFERÊNCIAS.....	153
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	167
	APÊNDICE B – IDENTIFICAÇÃO DE ANTECEDENTES POR AUTORES.....	169

APÊNDICE C - IDENTIFICAÇÃO DOS CONSEQUENTES.....	207
APÊNDICE D - BREVE BIOGRAFIA DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS.....	213
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	217
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.	221
ANEXO C – LISTA DOS APROVADOS DO CURSO DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA DA UFRN, PUBLICADO NO JORNAL TRIBUNA DO NORTE, EM DE 10 DE JANEIRO DE 1974.....	225

1 INTRODUÇÃO

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós (FREIRE, 2013, p.33).

1.1 Gênese do estudo: fragmentos de uma história vista por dentro

O diálogo com memórias como fonte de pesquisa histórica envolve reflexões sobre atitudes humanas presentes nas lembranças, na história e nas condições socioculturais dos seres existentes, em um dado momento e tempo histórico. Com a preocupação de preservar a memória e a história da enfermagem, este estudo teve como objeto a construção da identidade profissional de enfermeiros, no Rio Grande do Norte, a partir da memória de egressos do Curso de Graduação de Enfermagem em Obstetrícia, formados nos anos de 1970, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Dessa forma, ao eleger este objeto de estudo, necessariamente me vêm à lembrança fragmentos de uma história vista por dentro, ou seja, por mim vivenciada. Fez-me debruçar sobre a minha própria história e reaver lembranças guardadas na memória, porque “a história só nos atinge através das modificações que impõe à memória, pois a memória constitui a primeiríssima relação com o passado” (RICOEUR, 2005, p. 374).

Assim, as lembranças guardadas em minha memória se entrelaçaram com as das colaboradoras – uma vez que nos identificamos com o objeto de estudo – na condição de: egressa da primeira turma do curso de enfermagem da UFRN, docente desse mesmo curso e pesquisadora. O entrelaçamento entre sujeito da história, objeto da pesquisa e a pesquisadora foi um desafio enfrentado tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, principalmente nos desvelamentos das reminiscências.

Desse modo, o interesse pelo estudo da identidade profissional de enfermeiros, numa perspectiva histórico-social e de memória coletiva, se insere nos pressupostos que consideram: as motivações, as interações coletivas e as intenções individuais desta autora.

No quesito da motivação, remontamos à realização do mestrado em educação, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, nos anos de 1990. Na dissertação de mestrado, procurei situar, historicamente, os primórdios e a evolução das atividades da enfermagem no contexto da divisão técnica do trabalho, objetivando compreender as determinações históricas da sistematização do saber nessa profissão à luz do Materialismo Histórico Dialético. Nela apontava-se como estratégia para fortalecimento da profissão de enfermagem o desenvolvimento da especialização do saber sistematizado pelos enfermeiros (TEODOSIO, 1990).

Outro aspecto da motivação foi a minha vivência no espaço de organização política da enfermagem, através da participação ativa na Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn, desde o início da década de 1980, na condição de associada da ABEn Rio Grande Norte, ABEn-RN, depois como diretora de Educação (1989-1992), e na presidência dessa entidade por dois mandatos (2003 a 2010), e atualmente na condição de Conselheira Fiscal nos mandatos 2010-2013 e 2013-2106. No Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Norte (COREN-RN), tive uma atuação no período de 1990-1994, na condição de presidente. Este foi um período na história do Conselho Federal de Enfermagem no qual a identidade da enfermagem brasileira sofreu um revés. Todo um processo que vinha se desenvolvendo em torno de uma visibilidade social se desconstruiu, pois a atuação do Conselho Federal expôs a enfermagem, em todos os veículos de comunicação, a uma situação vexatória e antiética, chegando até as páginas policiais (BELLAGUARDA, 2013).

A atuação na ABEn, ao longo dos anos, me fez refletir sobre a identidade de enfermeiros, na medida em que a adesão a essa entidade, embora de caráter voluntário, não é proporcional à importância da mesma para o desenvolvimento da profissão. Essa entidade tem quase 90 anos de compromissos, ideais e luta permanente pela melhoria da formação profissional dos trabalhadores de enfermagem e pela sua participação no cenário da saúde no Brasil e nos estados da federação. No entanto, os profissionais, de uma forma em geral, não têm uma identificação com a entidade que proporcione uma efetiva inserção, e não apenas pontual, conforme interesses pessoais de participação em seus eventos.

Contudo, a mola propulsora da imersão neste estudo sobre identidade profissional de enfermeiros foi o fato de que, ao ter assumido a coordenação do curso de graduação em enfermagem da UFRN/Natal

em 2011, passei a me deparar com situações de conflitos de alunos ingressantes em relação à profissão e ao devir profissional. Essas inquietações para a quase totalidade dos estudantes iam se reestruturando no decorrer do curso, à medida que sua identificação profissional se associava a determinadas áreas da profissão. Isso nos causava inquietações, então, nos perguntávamos:

De que modo a formação contribui para a construção dos processos identitários dos alunos? Como essa identidade foi construída nos alunos da primeira turma do curso de enfermagem, em um momento histórico de quase inexistência de enfermeiros nos serviços de saúde do estado? Quais as motivações que levaram esses alunos a fazer a opção pela enfermagem?

Todo esse processo de vivência e de indagações nos foi remetendo a tecer considerações sobre a contribuição da formação na construção da identidade profissional de enfermeiros, e a considerar essa temática como objeto de estudo desta tese.

No quesito das intenções, ensejamos que as memórias dos egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem resgatassem, para o tempo presente, vestígios dos processos identitários vivenciados em seu processo de formação. Pois “o processo da memória no homem, faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também releitura desses vestígios” (LE GOFF, 2003, p. 420). Ademais,

A memória continua ser o guardião da última dialética constitutiva da preteridade do passado, a saber, a relação entre o ‘não mais’ que marca seu caráter acabado, abolido, ultrapassado e o ‘tendo sido’ que designa seu caráter originário e, nesse sentido, indestrutível (RICOEUR, 2007, p. 505, grifo do autor).

Nessa procura, alguns obstáculos tiveram que ser contornados, pois “desenvolver a pesquisa histórica para construir a memória da enfermagem e analisar criticamente a história dos enfermeiros e da enfermagem, é um desafio a ser enfrentado, cada vez mais crescentemente” (PADILHA, 2006, p. 576). Essa assertiva é corroborada por Silva (2008) quando profere que pensar num estudo a partir da memória, numa economia produtivista, onde o descartável se sobrepõe ao durável, não é uma tarefa fácil. Esses desafios, que estimulam e incitam a imaginação, foram transformados em proposta

para o desenvolvimento do estudo sobre a identidade profissional de enfermeiros, a partir da memória dos egressos.

Desde os nossos ancestrais percebia-se a necessidade de preservação dos saberes, ideias, pensamentos, ações e expressões, tendo em vista transmiti-los para os seus descendentes. Para eles a memória era um patrimônio para a civilização, considerando que sem ela o homem não possuía identidade. Desse modo, a memória era considerada fundamental para os povos antigos porque através dela o homem se reconheceria e se identificava com os seus semelhantes (LE GOFF, 2003).

Nessa perspectiva, compreende-se que a memória é de fundamental importância para os indivíduos e que está extremamente relacionada ao seu acervo pessoal e coletivo, que juntos irão constituir a cultura de um povo. Ela se configura, portanto, uma representação seletiva do passado de um indivíduo inserido num contexto de vida social numa constante relação com outros, assim, toda memória é coletiva (HALBWACHS, 2006).

Na sociedade ocidental nos últimos anos do século XX, evidencia-se uma transformação da cultura material e humana. As novas tecnologias impõem um ritmo desmedido do trabalho e possibilitam facilidade e rapidez dos meios de comunicação. Uma nova matriz de pensamento penetra em todos os domínios de atividades da sociedade. Fala-se de uma revolução tecnológica da informação que guarda a mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo a uma descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura (GERMANO, 2008; CASTELLS, 2010).

Nesse novo contexto, o homem sente-se quase obrigado a consumir a informação de forma acrítica, sem maior cuidado seletivo. Perdendo-se, portanto, uma das mais importantes funções da memória humana – a capacidade seletiva –, que é o poder de escolher aquilo que deve ser preservado como lembrança importante, e aqueles fatos e vivências que podem e devem ser descartados (VON SIMSON, 2000).

Na busca pelo referencial teórico do presente estudo, detectou-se que a temática da identidade social é um debate complexo nas áreas da Sociologia, Antropologia e Psicologia Social, no entanto neste estudo optou-se pelo campo sociológico. Na enfermagem essa temática também é objeto de investigações (NETTO; RAMOS, 2004; OLIVEIRA, 2006; PADILHA; NELSON; BORENSTEIN, 2011), muito embora esteja mais voltada para o debate sobre a identidade da profissão de enfermagem. Constatamos que o tema não está esgotado e ainda há

espaço para a pesquisa sobre a construção da identidade profissional de enfermeiros, principalmente, a partir da memória de egressos, que evoque os processos identitários que permeiam a construção dessa identidade.

1.2 Contextualizando o estudo

Este estudo se insere no contexto do mundo contemporâneo, considerado por alguns autores como pós-moderno, no qual o desenvolvimento exacerbado da tecnologia e do conhecimento tem sido a grande narrativa, assim como a ciência foi para o século XIX e a teologia, para a Idade Média. Ele criou sua própria dinâmica, gerou o processo de globalização do mundo, pondo em pauta a questão da fragmentação de objetos sociais e culturais diversos como um problema central do pensamento pós-moderno.

No entanto, a globalização não deve ser considerada um fato novo, pois é um processo histórico transecular, multifacetário e que recebeu, ao longo do tempo, diversas denominações, assumindo na atualidade a designação de globalização hegemônica neoliberal. Nesse contexto, ela “não se restringe à esfera econômica uma vez que também ocorrem globalizações no campo social, político e cultural” (GERMANO, 2008, p.42).

Este momento histórico está centrado na lógica das redes telemáticas, permitindo que as sociedades desenvolvam comunicações em tempo real. Essa rede de informações altera definitivamente as possibilidades de conhecimento do mundo e de seu devir (MORIN, 1977).

As novas tecnologias impõem um ritmo desmedido ao trabalho e possibilitam facilidade e rapidez dos meios de comunicação; uma nova matriz de pensamento penetra em todos os domínios da atividade humana; fala-se de uma revolução tecnológica da informação induzindo a uma descontinuidade nas bases materiais da economia, da sociedade e da cultura. Conforme Ferreira (1995), alteraram-se radicalmente até mesmo os modos de relação dos homens com o tempo e o espaço, isto é, as condições inerentes à historicidade.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Castells (2010), nos seus estudos sobre os efeitos da tecnologia da informação, aponta o surgimento de uma nova lógica espacial diferente do espaço de lugares, que chama de espaço de fluxos, e considera-a como a atual manifestação espacial dominante de poder e função em nossas sociedades. Identifica

também um novo conceito de tempo que chama de tempo intemporal, que atribui à transformação do tempo devido principalmente à influência da cultura virtual associada ao sistema multimídia eletrônico.

Nesse cenário, o modelo paradigmático da modernidade centrado no homem metafísico, sujeito uno, completo, perfeito, na ciência experimental e no liberalismo como concepção de Estado, também se exauriu, provocando uma crise em todas as esferas sociais. Tal crise implica no surgimento de novas formas de organização da produção e de novos paradigmas que lhe deem sustentação, provocando mudanças em todos os campos sociais da economia, da sociedade, da política e da cultura (GERMANO, 2008).

Nesse novo paradigma global, a socialização é um processo contínuo e dinâmico de construção e reconstrução dos indivíduos em ambiente de tensões, construções, continuidades e descontinuidades. Os valores sociais dos indivíduos são construídos ao longo da sua vida através das relações sociais que estabelecem, desde ao nascer, com a família, escola, igreja, trabalho, dentre outros. Desse modo, no processo de socialização o indivíduo assume o sentimento de pertença a uma família, grupo, comunidade, entre outros, compondo assim uma identidade social (DUBAR, 2005).

Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social, em que aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais. A memória também deixou, portanto, de ser considerada como fenômeno individual, passando a elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas (HALBWACHS, 2006).

Assim, para fundamentação teórica conceitual deste estudo, buscou-se sustentação no campo da Sociologia, por enfatizar as múltiplas dimensões no contexto das relações sociais e profissionais, principalmente nas reflexões de Claude Dubar sobre processos identitários. O tema foi focalizado em três momentos históricos da vida acadêmico-profissional dos egressos: o que antecede o ingresso no curso de graduação (o porquê da opção pela profissão); o da formação acadêmica (o emergir da construção da identidade); e a inserção no processo de trabalho. Para estabelecer o diálogo entre história, memória e identidade foram fundamentais os aportes teóricos de Joël Candau (2012). Do mesmo modo, os fundamentos de Walker e Avant (2011) sobre análise e desenvolvimento de conceitos foram importantes para a

compreensão do significado do conceito de identidade profissional dos enfermeiros.

Com esse entendimento, pressupomos que o processo de construção identitária dos enfermeiros tem uma trajetória socioprofissional que se inicia no processo de formação e se (re/des)constrói *a posteriori* no mundo do trabalho, e a memória desses processos pode ser resgatada através do estudo histórico.

Almeja-se com este estudo contribuir para o debate sobre a construção da identidade profissional de enfermeiros, a partir da memória de egressos, nos espaços da formação como produtora de conhecimentos, práticas, atitudes e de socialização.

1.3 O problema, os objetivos, a tese: pontos que se entrecruzam

O problema deste estudo se inseriu no pouco investimento da formação e das organizações políticas da enfermagem no debate acerca do processo de construção de processos identitários dos enfermeiros, evidenciando-se uma maior preocupação para o âmbito da enfermagem, de uma forma geral. Ademais, há escassez de estudos que contemplem a construção da identidade profissional dos enfermeiros, em particular, no Rio Grande do Norte, a partir da memória de egressos.

A relação entre identidade profissional e memória de egressos se fundamenta na concepção de que a formação é uma mola propulsora de vivências sociais e profissionais. Ela possibilita aos sujeitos tanto o ingresso em um processo cognitivo de competências e habilidades, bem como se identificarem uns com os outros e com a prática cotidiana, criando um sentimento de pertença. Desse modo, ela contribui, de forma dinâmica e paulatina, para a construção sua identidade profissional.

Nesse contexto, este estudo abordou a construção da identidade profissional de enfermeiros, do Rio Grande do Norte, a partir da memória de egressos do Curso de Graduação de Enfermagem e Obstetrícia, formados nos anos de 1970, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O recorte temporal correspondeu aos anos de 1970. Na enfermagem, essa década corresponde à expansão dos cursos de graduação no país e, no Nordeste, o Rio Grande do Norte foi contemplado com a criação de dois cursos: o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UERN, criado em 1968, e o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN criado em 1973. Ademais, esse período se revestiu de fundamental importância para a história da educação brasileira em

geral, e para o ensino superior em particular. As primeiras turmas desses dois cursos contribuíram com o desenvolvimento da enfermagem no estado, através da atuação no ensino, na assistência e na organização política da profissão.

Nesse sentido, a pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento:

Como a formação universitária contribuiu para o processo socio-histórico de construção de identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte, nos anos de 1970?

Objetivo geral:

Compreender como a formação universitária contribuiu para o processo socio-histórico de (re)construção da identidade profissional de enfermeiros, no Rio Grande do Norte, a partir das memórias individuais e coletivas dos egressos da primeira turma do curso de graduação em enfermagem e Obstetrícia da UFRN/Natal.

Objetivos específicos:

- Analisar o conceito de identidade profissional do enfermeiro segundo o modelo de Walker e Avant;
- Analisar os motivos que influenciaram a escolha dos egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN pela profissão de enfermagem nos anos de 1970;
- Analisar a contribuição do processo de formação em enfermagem para a (re)construção da identidade profissional de enfermeiros e sua expressão pós-ingresso no mercado de trabalho.

A tese

A elaboração da tese se alicerçou no campo da sociologia, particularmente nos estudos sobre os processos identitários, os quais reverberam sobre a importância da formação na construção de processos identitários e que exerce sobre eles um domínio que se estende para além do período escolar.

De acordo com o exposto, defendemos a tese de que **a formação em enfermagem imprime uma identidade profissional que acompanha os enfermeiros para além do período da graduação e se (re/des)constrói no decorrer da trajetória profissional, nas**

interações e novas experiências formadoras, por decisões próprias e/ou impulsionadas por novas formas identitárias adquiridas como produto de sucessivas socializações no processo de trabalho. O modo de ser e estar na profissão contribui para o processo de construção da identidade profissional de enfermeiros.

1.4 Justificativa: relevantes matizes

Os estudos históricos interessam sobremaneira à enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da auto-estima coletiva e a tarefa de (re)construção da identidade profissional. Assim, o desvelamento da realidade mediante o estudo da História da Enfermagem é libertador e permite um novo olhar sobre a profissão (BARREIRA, 1999, p. 90)

A justificativa deste estudo se associa às ideias de Ieda de Alencar Barreira, acima referenciadas. Pois foi movida pela necessidade da reconstituição histórica da profissão que nos propusemos a estudar, sob um novo olhar, a identidade profissional de enfermeiros articulada à memória de egressos.

A pertinência do estudo se confirma pelo fato de a construção de perfis identitários se constituir em uma discussão do pensamento crítico contemporâneo. Além disso, “entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular” (DUBAR, 2005, p. 26). Esse autor considera que a formação, por acompanhar todas as modificações do trabalho e do emprego, intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar.

Então, por um lado, a relevância deste estudo se confirma porque ele passará a integrar um contexto mais amplo dos processos identitários da enfermagem, através da associação entre História e Memória, destacando a importância do processo de formação para a construção da identidade profissional de enfermeiros. Por outro lado, espera-se que o estudo contribua para a preservação da memória da formação dos enfermeiros, no Rio Grande do Norte, para o incremento da produção científica e também para a difusão da História e Memória de

Enfermagem, principalmente, no campo da identidade profissional dos enfermeiros.

Ademais, deseja-se que este caminhar pela identidade profissional dos enfermeiros associada à memória de egressos tenha uma repercussão positiva entre os alunos, docentes e profissionais de enfermagem, possibilitando o aflorar de sentimentos de pertença e de valorização que provoquem reflexões e novos estudos sobre a identidade profissional de enfermeiros, fazendo novas composições e novos desenhos.

O presente estudo, por questões didáticas, está organizado em capítulos os quais mantêm uma estreita articulação em consonância com o objeto, os objetivos e a metodologia. Após a apresentação da gênese, da contextualização e justificativa, exponho no segundo capítulo uma reflexão histórica acerca da identidade profissional de enfermeiros. Recorreu-se à revisão da literatura a qual possibilitou compreender através de diferentes olhares o estado da arte dessa temática.

No terceiro capítulo apresento a sustentação teórica que se ancorou no campo sociológico a partir das ideias de Claude Dubar sobre identidade profissional e na História Nova, cujo fio condutor foi o entendimento acerca do contexto da identidade e sua historicidade. Em seguida, os caminhos metodológicos irão compor o quarto capítulo. Ele teve como base teórico-metodológica a pesquisa qualitativa, descritiva de abordagem socio-histórica e os pressupostos da História Nova (HN) e, como técnica de tratamento dos dados, a História Oral (HO). A análise de conteúdo temática de Bardin foi fundamental para encontrar os núcleos de sentido nos feixes de relações emaranhados nas memórias individuais e coletivas dos egressos.

A partir desta análise foi possível obter os resultados deste estudo que estão apresentados sob forma de três manuscritos no quinto capítulo. Um deles diz respeito à primeira categoria do estudo, o qual, através da análise do conceito de identidade profissional de enfermeiros, conforme os passos do modelo conceitual de Walker e Avant, permitiu a elaboração de um desenho conceitual que nos remeteu a propor a reconstituição desse conceito. O segundo revelou que a escolha profissional se reveste de múltiplos sentidos e significados que podem contribuir para o emergir da construção da identidade profissional de enfermeiros. E o terceiro manuscrito demonstrou que o processo de formação em enfermagem contribui para a construção da identidade profissional de enfermeiros para além da graduação, porém, no decorrer da trajetória profissional, e nas interações com novas experiências

formadoras, advindas dos processos de formação permanente e /ou continuada, podem desencadear o (re/des)construir esta identidade.

As ideias finais fazem a composição do sexto capítulo do presente estudo, no qual teço uma síntese reflexiva sobre o desenvolvimento da investigação ancorada nos resultados e aponto os desafios, limites e recomendações.

2 ESTADO DA ARTE: A IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS: DIFERENTES OLHARES

O historiador busca, nas pegadas traçadas pela história, a compreensão para o presente e as perspectivas para o futuro (PADILHA, 2011, p. 23)

Embaladas pela motivação de compreender a construção da identidade profissional de enfermeiros, foi que buscamos através das “pegadas já traçadas pela história” (PADILHA, 2011) fazer uma reflexão histórica acerca de sua constituição. Nesta reflexão, foi fundamental conhecer os diferentes olhares que compõem o estado da arte dessa temática. Para tanto, recorreu-se à pesquisa bibliográfica pela possibilidade que oferece ao pesquisador: de uma compreensão mais ampla sobre a temática do estudo, identificar as lacunas, delinear a problemática, métodos e interpretação dos resultados em uma pesquisa (PRADO; BULNES; PENÃ, 2013).

Assim, partiu-se para a busca de como a identidade tem sido abordada na literatura de enfermagem, recorrendo-se aos periódicos localizados nas bases de dados eletrônicas, a saber: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); SCIELO (Scientific Eletronic Library Online); PUBMED (National Library of Medicine and National Institutes of Health), SCOPUS e CINAHL (Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature), sem delimitação de recorte temporal. A busca contemplou publicações científicas cujo título, resumo ou corpo do trabalho continha as palavras-chave: identidade da enfermagem, identidade profissional de enfermeiros, imagem de enfermeiros e/ou enfermagem. Nas bases internacionais foram usados os seguintes termos: *nursing identity and nurse identity and nurse formation*.

Além disso, foram realizadas buscas em teses e dissertações que abordassem a temática em estudo, indexadas no Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem, da Associação Brasileira de Enfermagem – CEPEn/ABEn, do ano de 2000 a 2013. Esse recorte temporal deveu-se ao acesso *online* a essa base de dados só estar disponível a partir do ano de 2000.

Nessa busca foram localizados 992 artigos, 15 dissertações e 10 teses, os quais foram submetidos a uma leitura flutuante para a avaliação quanto à pertinência e relevância para o estudo. Dentre estes, apenas 175 artigos, sete teses e cinco dissertações foram selecionados e submetidos

aos seguintes critérios de inclusão: a) abordar a temática em estudo; b) estar disponível *online* e gratuitamente, em periódico indexado; c) estar escrito nos idiomas português, espanhol ou inglês; d) texto completo ou resumos expandidos. O critério de exclusão foi apenas a duplicidade de trabalhos.

Entre esses artigos, 107 não estavam compatíveis com os critérios, mas todas as teses e dissertações foram aceitas. Assim, 68 artigos, sete teses e cinco dissertações foram selecionados como amostra deste estudo.

Esses artigos foram identificados e catalogados, em um quadro, por autores, título, periódico e base de dados. As teses e dissertações seguiram o mesmo critério. Logo após procedeu-se à leitura cuidadosa dos artigos, dissertações e teses, marcando-se com cores diferentes os trechos considerados pertinentes à construção histórica da identidade profissional de enfermeiros. Em seguida, codificaram-se as unidades de análise e partiu-se para a elaboração das categorias e subcategorias, que foram organizadas em quadros de acordo com os elementos e respectivos trechos capturados na produção científica, e a referência bibliográfica relacionada.

A análise nos conduziu aos diferentes perfis identitários da enfermagem/enfermeiros a partir da história, trazendo à tona categorias e subcategorias que suscitaram o debate acerca dos momentos históricos que marcaram, sobremaneira, a construção da identidade profissional, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Categorias e subcategorias x artigos, teses e dissertações que versaram sobre a construção dos perfis identitários de enfermeiros, Florianópolis, 2014

	CATEGORIA
	SUBCATEGORIA
	ARTIGOS
	TESES
	DISSERTAÇÕES
Imagem religiosa – militar	
Figuras míticas Profissão feminina Submissão profissional	
	<p>GERMANO 1993, ÔLHÉN; SEGESTEN, 1998, MOREIRA, 1999, SILVA AL, PADILHA MICS, BORENSTEIN MS, 2002, ARAÚJO, 2003, PORTO, 2004, BOSCHAMA G; YONGE O; MYCHAJLUNOW L, 2005, NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D.S, 2005, LOPES;LEAL, 2005, RIBEIRO et. al., 2006, OLIVEIRA, 2006, ZUZA, D. C, 2007.; SILVA, M. A. D. P, 2007, APESOA-VARANO, E., C., 2007, MEIS, C., ALMEIDA S, C, SILVA F., J. F., 2007, RAMBOR A, KRUSE M.H.L., 2007, CAMPOS; OGUISSO 2008, GERMANO, 2008, SANTOS.D.N et. al., 2008, BECK C.L.C et al., 2009, COSTA, R, et.al, 2009, BOCK, 2010, BORGES, M. S. SILVA, H. C. P., 2010, ADAMS R., 2011, BELLAGUARDA, M. et al., 2011, BRENNAN, D; TIMMINS, F, 2012, YAZDANNIK, A; YEKTA, Z P; SOLTANI, A., 2012,</p> <p>SANTOS, T.C.F. et.al., 2013, OLIVEIRA, et. al., 2014, JANSEN G., ROODBOL P., 2014, TEN HOEVE Y ., JANSEN G. & ROODBOL P., 2014</p>
	<p>PADILHA, 1997, PEDRO, 2011, CARRIJO, 2012, HENRIQUES, 2012,</p>
	<p>TEODOSIO, 1990, LEMONS, 2008,</p>

<p>Imagem vocacional e disciplinar</p>	<p>Imagem primitiva da enfermeira</p>
<p>Influência americana</p> <p>Florence Nighthale -Enfermagem Moderna</p>	<p>Instinto maternal – cuidados simples</p>
<p>GERMANO 1993, ÔLHÉN; SEGESTEN,1998, MOREIRA, 1999,RODRIGUES, 2001, SANTOS;BARREIRA, 2002, RIBEIRO et. al.,2006, ZUZA, D. C., 2007; SILVA, M. A. D. P , 2007, CAMPOS; OGUISSO 2008,GERMANO, 2007, CASTRO SANTOS, 2008, COSTA, R, et.al., 2009, COSTA, R, et.al., 2009, MECONE, M. C. da C., FREITAS, G F de ,2009, LOPES;SANTOS, 2010, BELLAGUARDA, M. et. al., 2011, -SANTOS T.C.F, BARREIRA IA, FONTE A.S, OLIVEIRA A. B , 2011,CARVALHO, 2013,</p>	<p>GERMANO 1993,ÔLHÉN; SEGESTEN,1998, MOREIRA,1999, RODRIGUES,2001, PORTO, 2004, CAMPOS; OGUISSO 2008, OLIVEIRA 2006, BASTIANI, 2012, MIRÓ-BONET M. et. al., 2014</p>
<p>PADILHA, 1997, PEDRO, 2011, CARRIJO, 2012, OLIVEIRA 2012</p>	<p>PADILHA, 1997,CARRIJO, 2012, JOFRE, 2005</p>
<p>TEODOSIO, 1990, CARLOS,2005, COSTA,L.MC, 2014,</p>	<p>COSTA,L.MC, 2012</p>

<p>PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO</p>	<p>Desconstrução da identidade servil e submissa. Importância das entidades organizativas na reconstrução da identidade -Papel da formação na (re)construção da identidade da enfermagem/enfermeiro.</p>	<p>SILVA,PADILHA,BORENSTEIN, 2002,GERMANO, 2003, GOMES,AMT;OLIVEIRA DC, 2005, MOURA et. al., 2006, - SANTOS,D.N et al., 2008, AVELAR, V. L. L. M. D., & Paiva, K. C. M. D. 2010,NELSON, 2011,PIRES; LORENZETTI,ALBUQUERQUE, 2011, PADILHA, MIS; NELSON, S; BORENSTEIN, MS. ,2011, LORENZETTI, 2012, MACHIN, A. I.; MACHIN, T; PEARSON, P., 2012, DEL PRATO, D, 2013, OLIVEIRA, et al., 2013,CARVALHO,2013</p>	<p>JOFRE, 2005, D'ESPINEY, 2010, HENRIQUES, 2012</p>	<p>MESQUITA, 2002, LEMOS, R.E, 2008</p>
--	--	---	--	---

Fonte: Resultados da análise dos dados da pesquisa bibliográfica, Florianópolis, 2014.

2.1 Os diferentes perfis identitários de enfermeiros a partir da história

Entender a origem e a ontologia do devir de uma área do conhecimento é importante para melhor compreender seus desdobramentos, sua trajetória e suas perspectivas para o futuro.

A identidade profissional é uma das formas das várias identidades que cada indivíduo possui e pode ser objeto de estudo, pelas características inerentes ao grupo em que ele se insere e pelos reflexos sociais produzidos por esse grupo (CASTELLS, 2010). Para esse autor, toda construção de identidade se dá em um espaço marcado por relações de poder, e destaca três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

A *identidade legitimadora* é aquela construída pelas instituições dominantes da sociedade objetivando alargar e racionalizar sua dominação frente aos sujeitos sociais. A *identidade de resistência* se constrói a partir da ação sujeitos sociais que se contrapõem a condições desfavoráveis legitimadas pela lógica da dominação e constroem trincheiras de resistência e superação com base em princípios que

rompem com aqueles impostos pelas instituições dominantes. Os sujeitos, para enfrentarem tais situações, criam estratégias de sobrevivência e uma nova identidade, a qual o autor designa de *Identidade de Projeto*, capaz de redefinir sua posição na sociedade ao mesmo tempo em que contribui para as mudanças sociais.

Cada uma dessas formas identitárias conduz a um resultado distinto, no que diz respeito à constituição da sociedade (CASTELLS, 2010), e, se coaduna com o modo de ser e estar dos sujeitos frente ao contexto social no qual se inserem, portanto nos parece, poderem ser aplicadas à constituição identitária de enfermeiros. Convém ressaltar que, muito embora essa concepção de Castells (2010) não se distancie das proposições de Dubar (2005), para o segundo é primordial a distinção entre identidade para si e identidade para os outros.

2.1.1 Imagem primitiva de enfermeiros: identidade em processo de construção

A identidade profissional de enfermeiros também é influenciada pela história da enfermagem de acordo com os diferentes contextos históricos em que ela se insere. Este fato se deve “à imbricação necessariamente existente entre o contexto (Enfermagem) e o sujeito deste contexto (enfermeiros)” (PORTO, 2004, p. 98). No entanto, faz-se necessário compreender a construção dos perfis identitários desses sujeitos para promoção do seu reconhecimento social e alavancar sua autonomia e consequentemente contribuir com o contexto geral da enfermagem.

A primeira identidade da profissão é associada a virtudes de bondade, paciência, abnegação, dentre outras. Esta é a imagem primitiva de enfermeiros, reconhecida como alguém com instinto maternal e que prestava cuidados simples, sem cunho científico.

Todos os estudos pesquisados vinculam a construção da primeira identidade de enfermeiros aos cuidados da mulher na sociedade primitiva. Nesse período, a concepção de saúde estava impregnada pela visão mística própria desse momento histórico. As doenças eram entendidas como castigo das entidades divinas. Os sacerdotes ou feiticeiros se encarregavam de curar as doenças através de rituais para afastar os maus espíritos. Os cuidados eram executados por escravos, em sua maioria mulheres que, no interior dos seus lares, se dedicavam a esses serviços (RODRIGUES, 2001; BASTIANI et al., 2011).

Porém, com o advento do Cristianismo a concepção de saúde/doença passa a ser focada como uma questão religiosa, onde as doenças eram vistas como uma maldição para aplacar os pecados frente a Deus. Assim, aqueles que cuidavam dos enfermos eram pessoas vinculadas à Igreja ou pessoas leigas que o faziam por um ato de caridade. O cuidado não tinha base no conhecimento científico, era executado pela prática cotidiana por pessoas imbuídas de um espírito cristão (RODRIGUES, 2001; BASTIANI et al., 2011). Na Espanha, alguns valores nacionalistas e religiosos foram repassados aos chamados enfermeiros dessa época, que contribuíram para uma imagem submissa e/ou como anjos de Deus (MIRÓ-BONET et al., 2014).

Nesse contexto, as organizações religiosas estavam voltadas para a caridade e o cuidado de doentes, em geral pobres, viúvos, idosos e escravos. Desse modo abria-se uma oportunidade de trabalho para as mulheres solteiras, diaconisas, as virgens e as viúvas, as quais se submetiam a disciplina rígida e às ordens médicas (TEODOSIO, 1990; NAUDERER, 2005).

No Brasil, a Enfermagem surgiu predominantemente sob a égide do sexo masculino, sendo os índios, nas figuras dos feiticeiros, pajés e curandeiros, os primeiros que se ocupavam dos cuidados aos que adoeciam em suas tribos (NAUDERER, 2005).

Somente com a chegada dos jesuítas e colonos foi sentida a necessidade de alguém para cuidar de enfermos, ao mesmo tempo em que contribuíram para a disseminação das doenças. Antes da colonização, os pajés, feiticeiros e curandeiros se ocupavam de tratar dos seus doentes em suas tribos; com a instalação da colônia, estes foram sendo substituídos pelos jesuítas e posteriormente pelos religiosos e voluntários (PADILHA, 1997; BASTIANI et al., 2011).

Quando as primeiras Santas Casas de Misericórdia foram fundadas, destinavam-se a pessoas pobres e aos órfãos e, logo que chegaram as ordens religiosas, estas assumiram a sua administração. A enfermagem que lá se exercia tinha um cunho essencialmente prático, sem nenhum nível de escolarização. Assim, o sentimento de religiosidade entre os primeiros a exercerem a enfermagem marcou, sobremaneira, seu espírito (GERMANO, 1993; PADILHA, 1997).

Essa condição perdurou até o início do século XX embora nesse período não fosse exigido qualquer nível de escolarização para aqueles que exerciam a profissão e a prática era embasada em conhecimentos puramente empíricos (PADILHA, 1997).

2.1.2 Imagem religiosa-militar: identidade caritativa, servil e legitimadora

A segunda constituição identitária da enfermagem e de enfermeiros aparece na literatura como uma identidade religiosa-militar. Com a instauração da era cristã, instala-se uma nova concepção de cuidados na profissão. Na Idade Média, as expedições militares religiosas criaram os primeiros hospitais como instituições de caridade. No século XIII, a assistência de enfermagem passou a desenvolver-se sob a forma religiosa-militar (GERMANO, 1993; VAGHETTI et al., 2011).

Assim, a filosofia do amor ao próximo e caridade advinda dos religiosos e das cruzadas militares imprimiu uma identidade religiosa-militar aos enfermeiros. Por muitos séculos, a identidade de enfermeiros esteve vinculada a essa visão religiosa, desconstruindo a imagem de cuidadora doméstica do período anterior. O trabalho de assistência, mesmo caritativo e servil, mas permeado de valores cristãos, lhes conferia, ainda que incipiente, um reconhecimento social.

Em estudo sobre o imaginário social que permeia a escolha profissional de enfermeiras brasileiras e peruanas, as autoras apontam a imagem servil, entendida como o desejo de servir ao próximo e doar-se em prol do cuidado, como uma das categorias que compõem a identidade profissional de enfermeiros, principalmente no caso brasileiro (RIBEIRO et al., 2006).

Muitos estudos apontam a Idade Média como a origem da feminização da enfermagem. O ingresso de algumas religiosas prestando cuidados de enfermagem determinou “a «imagem» da profissão: a predominância de elementos do sexo feminino e a associação à religião” (PEDRO, 2011, p.57, grifo do autor).

A definição da enfermagem como profissão “própria para mulheres” interferiu na formação da identidade profissional, principalmente no Brasil, pois identificava como ideal para a profissão um determinado tipo de mulher, qual seja, branca, culta, jovem, saudável. Desse modo, não havia a possibilidade de inclusão de mulheres negras nem tampouco de homens (CAMPOS; OGUISSO, 2008).

Essa concepção da enfermagem como profissão feminina e submissa é bastante ressaltada em diferentes contextos históricos e repercute negativamente na profissão. Essa questão também é referida em estudo na Suécia, em 1998, no qual se resalta que esse espírito

feminino e servil impingido pela sociedade à enfermagem não favorece o reconhecimento social, ainda mais quando se atrela a mulher ao cuidar em um momento histórico em que este é desvalorizado (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998). No que se refere ao papel da Igreja e do exército, essas autoras reafirmam o que outros estudos já demonstravam: a configuração dessas instituições como marcos temporais da enfermagem moderna.

A Idade Moderna, que se inicia com a transição do feudalismo para o capitalismo (final do século XIII ao início do século XVIII), promove na Europa Ocidental o avanço da divisão técnica do trabalho, provocando modificações nos diversos ramos de produção, inclusive no campo da saúde (GERMANO, 2008; KOERICH et al., 2011).

Nesse período de transição, surgiu em diferentes países um movimento que passou a negar os preceitos e dogmas da Igreja Católica, que foi denominado Reforma Protestante, afetando a identidade da enfermagem, que até então tinha cunho religioso. A expulsão dos religiosos católicos da Inglaterra desencadeou uma crise sem precedente nos hospitais, pois não havia pessoal para substituí-los. Assim, foram recrutadas mulheres nas ruas e em prisões para cuidar de doentes (OGUISSO, 2007).

O serviço de enfermagem, até então organizado pelos religiosos, torna-se desprestigiado. Este período se caracteriza como início da laicização da Enfermagem e de desconstrução de uma identidade atrelada à religiosidade. As mulheres de moral duvidosa (imorais, bêbadas, analfabetas) que não tinham qualificação para atender as exigências do mundo capitalista e que não estavam sob a guarda de maridos e foram submetidas a extensas jornadas e péssimas condições de trabalho (TEODOSIO, 1990; KOERICH et al., 2011).

Nessa mesma direção, outros autores fazem referência ao preconceito do nome “enfermeiros”, porque ele estava associado ao exercício de pessoas sem preparação alguma, ou, mesmo, a atividades sem compromisso com a moral e bons costumes, identificando “a enfermeiros (sua principal personagem) como mulher sedutora, inescrupulosa e vulgar” (CAMPOS; OGUISSO, 2008, p. 893)

Alguns estudos que tratam da identidade da enfermagem e de enfermeiros não identificam este período da reforma religiosa como marco na construção identitária da profissão. Para outros autores este período é considerado como de decadência da enfermagem, provocando uma crise de identidade na profissão.

Esse movimento religioso, denominado também por Reforma Protestante, não atingiu o Brasil simultaneamente, mas teve consequências, principalmente para a enfermagem. “O preconceito e a baixa valorização da enfermagem atravessaram o oceano e aportaram no Brasil em caravelas” (KOERICH et al., 2011, p. 140).

As práticas de saúde na Idade Moderna, na Europa, destacaram que a revolução da ciência proporcionou o ingresso do médico nos hospitais e sagrou o *status* da medicina como profissão. Conquanto os avanços técnicos que elevaram o saber médico, o mesmo não ocorreu com a enfermagem, que se manteve distante de um saber organizado e sem nenhum reconhecimento profissional (KOERICH et al., 2011).

Esse atraso da enfermagem para ingressar no processo de profissionalização, fruto da marca imprimida por longos anos pelo espírito servil, religioso, e predominantemente feminino, contribuiu para a reprodução das relações de trabalho sob a égide da hegemonia da medicina realizada apenas pelo sexo masculino. Desse modo,

A seletividade sexual, assentada em valores ideológicos religiosos, associa-se à seleção de grupos sociais a serem incorporados aos sistemas organizados de saúde em expansão, a partir dos avanços técnicos e tecnológicos do campo científico e da organização capitalista do trabalho (LOPES; LEAL, 2005, p.109-110).

Além disso, a modernidade institucionalizou a masculinização do mundo do trabalho, criando no imaginário social uma imagem do homem dotado de poder e de capacidades intelectuais. Contudo, a mulher foi identificada com o mundo doméstico, dedicando-se aos afazeres do lar e às atividades manuais não produtoras de capital e, portanto, considerados como trabalho desqualificado.

Esse discurso faz-se presente também “no cotidiano das mulheres que exercem a enfermagem, como se o primado da forma profissional de enfermagem se impusesse à possibilidade de expressão da vida, mulher-enfermeira” (MOREIRA, 1999, p. 56).

Assim, a reorganização hospitalar e seu gerenciamento são apropriados pela medicina, à época profissão masculina, que se estabeleceu como profissão hegemônica no processo de trabalho em saúde e submeteu os demais profissionais à sua lógica medicalizante, construindo ao longo dos anos o que se convencionou de identidade paramédica (MOREIRA, 1999).

O século XIX caracterizou-se por transformações políticas e econômicas que marcaram mundialmente todos os campos sociais, inclusive a saúde e em particular a medicina. Nesse contexto, organiza-se no Brasil a estrutura hospitalar, já ocorrida na Europa no século XVIII, conforme anteriormente assinalado. O hospital passa a ser, também, espaço de formação e aprimoramento técnico científico, transformando as relações no seu interior (PADILHA, 1997).

No entanto, no início desse período de modernização da saúde, a enfermagem brasileira vive ainda o conflito de identificação com dois modelos distintos e contraditórios: o da enfermagem tradicional sob o domínio da religião, que lhe configura perante a sociedade a imagem do anjo de branco e de santa; e o da enfermagem laica, profana, que busca consolidar a sua profissionalização como um dos processos essenciais do mundo moderno.

Pode-se afirmar que nesse período começa a desconstrução de uma identidade legitimadora, imprimida pelas instituições religiosas, que a manteve em condição de desvalorização social, e se inicia a conformação de uma nova identidade para a enfermagem e conseqüentemente para os enfermeiros, quando a enfermeira Florence Nightingale inaugura um movimento de consolidação da enfermagem como uma profissão.

2.1.3 Imagem vocacional e disciplinar: a desconstrução de uma identidade decadente ou construção de identidade de resistência?

O aflorar da burguesia e sua instituição como classe dominante no capitalismo propiciou a desconstrução de uma identidade decadente da enfermagem e paralelamente o emergir de uma nova identidade: a enfermagem vocacional e disciplinar.

Nesse contexto, a enfermagem se institucionaliza como profissão e passa ter o *status* de enfermagem moderna, graças à enfermeira Florence Nightingale, que deu voz e significado ao silêncio daqueles que prestavam cuidados de enfermagem, desconstruindo o espírito cristão/caritativo e servil que assombrava a profissão.

A esse respeito, alguns estudos sobre a identidade da enfermagem consideram Florence Nightingale como responsável pela construção dessa nova identidade profissional (COSTA et al., 2009; CARRIJO, 2012; LOPES; SANTOS, 2010). Outros a consideram a matriarca da Enfermagem moderna, por ter dado à enfermagem o estatuto

socioprofissional que lhe faltava e abrir o caminho para “uma nova representação social da mulher e profissionalização da enfermagem e consequentemente para uma nova identidade profissional” (LOPES; SANTOS, 2010, p. 181).

Muito embora o modelo vocacional esteja atrelado à concepção laica da profissão, na qual a prática passa a ser exercida também por pessoas leigas, ainda percebe-se no capitalismo do século XIX a presença de preceitos e dogmas do modelo religioso com diferentes formas de manifestação (RODRIGUES, 2001).

Alguns autores advogam que as identidades dos enfermeiros se constituem pelo cruzamento entre os saberes profissionais e as suas ideologias. Assim, a ideologia da vocação tem como base a concepção de que o exercício profissional dos enfermeiros se fundamenta no conceito de vocação em si mesmo, como uma aptidão natural para a profissão (RIBEIRO et al., 2006).

A enfermagem moderna emerge atrelada ao espírito voluntário dos tempos da guerra tanto na Inglaterra como no Brasil, através de Florence Nightingale e Ana Neri, respectivamente. Desse modo, a ideologia da enfermagem no mundo, e, em particular, no Brasil, assume o significado de abnegação, obediência, dedicação, marcando profundamente a profissão de enfermagem, até os dias atuais, criando uma imagem que o enfermeiro tem que ser alguém disciplinado e obediente (GERMANO, 1993). Essa concepção confirma-se no livro “Notas sobre Enfermagem”, no qual Nightingale ressalta a vocação, a religiosidade e a devoção como perfil de enfermeiros (NIGHTINGALE, 1989).

Para alguns autores o legado de Florence é destacado de forma positiva, pois pela sua condição social poderia ter se dedicado a questões mais amenas na sociedade. No entanto, após a experiência da Guerra da Crimeia (1853-1856), empenhou-se em contribuir para o desenvolvimento de programas educativos, dentre eles a criação da Nightingale Training School for Nurses at St. Thomas Hospital, primeira escola profissional de enfermagem dentro dos parâmetros modernos, em Londres, estendendo seu modelo de ensino pelo mundo (COSTA et. al, 2011).

Florence Nightingale quebrou o preconceito sobre a participação da mulher no Exército ao mesmo tempo em que estabeleceu uma nova visão da sociedade em relação à enfermagem e ao estabelecimento de uma ocupação útil para a mulher. Ao legitimar a hierarquia e disciplina no trabalho de enfermagem, ela introduziu o modelo vocacional ou a

arte de enfermagem (OGUISSO, 2007). O novo modelo implantado por Nightingale foi legitimado através da criação do primeiro curso de treinamento na Escola de Enfermagem do Hospital Saint Thomaz, na Inglaterra, em 1860, sob a coordenação de Nightingale (COSTA et al., 2009).

Outros autores atribuem a Nightingale a ruptura de uma identidade decadente pelo seu caráter de honestidade, sobriedade, devoção e, sobretudo, de religiosidade, e apontam que ela contribuiu para uma nova identidade para a enfermagem e consideram ser a mesma a fundadora da Enfermagem Moderna em todo o mundo (COSTA et al., 2009).

A exigência de pré-requisitos vinculando a imagem do cuidado à idoneidade moral, devoção, arte assexuada e de anjos de branco se fazia necessária para desconstruir a imagem amoral da mulher cuidadora que afetou a profissão anteriormente. Urgia garantir a saída da mulher de casa para ocupar um espaço profissional ajustado a uma suposta vocação feminina para o cuidar (MOREIRA, 1999).

No entanto, há um contradito ponderando que a enfermagem profissional emergiu lentamente como um campo profissional no início do século XX. Um dos autores afirma que foram os historiadores que legaram a Nightingale um verdadeiro rito de iniciação para o surgimento da profissão em escala mundial. No entanto, reconhece que “sua influência pessoal e a força de seu carisma foram indiscutíveis, com impacto duradouro em muitas regiões da Europa ocidental” (CASTRO SANTOS, 2008, p.14).

Segundo o mesmo autor, a identidade profissional não veio da “lady mítica e sua lâmpada”, mas, sobretudo, das frequentes relações e associações entre propagadoras dos novos preceitos e das práticas do cuidar. Inúmeras enfermeiras – lideranças como Ethel Bedford Fenwick, na Inglaterra; Anna-Emilie Hamilton, na França, Mary Adelaide Nutting e Lavinia L. Dock, na América do Norte, imbuíram suas seguidoras com um sentido de missão e de busca da identidade (CASTRO SANTOS, 2008). Todavia, este modelo vocacional é concebido como uma necessidade interna e justificado por motivos éticos e morais, passando a ser reconhecido, tanto pelos enfermeiros quanto pela sociedade, como identidade da enfermagem até os dias atuais.

Desse modo, é sabido que a importância da Escola de Enfermeiros fundada por Florence Nightingale é exaltada pela ruptura da prática empírica, exercida por leigos, e pela emergência de uma

prática sistematizada e racional, alicerçada em conhecimento científico. Nessa perspectiva, foi que a Enfermagem passou a ser denominada como Moderna ou Profissional.

No Brasil, a Enfermagem Moderna somente se inicia em 1922, sob a influência do Serviço Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller que, por força de um convênio com o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), na pessoa do seu diretor Carlos Chagas, proporcionou a vinda ao Brasil de uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil. À frente dessa Missão estava a enfermeira Ethel Parsons, que, ao fazer o diagnóstico da situação da enfermagem na cidade do Rio de Janeiro, trouxe um grupo de enfermeiras norte-americanas da área de Saúde Pública, com a intenção de organizar a criação da Escola de Enfermeiros do DNSP, na cidade do Rio de Janeiro (SANTOS; BARREIRA, 2002; BARREIRA et al., 2011).

Assim, o ensino sistematizado da enfermagem brasileira tem início em 1923, quando se organiza, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Escola de Enfermeiros do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), anexa ao Hospital Geral de Assistência daquele departamento, atualmente Escola Anna Nery, sob a égide da influência americana. Além de fundarem a Escola, estruturaram o serviço de enfermagem de saúde pública naquela cidade. O objetivo era combater as grandes epidemias que afligiam o contingente da população brasileira e debelar as doenças infectocontagiosas que punham em risco os estrangeiros que aportavam no Brasil e comprometiam a economia brasileira, que dependia do saneamento dos portos, para continuidade de suas transações comerciais (GERMANO, 2003).

No entanto, a literatura mostra que a primeira iniciativa da sistematização desse ensino ocorreu em 1890, quando foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados, conforme o modelo francês de saúde. Apesar de três tentativas de viabilizar seu funcionamento, a escola não obteve o êxito esperado. Em 1921 ela passou a ser denominada Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (PORTO; SANTOS, 2007). Até os dias atuais existe certa polêmica entre esta escola e a Escola Anna Nery a respeito da origem do ensino de enfermagem no Brasil.

Todavia, a instauração da enfermagem moderna no Brasil é reconhecida a partir do modelo Nightingale e das diretrizes hospitalares transportadas por enfermeiras norte-americanas. Os valores morais associados à ciência, arte, disciplina e poder estatal configuraram a

Escola Anna Nery como modelo padrão para a formação técnica do profissional enfermeiro no Brasil, contribuindo assim para a construção da sua identidade profissional (SILVA JUNIOR, 2000, COSTA et. al, 2011).

Portanto, a partir da literatura pesquisada, pode-se inferir que Nightingale colaborou para a desconstrução de uma identidade legitimadora que perseguiu a enfermagem durante muitos séculos e começava a entrar em decadência. No entanto, do lugar que ocupou como descendente de família burguesa, vinculada às instituições dominantes, há questionamentos se realmente ela contribuiu para o surgimento de uma identidade de resistência, conforme concebido por Castells (2010).

Ademais, alguns autores fazem severas críticas à não participação de Nightingale nas questões atinentes às mulheres da sua época. Porém, não se pode minimizar traços e conceitos nightingalianos relativos à (re/des)construção da identidade profissional de enfermeiros (CARVALHO, 2013). Dessa forma, cabe a indagação: será que podemos aferir-lhe a responsabilidade por ter construído uma identidade de resistência, pois romper com uma identidade decadente não significa necessariamente se contrapor à hegemonia dominante?

2.1.4 Processo de reconstrução da identidade profissional do Enfermeiro: movimento de resistência em busca de uma identidade de projeto

Como toda construção de identidade se constitui em um processo contínuo de confirmação, desconstrução ou reconstrução (DUBAR, 2005), a identidade profissional de enfermeiros no Brasil e no mundo vem sendo (des/re)construída ao longo dos anos e atravessando nesse percurso algumas crises de identidade.

Esses percursos identitários articulam-se às transformações sociais próprias do mundo contemporâneo resultantes do processo de globalização, como a revolução tecnológica e da informação e a reestruturação do capitalismo, as quais impactaram sobremaneira todas as esferas sociais no contexto mundial (MENDES, 2002; SANTOS, 2002; CASTELLS, 2010).

Alguns autores entendem que tais transformações globais têm colocado em destaque as questões de identidade, provocando por vezes uma crise identitária. Essa crise, ao mesmo tempo em que pode provocar a emergência de novas identidades, pode resultar em manifestações de

resistência e/ou reafirmação de identidades já existentes. Assim, os sujeitos, através de movimentos sociais, ao (re)construírem uma nova identidade podem contribuir para a transformação da estrutura social, e dessa forma estabelecerem uma identidade de projeto.

Desse modo, na revisão da literatura deste estudo identificaram-se, mesmo que de forma implícita, alguns elementos fundamentais que apontam à resistência a uma concepção conservadora legitimada pelas instituições dominantes da saúde e iniciativas para a construção de uma identidade de projeto para a enfermagem e, em particular, para os enfermeiros. Este projeto objetivou o reconhecimento social e político da profissão, buscando na produção do conhecimento sua essência científica, e ao mesmo tempo em que se aliava às transformações sociais, principalmente aquelas pertinentes ao setor saúde.

Dentre esses elementos destacam-se, nos artigos analisados, as mudanças ocorridas no processo formativo, tanto da graduação como da pós-graduação, como responsáveis pela reconstrução da identidade profissional de enfermeiros. Entretanto os estudos nacionais se referem mais ao primeiro, enquanto que os internacionais, ao segundo. A contribuição da formação universitária merece destaque não só pela possibilidade da aquisição e desenvolvimento de competências e habilidades, mas também pelas interações sociais estabelecidas com professores e colegas e pela formação de valores apreendidos, que os acompanham para além da inserção no mundo do trabalho (HENRIQUES, 2012; OLIVEIRA et al., 2013; DEL PRATO, 2013).

Além disso, o processo formativo superior é fundamental para o confronto que os sujeitos vão estabelecer com o mundo do trabalho ao saírem do sistema escola e, portanto, deve articular ensino e serviço, saberes e prática. Do mesmo modo, a prática cotidiana, as relações que se estabelecem no contexto de trabalho, as novas experiências e a busca por aprofundamento do conhecimento e pela especialização do saber são fundamentais para a (re/des)construção da identidade. Portanto, a pós-graduação em enfermagem veio somar-se à luta pela identidade profissional dos enfermeiros.

Alguns estudos associam o papel desenvolvido pela Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn, na organização de fóruns de debates para as mudanças do processo de formação, no sentido de fomentar o debate e propor estratégias para a melhoria da sua qualidade (CARVALHO, 2013; GERMANO, 2003).

Nesse sentido, uma das autoras destaca que foi marcante para o ensino de enfermagem a criação da Associação Nacional de Enfermeiros

Diplomadas (ANED), atualmente denominada de ABEn, no ano de 1926, por iniciativa das ex-alunas da primeira turma da Escola Anna Nery. Chama a atenção também para a criação da primeira revista de enfermagem, denominada *Anais de Enfermagem*, hoje *Revista Brasileira de Enfermagem*, que até os dias atuais é reconhecida pela importância que tem para o desenvolvimento da profissão (GERMANO, 2003).

No entanto, nos anos de 1970/1980, estudos apontam para uma estagnação no crescimento da enfermagem, evidenciando uma nova crise em sua história. A esse respeito, estudo sobre os temas desenvolvidos nos Anais do Congresso Brasileiro de Enfermagem, no período de 1977 a 1987, evidenciou que esta crise da Enfermagem trouxe reflexos na imagem desfavorável da profissão na sociedade e para a indefinição da identidade profissional (SILVA; PADILHA; BORENSTEIN, 2002).

Todavia, os debates promovidos pela Associação Brasileira de Enfermagem através dos seus congressos nacionais, ao final dos anos de 1980, possibilitou que a enfermagem rompesse com as trincheiras da resistência de uma identidade submissa, historicamente construída, através de uma grande mobilização de seus atores sociais denominada de Movimento Participação (MP), o qual ficou conhecido como um fenômeno social e político da enfermagem brasileira (LORENZETTI et al., 2012).

Esse movimento histórico estava atrelado às lutas da sociedade brasileira por democratização no país e extrapolou os muros da enfermagem para encontrar, também no sistema sociopolítico-econômico, respostas para a crise da profissão. Ele ocorreu pela necessidade de superação do modelo de organização profissional da ABEn-Nacional, fundado e consolidado, desde a criação da entidade, em bases reconhecidamente conservadoras (SILVA; PADILHA; BORENSTEIN, 2002; MOURA et al., 2006; PIRES; LORENZETTI; ALBUQUERQUE, 2011). Os sujeitos sociais envolvidos neste movimento de reconstrução social em geral, e da enfermagem brasileira, em particular, contribuíram, mesmo que de forma tímida, para a emergência de um projeto de reconstrução da identidade da profissão naquele momento histórico.

A literatura aponta também a luta da enfermagem para desconstruir o preconceito social de uma profissão eminentemente feminina e, portanto, desvalorizada, como algo positivo nesse novo projeto de identidade. Ela tem ao longo dos anos se associado às lutas

femininas em prol dos direitos sociais e políticos das mulheres em geral. A reconstrução de uma identidade feminina, ao se confrontar com o patriarcalismo, entendido como a autoridade do homem sobre a mulher e filhos no seio familiar, só foi possível no contexto das transformações da sociedade na contemporaneidade, tais como: economia global informacional com a abertura no mercado de trabalho; mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie; e o impulso promovido pelo movimento feminista (CASTELLS, 2010).

Essas transformações sociais permitem o desvelar de identidades e admitem um processo de conscientização e reconstrução da personalidade. Assim, o feminismo, entendido como uma identidade coletiva, tornou-se uma bandeira contra todas as causas da opressão feminina (CASTELLS, 2010).

Vale ressaltar que essa desconstrução só é possível se levarem-se em conta as relações de gênero construídas a partir da definição dos papéis sociais e de sua valoração histórica sustentada ao longo dos tempos pela ideologia dominante e reproduzida pelas diferentes estruturas sociais. Essa ideologia se fortaleceu no desenvolvimento do sistema capitalista, na medida em que diferencia os espaços públicos e privados nessa relação de gênero, privilegiando aqueles nos quais se desenvolvem os papéis masculinos.

Desse modo, se fortalece também uma identidade machista na saúde que é incorporada pelos serviços e pelos profissionais. A exemplo, uma das autoras da literatura pesquisada faz uma ponderação afirmando que, no final do século XIX e início do século seguinte, as enfermeiras que assumiram as lutas para o reconhecimento social e para superar esse estigma ainda tinham poucos modelos a seguir (NELSON, 2011).

A literatura analisada aponta para o avanço da enfermagem ao longo das últimas décadas em uma dimensão que ultrapassa largamente os propósitos com que emergiu de forma sistematizada em finais do século XIX. Por um lado, as transformações que se verificaram ao nível da sociedade em geral contribuíram para o crescimento científico da profissão, por outro lado, sua organização política assumiu a luta pelo seu reconhecimento social e sua afirmação como profissão.

Não obstante os avanços da Enfermagem, pela sua importância como profissão necessária no processo de saúde, ainda permanecem grandes desafios à luta pela construção da identidade profissional do enfermeiro. Porquanto, a valorização da profissão enfermagem (contexto) parece não ter reflexo direto na importância do profissional

enfermeiro (sujeito do contexto) nos serviços de saúde e na sociedade em geral. Vale ressaltar que aqui não se questiona o conhecimento, saberes e ação do enfermeiro, mas o seu pouco reconhecimento social, tendo em vista a carga de trabalho exaustiva, baixos salários, e ser confundido com outros profissionais da enfermagem e até dos serviços gerais, nos serviços de saúde.

Como já enfatizado, a construção da identidade profissional dos enfermeiros é um processo com idas e vindas e com embates no reconhecimento desse profissional tanto para si como pelos outros. Os futuros enfermeiros, no processo de formação, ao mesmo tempo, têm que aprender o que é ser e estar enfermeiro, e construir cotidianamente esse reconhecimento. Para afirmar sua identidade profissional alguns enfermeiros precisam se convencer e convencer os outros de que não são médicos, não são técnicos, não são auxiliares e, sim, enfermeiros. Isto tem resultado em uma indefinição de papéis que muito dificulta a construção identitária do enfermeiro, mesmo se reconhecendo o papel da enfermagem.

Seguindo esse mesmo raciocínio, alguns autores apontam para a necessidade de conquista de “espaços tanto para a implementação do processo de cuidar em Enfermagem, quanto para a aplicação e replicação das teorias de Enfermagem” (GOMES et al., 2007), os quais devem ser assumidos pelos enfermeiros.

Pois, embora se reconheça o avanço científico da profissão, faz-se necessária a adoção de estratégias de legitimação e incorporação do conhecimento científico produzido pelos enfermeiros, além da urgência de se investir na utilização de teorias específicas para subsidiar os estudos efetivados, e de serem definidos, não apenas no papel ou na força da lei, o legítimo espaço do enfermeiro e suas funções essenciais.

Nesta mesma linha de repensar os desafios, outros autores defendem a construção de um novo projeto coletivo de fortalecimento profissional e de intervenção no setor de saúde. Eles acreditam que “vivemos outra oportunidade histórica de articular unidade de ação em defesa da profissão, do direito à saúde e de cuidados de enfermagem de qualidade”. Assim, dentre outras propostas, defendem que urge a formação de enfermeiras líderes. Pois estes “são a esperança para o presente e futuro dessa profissão” (LORENZETTI et al., 2012).

Nesse processo faz-se necessário que os enfermeiros compreendam a construção dos perfis identitários que os conformam e repensem o modo de ser e estar na profissão, pois a mudança de postura também é fundamental para a construção de uma identidade.

Os desafios foram lançados. Resta-nos saber se os enfermeiros e as entidades organizativas estão preparados para a construção de uma nova identidade que possibilite o reconhecimento social, há tempos esperado, e ao mesmo tempo contribuir para as transformações da estrutura social, e, por conseguinte, da saúde.

3 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA: ENTRELACAMENTOS CONCEITUAIS À LUZ DO CAMPO DA SOCIOLOGIA

A sustentação teórica deste estudo tem como fio condutor o contexto da identidade e sua historicidade. Sua construção evidenciou uma diversidade de perspectivas teóricas acerca da identidade, nesse sentido, foi fundamental estabelecer o diálogo com algumas concepções teórico-conceituais que abordam as questões da identidade, à luz do campo sociológico.

O conceito de identidade tem sua origem no pensamento filosófico clássico, em que Parmênides e Heráclito já debatiam a dualidade do ser. No primeiro, considerado o pai da metafísica, o sentido da identidade é centrada no ser imutável que permanece o mesmo apesar das mudanças estruturais, e o segundo defende a mobilidade de todas as coisas e portanto do ser, para ele não há essências eternas, tudo flui e é passível de mudanças (ZINGANO, 2002; DUBAR, 2009). Também Platão e Aristóteles trouxeram à tona a questão do ser ou não ser, diferenciando-os pelos diferentes tempos e espaços que ocupavam (LEMOS, 2008).

Com o advento da modernidade, que provocou mudanças no pensamento contemporâneo, emerge uma nova concepção do sujeito e de sua identidade. Assim, no século XX, a identidade foi inicialmente discutida pela psicologia, destacando-se as ideias psicanalistas de Erickson (1987). Esse autor teve uma contribuição marcante na evolução do conceito de identidade, pois, apesar de sua formação psicanalista, ele agregou a influência dos aspectos sociais, buscando articulá-los de forma interdisciplinar (GOFFMAN, 1980; DUBAR, 2005).

Para Kaufmann (2004), nada mais é intrínseco à modernidade do que o conceito de identidade, pois nas culturas tradicionais os indivíduos não se enxergavam como indivíduo particular, o que prevalecia era a coletividade. Assim, não estavam sujeitos às questões identitárias modernas, de pertencimento múltiplo, de mudanças constantes (DUBAR, 2009; ZANATTA, 2011).

Nesse mesmo sentido, Giddens (2000) afirma que a questão da modernidade ressurgiu no século XXI como um problema sociológico fundamental. Para o autor a reflexividade da modernidade se amplia ao núcleo do eu, que se torna um projeto reflexivo que tem que ser explorado e construído. Diferentemente das culturas antigas, o eu na modernidade não é uma entidade passiva, produzida por influências

externas, os indivíduos ao construírem suas identidades também interferem no contexto social.

Ao longo do tempo, os estudos sobre a identidade se desenvolveram abrangendo outras áreas do conhecimento, pautando para a ordem do dia o debate sobre as temáticas sociológicas no final do século XX. Na sociologia a questão da identidade passou a ser uma preocupação a partir das décadas de 1980 e 1990, principalmente nos trabalhos de pesquisas, destacando-se as obras centradas na perspectiva interacionista.

Dentre os estudos que adotaram a perspectiva sociológica, nos quais a identidade foi concebida como resultado dos processos de socialização, destacam-se: Berger e Luckmann (1976), Goffman (1980), Erikson (1987), Demazière e Dubar (2006), Dubar (1998, 2003, 2005, 2009) e Castells (2010). Esses autores têm em comum a concepção de que a socialização não pode ser compreendida como uma forma única de integração social. Porém, cada um desses autores a seu modo trabalha o entendimento desse processo, destacando concepções e conceitos (ZANATTA, 2011).

No entanto, considerando-se que este estudo está centrado no processo socio-histórico da construção da identidade profissional do enfermeiro, optou-se pela fundamentação teórica centrada no campo sociológico a partir das concepções de processos identitários desenvolvidos por Dubar (2005), muito embora os demais referenciais teóricos desse campo possam vir a contribuir com o debate sobre a temática deste estudo.

Conforme o campo sociológico, a socialização é vista como a “introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (BERGER; LUCKMANN, 1976, p.175), e assume duas formas distintas: primária e secundária. A primária é aquela vivenciada na infância, através da qual a criança estabelece relações com o mundo social da família, principalmente a mãe, e a escola. A secundária diz respeito à introdução do indivíduo socializado em novos setores institucionais, particularmente ao mundo do trabalho, no qual os indivíduos incorporam saberes especializados, os quais Dubar (2005) denomina de saberes profissionais.

A socialização também é compreendida como o processo pelo qual um ser humano desenvolve as suas formas de ser e estar no mundo e de estabelecer relações com os outros e com o meio no qual está inserido, tornando-se assim um ser socialmente identificável. Todavia,

esse processo de socialização é dinâmico e mutável e constrói, desconstrói e reconstrói as identidades (DUBAR, 2005).

Nessa perspectiva, a identidade é concebida como produto de sucessivas socializações, que ocorrem em toda a trajetória de desenvolvimento dos sujeitos e envolvem continuidades e descontinuidades. No entanto, ela não pode ser vista em uma única dimensão, nem tampouco como mera transmissão de valores, regras e normas sociais, mas também deve aceder que o indivíduo desenvolva uma representação do mundo. É pela compreensão interna das representações de cognição e afetividade, perceptivas e operacionais, estratégicas e identitárias que habita o mistério da construção operacional das identidades (DUBAR, 2005).

Nesse sentido, Dubar (2005) define a identidade como “o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 2005, p. 136).

Ao referir-se à identidade no plural, o autor demonstra que as identidades coexistem como uma pluralidade de formas identitárias: as nominais ou culturais (próprias nas comunidades tradicionais, que implicam a dominação de sexo), as reflexivas ou ideológicas (sinônimas de engajamento moral e de convicções dominantes, expostas nas dominações simbólicas), as narrativas ou singulares (vinculadas à dominação de classe) e, finalmente, as estatutárias ou profissionais (associadas à dominação burocrática). Ele elabora a noção de formas identitárias pelo entendimento da dinamicidade e pluralidade dos processos de construção e transformação identitária. Vale ressaltar que nenhuma forma identitária se sobrepõe a outra e elas só podem ser analisadas e compreendidas dentro do seu contexto histórico, espaço e tempo.

Assim sendo, Dubar (2005) construiu seu modelo de análise sociológica a partir do entendimento da dualidade social, no qual ele defende que a produção das identidades ocorre na articulação de dois processos heterogêneos: processo relacional (identidade para o outro) e processo biográfico (identidade para si), conforme demonstra o quadro abaixo.

Quadro 2 – Categorias de análise de identidade

PROCESSO RELACIONAL	PROCESSO BIOGRÁFICO
Identidade para o outro	Identidade para si
Atos de atribuição “Que tipo de homem (ou de mulher) você é” = dizem que você é	Atos de pertencimento “Que tipo de homem (ou de mulher) você quer ser”
Identidade social virtual	Identidade social real
Transação objetiva Identities atribuídas/propostas Identities assumidas/incorporadas	Transação subjetiva Identities herdadas Identities visadas
IDENTIDADE SOCIAL MARCADA PELA DUALIDADE	

Fonte: Dubar, 2005, p.142 (adaptado pela autora).

Para o autor, o **processo biográfico** diz respeito à incorporação da identidade pelo próprio indivíduo em sua trajetória social e é legitimado subjetivamente, enquanto que o **processo relacional** (identidade para o outro) concerne à identidade atribuída pelas instituições e por aqueles que interagem diretamente com o indivíduo, em um momento dado e no seio de um espaço determinado de legitimação, das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e expressas pelos indivíduos nos sistemas de ação. Em aquiescência com Goffman (1980), o autor adotou as denominações de identidade social real (que o sujeito mesmo se atribui) e identidade social virtual (conferida por outro) aos dois processos, respectivamente.

Os **atos de atribuição** presentes no processo relacional são aqueles que visam definir que tipo de sujeito você é, ou seja, a identidade para o outro. Eles só podem ser analisados no contexto em que os sujeitos estão inseridos, como resultantes de relações de força entre todos os atores envolvidos e da legitimidade das categorias utilizadas. Os **atos de pertencimento** dizem respeito à interiorização ativa da identidade pelos próprios indivíduos. Eles só podem ser analisados no cerne das trajetórias sociais pelas quais os indivíduos

constroem identidades reconhecidas para si, que são as histórias que eles contam sobre si mesmos. E, dessa maneira,

[...] nenhuma instância simbólica reguladora (a religião, o Estado...) ainda assegura a continuidade necessária entre as identidades reconhecidas ontem e as de amanhã. O que está em jogo é exatamente a articulação entre esses dois processos complexos mas autônomos: a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto não podemos prescindir dos outros para forjar nossa própria identidade (DUBAR, 2005, p. 143).

Para o mesmo autor, essas formas identitárias não se separam das relações sociais e são também formas de alteridade, pois não há identidade sem alteridade e, por conseguinte, sem relações entre o mesmo e o outro. No entanto, essas formas de dominação e de alteridade são questionadas tanto pelas evoluções econômicas quanto pelos movimentos sociais, pondo em crise as formas de identificação, implicando no surgimento de estratégias identitárias (DUBAR, 2009).

Essas estratégias poderão adotar duas formas: a de **transações objetivas** (externas/identidades sociais atribuídas) visando à adaptação da identidade para si à identidade para o outro, ou a de **transações subjetivas** (internas) ao indivíduo para proteger parte de suas identidades anteriores (identidades herdadas) e o desejo de construir para si novas identidades no futuro (identidades visadas) com o propósito de absorver a identidade para o outro à identidade para si. Assim, o modelo de análise sociológica desenvolvido por este autor faz da articulação entre essas duas transações a chave do processo de construção das identidades (DEMAZIÈRE; DUBAR, 2006).

Destacam-se como fundamental para a identidade social a saída do sistema escolar e a confrontação com o mercado de trabalho. Desse confronto dependerá a construção de uma identidade profissional como resultante de processos de socialização profissional cada dia mais diversificados, dinâmicos e em contínuo movimento de (re/des)estruturação. O que está em jogo não é apenas a escolha da profissão ou aquisição de um diploma, mas, sobretudo, a construção pessoal de uma estratégia identitária que incorpore a imagem para si, a avaliação das potencialidades e a consecução de desejos (DUBAR, 2005).

Não obstante a relação entre identidade social e profissional, elas não podem ser confundidas, porque a segunda é produzida no espaço do trabalho remunerado, “as identidades profissionais são as maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego” (DUBAR, 2009: 117-118).

Nesse sentido, na construção de uma identidade profissional destacam-se o emprego, o mundo vivido do trabalho e as experiências do processo de formação. Embora o emprego condicione a construção das identidades profissionais, o trabalho produz as mudanças identitárias e a formação intervém nessas formas identitárias para além do período escolar por muito tempo (DUBAR, 2005).

Os processos de formação acadêmica, por possibilitarem vivência de atividades práticas que aproximam os alunos do contexto de trabalho real, são importantes para que os mesmos construam suas identidades profissionais. Representam também espaços de socialização nos quais os alunos estabelecem relações entre si e com os docentes e através delas (re/des)construem essas identidades. Ademais, a construção das identidades profissionais pode ser modificada no decorrer da prática profissional de acordo com o contexto social e econômico e/ou com o próprio contexto do trabalho.

Assim sendo, pode-se dizer que as identidades profissionais estão sempre em movimento, em uma dinâmica de desestruturação/reestruturação e, na condição de construções sociais, articulam trajetórias individuais, sistemas de emprego, de trabalho e de formação. Todavia é na interseção desses três últimos campos que se define a identidade profissional que é concebida tanto como uma configuração, bem como uma dinâmica que implica evoluções expressivas em resposta às mudanças das instituições/empresas. No entanto, não se deve renunciar às identidades sociais, a *status* de emprego e nem tampouco a níveis de formação (DUBAR, 2005).

Em seu modelo de análise, Dubar (2005) identifica quatro identidades profissionais típicas que foram reconstruídas a partir de diversos estudos empíricos. Para o autor, elas

[...] ancoram-se na esfera socio-profissional, mas não se reduzem a identidades no trabalho. Correspondem a trajetórias sociais diferentes, mas não se resumem a *habitus* de classe. Mobilizam categorias oficiais, posições em espaços escolares e socioprofissionais, mas não se resumem a categorias sociais (DUBAR, 2005, p. 323).

Essas formas identitárias podem ser decifradas pelo modo de articulação entre os processos de transação objetiva e subjetiva, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 3 - Os quatro processos identitários típicos de Dubar

PROCESSO BIOGRÁFICO	PROCESSO RELACIONAL	Transação objetiva	
A Identidade para si (Ato de pertencimento)	A Identidade para o outro (Ato de atribuição)	Reconhecimento	Não reconhecimento
Transação Subjetiva	Continuidade	Promoção (Interna) Identidade de empresa	Bloqueio (Interno) Identidade de ofício
	Ruptura	Conversão (externa) Identidade de rede	Exclusão (externa) Identidade de fora do trabalho

Fonte: Dubar, 2005, p.326 (adaptado pela autora).

Nesse quadro, Dubar (2005) mostra que a articulação entre as transações objetiva e subjetiva pode ser resultante, por um lado, de ajustes entre identidades herdadas e identidades visadas e, por outro, pode ocorrer através de negociações externas entre identidades atribuídas/propostas por outem e identidades assumidas/incorporadas.

A transação subjetiva que ocorre ao longo do tempo pode conduzir a uma continuidade ou à ruptura. Quando as identidades são construídas como continuidade, os resultados da transação objetiva vão ocorrer em um espaço associado de realizações que pode ser do tipo organizacional (identidade de empresa) ou do tipo profissional (identidade de ofício). No entanto, se as identidades são construídas nos moldes da ruptura, pode ocorrer um conflito e desencadear um processo de exclusão ou de conversão.

No caso da transação objetiva, contextualizada no espaço, pode ocorrer um reconhecimento ou o não reconhecimento. O primeiro diz respeito ao produto de interações positivas onde há possibilidade de se posicionar em diversos espaços de socialização. Nesse caso, há uma multiplicidade de instituição ou parceiros que legitimam a identidade visada pelo indivíduo: a empresa, a organização profissional, os organismos de formação e a família. O segundo, ao contrário, procede de interações conflituosas entre a identidade para si (virtual) e a identidade para o outro (real) (DUBAR, 2005; ZANATTA, 2011).

Assim, o espaço social das identidades típicas se configura como um grande espaço que se estende para além da esfera do trabalho. “Cada configuração identitária implica uma relação com o espaço social e, portanto, um arranjo de subespaços que o estruturam” (DUBAR, 2005, p. 326-327).

As configurações identitárias típicas são articulações que estão sempre em movimento e a dinâmica de (re/des)estruturação pode assumir, dentro de determinados contextos sociais, a aparência de crises de identidade. Na atualidade cada configuração identitária

[...] assume a forma de um misto em cujo cerne as antigas identidades vão de encontro às novas exigências da produção e em que as antigas lógicas que perduram entram em combinação e às vezes em conflito com as novas tentativas de racionalização social (DUBAR, 2005, p. 330).

Nessa concepção, as identidades sociais e profissionais não podem ser compreendidas nem como expressões psicológicas de personalidades individuais nem tampouco como produtos de estruturas econômicas, “mas sim como construções sociais que implicam a interação entre as trajetórias individuais e os sistemas de emprego, trabalho e formação” (DUBAR, 2005, p. 330).

Assim, neste estudo buscou-se delinear a abordagem sociológica do conceito de identidade, destacando-se sua expressão no espaço social do trabalho, que subsidiasse a compreensão sobre a construção da identidade profissional de enfermeiros. Nesse sentido, é pertinente fazer uma breve discussão a respeito do entendimento de profissão que norteia este estudo. Ao buscar-se o conceito de profissão, percebeu-se também uma dificuldade de uma conceituação precisa, tendo em vista a sua complexidade. Historicamente este conceito tem assumido diferentes sentidos, de conformidade com a língua ou com a área de conhecimento.

Dubar (2005), ao fazer a análise dessa terminologia, destaca que em Francês e Português encontram-se pelo menos dois sentidos para o termo “profissão”, que designa ao mesmo tempo: a totalidade dos “empregos” (*occupations*) e as “profissões” liberais e científicas (*professions*), para distinguir da primeira.

Para o autor, com a solidificação das Universidades passou-se a dissociar as artes liberais das artes mecânicas, conduzindo a uma divergência entre as profissões provenientes das “*septem artes liberales*”

produzidas nas universidades e os “ofícios”, derivados das “artes mecânicas” (DUBAR, 2005). Desse modo, está implícito “um conjunto de distinções socialmente estruturantes e classificadoras que se reproduziram através dos séculos: cabeça/mãos, intelectuais/trabalhadores manuais, etc.” (DUBAR, 2005, p. 165).

Esta consagrada separação entre trabalho manual e intelectual fortaleceu no mundo capitalista a hierarquia e a valorização de umas profissões em detrimento de outras. Com o desenvolvimento exacerbado da ciência e da técnica que fragmentou o conhecimento em especialidades que não se articulam entre si, isso consagrou o monopólio dos profissionais sobre determinadas áreas de atuação.

Na área de saúde esta questão é bastante pertinente e as pesquisas de Freidson (2001) persistem nas “diferenciações internas ao corpo médico e mostram os ajustes dos médicos às necessidades de seus clientes, diferenciados segundo a classe social” (DUBAR, 2005, p. 181). Freidson (2006), ao caracterizar uma profissão, se espelha na medicina, no direito, engenharia e em outras profissões que têm uma forma organizacional centrada na sociologia do trabalho nos moldes das organizações industriais. Desse modo,

[...] a profissão se torna um “corpo” às vezes mais preocupado com seu funcionamento interno e com o respeito a seus procedimentos burocráticos do que com a qualidade dos serviços prestados aos clientes (DUBAR, 2005, p. 195).

Conforme Bellaguarda (2013), Freidson designa a Enfermagem como uma ocupação ou atividade paraprofissional, que depende do direcionamento de outro profissional para o exercício de sua prática, não possui autonomia profissional e não tem o reconhecimento da utilidade social deste trabalho profissional e do domínio de um campo específico/próprio de conhecimentos.

No entanto, essa autora debruçou-se sobre os preceitos desse autor e apresenta argumentos conceituais no entendimento da Enfermagem como uma profissão da área da saúde, discordando da concepção de paraprofissão, apontada pelo sociólogo. Assim, defende a tese de que “o Conselho Regional de Enfermagem confere reconhecimento à Enfermagem como profissão da saúde potencializando a autonomia, o credencialismo e a aplicação de conhecimentos científicos para o exercício profissional” (BELLAGUARDA, 2013, p. 34).

A esse respeito, Pires (2009), ao problematizar a caracterização de Freidson, diz que faz-se necessário analisar o significado das características das profissões no contexto das formas de organização do trabalho coletivo próprias do modo capitalista de produção que influenciam os diferentes setores sociais, a exemplo da saúde. Ela defende que

[...] ‘profissão’ designa a qualificação de um grupo de trabalhadores especializados na realização de determinadas atividades, os quais dominam os conhecimentos que fundamentam a sua realização (PIRES, 2009, p.740, grifo do autor).

Destarte, neste estudo concordamos com a definição de profissão a partir da autora supracitada, e também nos associamos às ideias interacionistas do campo da sociologia.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para evocar seu próprio passado, a pessoa precisa recorrer às lembranças dos outros, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente meio. (HALBWACHS, 2006, p. 72)

Nesta etapa apresentamos os caminhos metodológicos percorridos para a compreensão de como a formação universitária contribuiu para o processo socio-histórico de construção da identidade profissional de enfermeiros, no Rio Grande do Norte, a partir das memórias individuais e coletivas dos egressos da primeira turma do curso de graduação em enfermagem da UFRN/Natal.

Compreende-se a metodologia como caminho escolhido para se atingir os fins propostos pela pesquisa, de “forma abrangente e concomitante” conforme considera Minayo (2006, p.44),

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o ‘caminho do pensamento’ que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

4.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa socio-histórica, de abordagem qualitativa, cujo referencial teórico-metodológico está centrado nas memórias dos egressos da primeira turma do curso de enfermagem da UFRN/Natal, sustentada pelos pressupostos teóricos-metodológicos da História Nova (HN) e, como técnica para coleta de dados, a História

Oral (HO). Uma das características primordiais da pesquisa qualitativa é sua singularidade na compreensão de dimensões particulares de um determinado estudo, não atendo-se a generalizações (DELGADO, 2010).

Além disso, a pesquisa qualitativa possibilita desvelar processos sociais que dizem respeito a grupos particulares, ainda pouco conhecidos, e é adequada para a investigação de histórias sociais sob o olhar dos atores sociais, correspondente a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2006). Assim, a opção pela pesquisa qualitativa deveu-se à necessidade de compreender os meandros dos motivos, crenças, ideias, as aspirações dos egressos ao optarem por serem enfermeiros, e os significados e as interpelações dos acontecimentos vivenciados no processo de formação que impulsionaram a identificação com a profissão.

O referencial metodológico deste estudo se compõe de fundamentos teóricos advindos do diálogo de vários autores que se debruçam, nos seus estudos, sobre o método histórico, tecidos a partir dos pressupostos da História Nova. Para fundamentação dos procedimentos metodológicos lançamos mão da história oral e destacamos alguns aspectos sobre as concepções históricas que fundamentam este estudo.

A história que nasceu no século V antes de Cristo, nas sociedades ocidentais, mais precisamente na Antiguidade grega de Heródoto, considerado o “pai da história”, desde então se posiciona “em relação a uma realidade que não é nem construída nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas sobre a qual se ‘indaga’, se testemunha” (LE GOFF, 2003, p. 9).

Contudo, no decorrer dos tempos o debate historiográfico vem sofrendo consideráveis transformações, desde o século XIX. Para Le Goff (2003), o século XIX se constitui no século da história, por conceber ao mesmo tempo os preceitos que privilegiam a história dentro do saber – historismo ou historicismo, e uma categoria do real, a historicidade. A historicidade é vista pelo autor como a possibilidade de negar a “sociedade sem história”, ela “obriga a inserir a própria história numa perspectiva histórica” (LE GOFF, 2003, p. 18).

Conforme Arostegui (2006), a historiografia da Antiguidade clássica, a qual buscava como fonte para a construção de seus relatos os testemunhos diretos, que havia predominado até finais do século XIII, perde, no final do século XIX, o prestígio que possuía. Surge então a

história tradicional que, influenciada pelo Positivismo, concentrava sua atenção nos feitos dos grandes homens, estadistas, generais, e também em personalidades eclesiástica (BURKE, 2000). Nesse período, a história tinha como propósito descrever, apenas através de documentos, as sociedades passadas e suas transformações.

Na primeira década do século XX, essa tradição historiográfica sofre uma ruptura, com o surgimento, na França, no ano de 1929, de um novo paradigma no campo do conhecimento histórico, o qual apontava para novos direcionamentos, no que diz respeito à produção historiográfica. “A Escola dos Annales foi o primeiro movimento historiográfico do século XX nascido no próprio campo da pesquisa histórica.” (AROSTEGUI, 2006, p.139).

Esse movimento produz transformações no campo da história denominado de “História Nova”, que trata de uma nova visão sobre os documentos, instaura a ideia de história como problema, apresentando uma tripla possibilidade de estudos históricos: **novos problemas, novas abordagens e novos objetos** para a história. Para Le Goff e Nora (1995), novos problemas colocam em causa a própria história, novas abordagens modificam os setores tradicionais da história e novos objetos trazem novas possibilidades no campo epistemológico da história.

De acordo com Burke (2000), embora a expressão “a nova história” tenha se tornado mais conhecida na França, ela se alia aos movimentos contra o paradigma tradicional, ocorridos nos anos de 1970 e 1980, em vários países. Ele diz que, após a revolução da história no século XX, a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana.

Assim, nesse novo paradigma, a história do século XX passa a ser conhecida como história do tempo presente, pela singularidade de coexistir com testemunhos vivos, trazendo para a pauta dos historiadores os depoimentos orais (GUIMARÃES, 2006). A respeito da singularidade e do universal, Le Goff (2003) destaca que há um contrassenso na história, pois, se por um lado a história busca o universal, por outro considera-se que um fato histórico é sempre único. Na concepção desse autor,

A contradição mais flagrante da história é sem dúvida o fato do seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que o seu objetivo, como o de todas as ciências, é

atingir o universal, o geral, o regular (LE GOFF, 2003, p. 34).

No que se refere à história oral, o seu grande marco no mundo foi a criação do primeiro projeto formal de história oral, na Universidade de Columbia, Nova York, na qual Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, realizou entrevistas acerca dos grupos dominantes norte-americanos (THOMPSON, 1988).

No Brasil, assim como na América Latina, a História Oral, não obstante os esforços envidados nos anos de 1970, somente vai florescer na década de 1980, com o processo de redemocratização do país. Na década de 1990, observa-se um acréscimo significativo da história oral, principalmente nos anos de 1994 e 1996, quando foram criadas, respectivamente, a Associação Brasileira de História Oral e a Associação Internacional de História Oral (MEIHY, 2006, p. 90).

A instalação dos primeiros programas de História Oral constituiu um marco no país, a exemplo da criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediado pela Fundação Getúlio Vargas, no Estado do Rio de Janeiro, e o da Universidade Federal de Santa Catarina, ambos no ano de 1975. Além disso, “o primeiro texto publicado a usar a expressão ‘história oral’ foi resultado da dissertação de mestrado de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado História Oral: teoria e técnica, que em 1977 delineava critérios para a definição da história oral nos trópicos” (MEIHY, 2000, p. 90).

Conforme Padilha, Borenstein (2005), o III Encontro Nacional de História Oral, realizado em Campinas em 1996, foi um marco relevante para difusão da História Oral pela participação de historiadores ligados à academia e pelo acréscimo fundamental da participação de alunos de pós-graduação e bolsistas de iniciação científica.

Segundo Thompson (1988), a história oral pode ser um meio utilizado para se escrever e contar a história, através de depoimentos pessoais sobre processos históricos, sociais e coletivos, podendo-se transformar o conteúdo, bem como o intuito da história. Lozano (2006), reafirmando esse ponto de vista, diz que a história oral vai para além de um relato organizado da vida das pessoas, ela intenta transformar e produzir conhecimentos históricos e científicos. Para Meihy (2000) o objetivo da história oral é a transformação, mas ressalta que não se trata de uma transformação em sentido restrito, meramente imediato, pois

toda a ação da história oral é transformadora, desde a elaboração do projeto até sua etapa final.

No Brasil, os enfermeiros vêm desenvolvendo estudos sobre o método histórico, revelando a trajetória de sua historicidade e do seu reconhecimento social, utilizando-se da história oral como um procedimento metodológico da pesquisa qualitativa. Assim, nesta investigação, a história oral foi selecionada como um caminho para a produção do conhecimento histórico acerca da construção da identidade profissional de enfermeiros.

Essa opção não se dá ao acaso, ela se fundamenta na possibilidade de a história oral produzir uma articulação entre o tempo passado (a fala do que foi vivido) e o tempo presente (período da produção do depoimento), na qual se inter cruzam intersubjetividades. Delgado (2010, p. 18) quase de uma forma poética diz que, na história oral, “fala-se em um tempo sobre outro tempo”, e ressalta que

Registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações, em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem renovadas ou ressignificadas pelas emoções de hoje (DELGADO, 2010, p. 18).

Nessa escolha levou-se em conta também que, na construção de identidades, são as similaridades e a afirmação das diferenças que direcionam os sujeitos em relação ao grupo social que os circunda e a história oral contribui para que essas semelhanças e diferenças sejam reconhecidas (DELGADO, 2010).

Ademais, de acordo com Meihy e Holanda (2011), a história oral pode ser dividida em três modalidades distintas: História oral de vida, que é decorrente de narrativas, as quais dependem da memória; História oral temática, que foca-se em um ponto central capaz de levar à objetividade; e Tradição oral, que se ocupa de descrições mais detalhadas da vida cotidiana.

Entre os tipos de história oral optamos pela história oral temática, compreendida como uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, obtido através da interação entre pesquisador e entrevistado, ator/testemunha de fatos relevantes para a compreensão do objeto de estudo, a identidade profissional de enfermeiros, inclusive para a obtenção de relatos sobre fatos negligenciados pela documentação escrita. Além de permitir a apreensão das informações, possibilita a construção da história a partir dos relatos oriundos de

experiências anteriores e, em geral, concernentes a dado período, levando em conta tanto as referências quanto o imaginário dos sujeitos da pesquisa (THOMPSON, 1988).

A história oral temática é mais apropriada para estudos com recortes específicos extraídos das entrevistas, que são planejadas, organizadas com vistas à obtenção de um fim. Nela a objetividade é mais direta, pois é mais atenta à precisão, podendo ser trabalhada com questionários dedutivos ou indutivos. No entanto, o simples contato pessoal do pesquisador interfere nas respostas, não se descartando, portanto, o caráter da subjetividade (MEIHY, 2008). Aliás, a história pessoal do narrador só interessa quando tem alguma importância para o tema trabalhado (MEIHY; HOLANDA, 2011).

A seleção desse referencial teórico-metodológico, para sustentabilidade desta pesquisa que aborda a identidade profissional de enfermeiros a partir de memória de egressos, se fundamenta no entendimento de que a memória e história entrelaçadas pela reconstituição temporal e espacial contribuem com os processos de construção social das identidades e dos sentimentos de pertencimento a eles vinculados.

4.2 Participantes da pesquisa: vozes da memória¹

Figura 1 - Egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Florianópolis, 2014



Fonte: Fotografias cedidas pelos participantes. Florianópolis, 2014.

A escolha dos participantes de uma investigação científica deve estar atrelada aos objetivos da pesquisa, à temática proposta e à questão

¹ O termo “Vozes da memória” tomamos emprestado de Delgado (2010), que considera essas vozes como processos sociais ativos essenciais para a produção de novas fontes históricas e para a preservação da documentação existente. Elas são expressas por narrativas e outros tipos de registros.

da pesquisa. Assim, as pessoas selecionadas devem estar entre aqueles que vivenciaram os fatos históricos e podem partilhar lembranças evocadas das suas memórias.

Considerando que se trata de uma pesquisa sobre a contribuição da formação superior na construção da identidade profissional de enfermeiros a partir da memória de egressos, os participantes deste estudo foram 16 egressos, sendo 15 do sexo feminino e um do sexo masculino, do primeiro curso da UFRN/Campus Natal. Além disso, fizeram parte cinco professoras que foram citadas pela maioria dos entrevistados como fundamentais na constituição identitária dos mesmos. Porém, como uma delas mora fora do país e, apesar de inúmeras tentativas não foi localizada, apenas quatro foram entrevistadas. Os critérios de inclusão foram aceitação voluntária, disponibilidade e condições físicas e psicológicas de participação na pesquisa, e aceitar a gravação da pesquisa. Após leitura e concordância, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a Carta de Cessão (ANEXO A).

O estudo foi norteado pelos princípios da Resolução 466/2012 e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi apreciado e aprovado sob o Parecer nº 388.018, de 09/09 de 2013 (ANEXO B).

A primeira turma do curso de enfermagem e obstetrícia da UFRN teve o seu primeiro vestibular no segundo semestre de 1973, sendo aprovados 30 alunos². A primeira turma teve seu início no ano de 1974 e concluiu em 10 de dezembro do ano 1977, recebendo o título de bacharel em Enfermagem e Obstetrícia, com Habilitação em Saúde Pública 20 alunas e um aluno sem habilitação.

A busca pelos participantes do estudo se deu inicialmente pelo convite de formatura, no qual constavam nominados os 21 formandos. A partir daí passamos a buscar os contatos destes participantes via conhecimento próprio, ou indicação de colegas. Desses egressos do curso quatro faleceram, restando 17 egressos. Destes, uma é a autora deste estudo e, portanto, não fez parte da amostra da pesquisa. *A priori* não foi estabelecido o quantitativo de participantes, todavia, após os

² No primeiro ano do curso seis alunos (dois homens e quatro mulheres) fizeram reopção para outros cursos e, no decorrer do processo de formação, quatro alunos ficaram retidos, não conseguindo concluir com a primeira turma.

contatos e busca ativa de alguns desses egressos, o estudo contou com todos os 16 participantes egressos, conforme listagem abaixo.

Quadro 4 - Egressos participantes deste estudo, conforme primeiro emprego, função e situação atual. Florianópolis, 2014

NOMES	PRIMEIRO EMPREGO	FUNÇÃO	SITUAÇÃO ATUAL
Ana Maria Freire	Hospital das Clínicas/ USP	Enfermeira	Enfermeira-SMS/Natal
Cleide Oliveira Gomes	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Docente da Escola de Enfermagem de Natal/UFRN
Cleia de Moraes Lopes	UFRN/ HUOL	Prof. Colaborador	Aposentada
Eliane Vidal Barbosa	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Aposentada
Francisco de Assis da Silva	UFRN/ HUOL	Prof. Colaborador	Ativa
Gilvanete G.de Carvalho	Maternidade: Escola Januário Cicco/UFRN	Prof. Colaborador	Aposentada, voluntária do Grupo Reviver
Iria de Medeiros Fernandes	Secretaria de Saúde do Estado/ MEJC/ UFRN	Enfermeira/ Prof. Colaborador	Mudou de profissão hoje é Oficiala de Justiça/RN
Leonor Dantas de Brito	Hospital Universitário de Pernambuco	Prof. Colaborador	Aposentada
Maria Ivone Jales	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Aposentada, desenvolve trabalhos voluntários com a comunidade
Maria das Graças de Oliveira	Secretaria de Saúde do Estado	Enfermeira	Aposentada
Maria das Graças de P. Nicolette	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Aposentada recentemente está no PRONATEC
Maria Telma Q. de Azevedo	Secretaria de Saúde do Estado/MEJC/UFRN	Enfermeira/ Prof. Colaborador	Aposentada/ Gestora de unidade hospitalar
Mariluce Oliveira de Araújo	Maternidade Escola Januário Cicco/UFRN	Prof. Colaborador	Aposentada / docente de universidade privada
Marcia L. Cerveira Abuana Osório.	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Aposentada / docente de universidade privada
Rosana Lucia Alves de Vilar	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Professor Associado
Sonia Maria Araujo Viana	UFRN/Departamento de Enfermagem	Prof. Colaborador	Aposentada

Fonte: Entrevistas realizadas com os egressos, Florianópolis, 2013/2014.

4.3 Coleta dos dados

Na metodologia de uma pesquisa histórica, fontes orais e/ou documentais são importantes na técnica coleta de dados. Neste estudo, lançamos mão apenas de fontes orais, tendo em vista que não foi possível recuperar os documentos referentes à primeira turma nem no Departamento de Enfermagem nem na própria Universidade.

As entrevistas são consideradas como técnica privilegiada de comunicação verbal ou, no sentido mais restrito, como coleta de informações (MINAYO, 2006). Elas recebem diferentes caracterizações, mas neste estudo optamos pela entrevista semiestruturada, pois neste tipo de entrevista ocorre o “estabelecimento de uma relação particular

entre o pesquisador e a pessoa considerada como sujeito” (DUBAR, 2009, p. 241).

Inicialmente, foram realizados contatos via telefone, *email* e Watsapp para formalização do convite e, depois da confirmação de participação, agendaram-se os encontros para realização dos procedimentos da entrevista. Não foi uma tarefa das mais fáceis, porque a maioria já estava aposentada, uma se afastou da profissão e outras moravam em outros municípios do Rio Grande do Norte. Inclusive, uma delas fixou residência em Pernambuco e desde a formatura perdeu contato com os demais egressos, mas, conseguindo localizá-la, me desloquei até Recife, a fim de obter a entrevista.

Em seguida foram realizadas as entrevistas, entendidas como uma “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para o objeto de pesquisa” (MINAYO, 1992, p.108). Elas ocorreram no período de setembro de 2013 a maio de 2014. O horário e o local das entrevistas foram escolhidos pelas participantes, onde buscou-se criar a possibilidade de maior interação entre o pesquisador e o colaborador. Em geral, elas ocorreram nas residências das entrevistadas, a exceção de três: uma delas ocorreu em uma padaria; outra, no Departamento de Enfermagem da UFRN; e a terceira, em um hotel na cidade de Recife.

Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, pois concordamos com Meihy (2008), quando afirma que as narrativas em história oral decorrem do contato pessoal direto, feito por meio de diálogo, cujo produto é capaz de dar forma aos critérios mnemônicos de apreensão e registros de situações. Para ele,

[...] foi a presença da memória como objeto de estudos que iluminou caminhos que agora se abrem para a proposição da história oral como campo novo do conhecimento. Por certo, essas assertivas garantem novo sentido às entrevistas (MEIHY, 2008, p. 144).

Merece destaque relatar que o encontro com os colaboradores foi sempre tomado por muita emoção, principalmente com aqueles com quem tínhamos perdido o contato há muito tempo. Conforme diz Bosi (1994), a lembrança é a sobrevivência do passado, e as lembranças evocadas pelas memórias dos egressos, em alguns momentos, mesmo que involuntariamente, nos levaram a viajar no tempo passado,

rememorando conjuntamente com os colaboradores uma história vivenciada por dentro.

As lembranças armazenadas na memória dos egressos foram consideradas como fonte primária, tendo em vista os objetivos da pesquisa. De acordo com Meihy e Holanda (2011, p.39), “sem dúvida o teor testemunhal se torna a chave que abre os compartimentos escurecidos por versões que devem ser resolvidas pelo narrador”. Conforme o mesmo autor

Não se despreza a noção de que os registros escritos [...] geram modernamente outras memórias, releituras, que também dinamizam memórias, mas de toda maneira o que se pretende é a versão dos fatos, a impressão subjetiva registrada no inconsciente e expressa com lógica própria da memória (MEIHY, 2008, p.144).

Inicialmente, apresentaram-se o objetivo da pesquisa e a importância da participação de cada um e fizemos a identificação dos dados pessoais dos entrevistados. Em seguida, iniciou-se a entrevista propriamente dita, conforme o roteiro previamente elaborado com questões norteadoras (APÊNDICE A). Todas as entrevistas foram gravadas e, conforme consentimento dos colaboradores, alguns foram fotografados. Em geral elas tiveram duração média de 52 min. a 1 hora e 30 min

O recorte temporal estudado foi a década de 1970, por corresponder a um período historicamente importante pela abertura de novos cursos universitários, oportunizando a criação de dois desses na área de Enfermagem no Rio Grande do Norte: o Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, beneficiando toda região do oeste, e o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN, na capital do estado, que carecia de enfermeiros para o desenvolvimento da saúde no estado. Esse foi um momento histórico de recessão da democracia brasileira, implantada pela Ditadura Civil-Militar, que afetou todos os setores sociais e de modo particular a educação brasileira, pelas reformas educacionais implementadas, que expandiram o ensino superior incentivando à sua privatização. Não obstante concordarmos com as críticas a esse período de recessão da democracia brasileira, temos que reconhecer a importância da criação desses cursos.

4.4 Processamento e análise dos dados

No que pese às diferentes técnicas de análise das fontes históricas, neste estudo elegemos a Análise de Conteúdo como método por ser considerada como uma das mais apropriadas para a análise de estudos qualitativos.

Em atendimento aos objetivos do estudo e em consonância com o método adotado, dentre as modalidades de Análise de Conteúdo optamos pela Análise Temática. Conforme Bardin (2011), a Análise Temática está relacionada a um determinado tema e pode comportar um feixe de relações. Ela permite encontrar os núcleos de sentido que tenham significado para o estudo.

De acordo com as orientações metodológicas, imediatamente após a coleta das entrevistas os relatos passaram pela etapa de transcrição, resultando em narrativas das fontes históricas. Logo em seguida foram trabalhadas as demais etapas da Análise Temática, quais sejam: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação, conforme apregoa Bardin (2011).

Na fase de **pré-análise** fizemos a leitura flutuante, na qual se faz o primeiro contato com o resultado do trabalho de campo, buscando-se uma compreensão inicial do conteúdo impresso na fala dos colaboradores, organizando-o para estabelecer as unidades de registros iniciais e categorização.

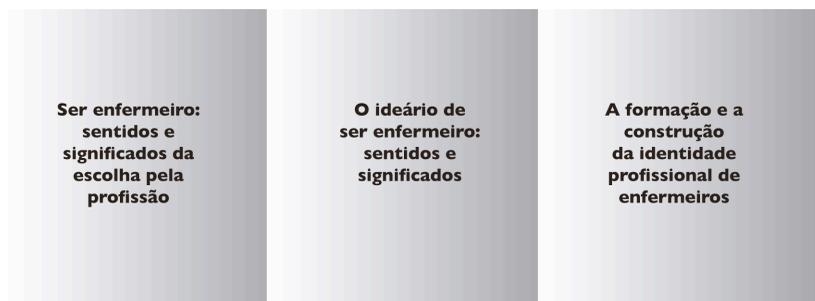
Após tal preparação, ocorreu a leitura exaustiva das transcrições para a identificação dos temas, os quais foram aglutinados em categorias temáticas analíticas para relacionar as diferentes concepções que emergiram dos discursos, à luz dos conceitos de identidade e de identificação, conforme os significados a eles atribuídos no contexto da abordagem sociológica.

Após a leitura flutuante foi efetivada a **exploração do material**, que requer do pesquisador tempo, paciência e muita leitura do material para os recortes do texto em unidades de registro, categorização, classificação e agregação dos dados para orientar as interpretações e significados que serão trabalhados na terceira etapa.

A terceira etapa se refere ao **tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação**, através da qual os resultados da etapa anterior são trabalhados de forma que permita ao pesquisador fazer interpretações, dando significado às fontes históricas em relação com o quadro teórico da pesquisa ou identificando outras possibilidades de novas dimensões teóricas.

Nesta última etapa foi fundamental o referencial teórico sobre os processos identitários, à luz do campo sociológico, associado aos aportes sobre memória para o estabelecimento das categorias do estudo, conforme a figura abaixo.

Figura 2 - Categorias do estudo



Fonte: Resultados da análise dos dados. Florianópolis, 2014.

4.5 Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi apreciado e aprovado sob o Parecer nº 388.018, de 09/09 de 2013 (ANEXO B).

Todos os colaboradores da pesquisa foram orientados quanto aos objetivos, procedimentos do estudo, e afirmaram-se o compromisso e a responsabilidade, no desenvolvimento da pesquisa, quanto a: respeito aos princípios bioéticos de não maleficência, beneficência, justiça e equidade; participação livre, esclarecida e voluntária, podendo o participante desistir da participação na pesquisa em qualquer momento que considerar necessário, sem que isso implique nenhuma sanção, prejuízo, dano ou desconforto; preservação do anonimato, se assim o desejar, e da confidencialidade das informações. Antes do procedimento da entrevista foi realizada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A).

5 RESULTADOS

No intuito de socializar a investigação e contribuir com o debate sobre a compreensão da construção da identidade profissional de enfermeiros, os resultados deste estudo estão apresentados sob forma de três manuscritos, os quais estão organizados da seguinte forma: O primeiro, denominado “Identidade profissional do enfermeiro: uma análise conceitual”, tratou da análise do conceito sobre a identidade profissional de enfermeiros, conforme o modelo conceitual de Walker e Avant. Nele apresentamos um desenho conceitual que contribuiu para a elaboração de uma proposta de reconstituição desse conceito. O segundo, intitulado “Ser enfermeiro: identidade profissional, com múltiplos sentidos e significados (anos de 1970)”, evidenciou que a escolha profissional se reveste de múltiplos sentidos e significados que podem contribuir para o emergir da construção da identidade profissional de enfermeiros. E o terceiro, designado “A formação e a construção da identidade profissional de enfermeiros (anos de 1970)”, revelou a contribuição do processo de formação em enfermagem para a construção da identidade profissional de enfermeiros para além da graduação.

5.1 Artigo 1: Identidade profissional do enfermeiro: uma análise conceitual

Sheila Saint-Clair da Silva Teodosio
Maria Itayra Padilha

RESUMO

Tem o objetivo de analisar o conceito identidade profissional do enfermeiro, segundo o modelo de Walker e Avant. Foram identificados os usos do conceito, os antecedentes, atributos e consequentes, através da pesquisa bibliográfica de artigos científicos, teses e dissertações da área de enfermagem. Os resultados apontam para uma diversidade de abordagens no uso do conceito nos diferentes contextos históricos; os atributos são expressos como: processo coletivo, complexo e dinâmico, consolidação no âmbito social e de trabalho; valorização profissional e autoestima. Os antecedentes são as dimensões sociais, políticas, ideológicas, culturais e educativas, e aspectos históricos, tais como: poder religioso; influência de Florence Nightingale; indefinição do

papel de enfermeiros; modelo médico hegemônico, dentre outros. Consequentes: ruptura do modelo religioso, desenvolvimento profissional; transformações no cotidiano da prática de enfermeiros; a construção da autonomia profissional, da imagem e da autoestima. Ao concluir, destaca-se a importância da análise e desenvolvimento de conceitos, no processo de formação de enfermeiros, na prática profissional e na investigação científica. Ao final, optou-se pela reconstituição do conceito, assim expresso: “a identidade profissional do enfermeiro é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da trajetória biográfica dos sujeitos, quanto das suas relações sociais e profissionais, originando-se no processo de formação, e é (re/des)construído pelo modo de ser e estar dos enfermeiros no cotidiano da prática profissional”.

Palavras-chave: Análise de conceito. Enfermagem. Identidade profissional. Escolha profissional. Prática profissional

INTRODUÇÃO

A gênese do conceito de identidade remonta ao pensamento clássico, que surge inserido numa problemática delimitada por questões teórico-filosóficas. A concepção de estabilidade e essência universal configuram-se como pontos de debate à época, a exemplo dos embates entre os filósofos gregos Heráclito e Parmênides. Aristóteles, Platão e Espinosa também se configuram, nesses estudos, como pensadores da concepção de identidade (BRENNAN; TIMMINS, 2012). No entanto, é preciso compreender que esta concepção filosófica de identidade não é a mesma dos tempos atuais. A ideia de identidade tornou-se universal, ganhando novos significados ao longo do tempo. O conceito de identidade vem sendo amplamente discutido pela historiografia a partir das duas últimas décadas do século XX, em função de diversos debates acerca da crise identitária, provenientes da emergência do processo de globalização. A partir da modernidade, cientistas sociais começaram a pensar a identidade como produto do social e constituíram novos mecanismos de auto-identidade que, em contrapartida, também, a constituem.

Nessa complexidade contemporânea de identidade, é preciso ter clareza para não dissociar o estudo da identidade do indivíduo, com o da sociedade. Não há como circunscrever a dinâmica das identidades sem considerar sua construção individual, bem como a social (DUBAR,

2005). Nesse sentido, a identidade não deve ser entendida como algo estanque ou homogênea, ela, ao mesmo tempo em que sofre mudanças, também é semente destas. Do ponto de vista sociológico toda identidade é historicamente construída, sendo as instituições sociais, a memória coletiva e as idealizações pessoais matéria-prima da sua constituição (CASTELLS, 2010).

Na atualidade, entre todas as dimensões da identidade, a profissional adquiriu uma singular importância. O **emprego**, por ser um bem raro, determina a construção das identidades sociais, o trabalho, por sofrer inúmeras mudanças, induz a transformações identitárias e a **formação**, por acompanhar todas as modificações do processo de trabalho, intervém nos processos identitários, por muito tempo além do período escolar (DUBAR, 2005).

Na enfermagem, assim como em outras disciplinas, existem conceitos tradicionais e novos que formam a base das construções teóricas da prática, assumindo um papel importante no pensar e fazer enfermagem. No entanto, nem sempre esses conceitos são compreendidos na sua essência em decorrência da sua formulação, necessitando de reelaboração para serem compreendidos no que se refere à sua representação da realidade. Do mesmo modo, os conceitos que têm origem em disciplinas relacionadas e são utilizados pela enfermagem também precisam de análise no que se refere à sua aplicação nos contextos da área que norteiam o estudo (ENDERS; BRITO; MONTEIRO, 2004).

O emergir do desenvolvimento do conceito na literatura de enfermagem deu-se quando as teorias de enfermagem despontaram no cenário mundial, sendo reconhecido como significativo para o desenvolvimento da ciência da enfermagem e conseqüentemente para a sua prática. Contudo, é fundamental que os conceitos tenham um significado compartilhado para serem compreendidos pela comunidade científica da enfermagem (DUNCAN; CLOUTIER; BAYLEY, 2007).

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o conceito de identidade profissional de enfermeiros, identificando os usos, possíveis eventos antecedentes, atributos essenciais e conseqüentes desse fenômeno, segundo o modelo de Walker e Avant (2011), na perspectiva de facilitar sua compreensão no contexto da enfermagem. Esses autores foram os primeiros enfermeiros a adaptar os estudos sobre análise de conceitos para a enfermagem e o modelo por eles criado é o mais adotado na profissão (DUNCAN; CLOUTIER; BAYLEY, 2007).

Acredita-se que o estudo permitirá uma compreensão do significado do conceito de identidade profissional de enfermeiros, a ampliação das bases de conhecimento de enfermagem, o desenvolvimento de conceitos no processo de formação, na prática profissional e na investigação científica. Assim sendo, parte-se de uma perspectiva relativista do processo de análise que adverte que o significado de um conceito se alicerça no contexto no qual está inserido, e, portanto, está sujeito a transformações (DUNCAN; CLOUTIER; BAYLEY, 2007).

METODOLOGIA

Estudo de análise conceitual, fundamentado no modelo de Walker e Avant, utilizando-se os seguintes passos: seleção do conceito; determinação dos objetivos da análise conceitual; identificação dos possíveis usos do conceito; determinação dos atributos críticos ou essenciais e dos eventos antecedentes e consequentes do conceito.

Após a seleção do conceito e definição do objetivo da análise conceitual, partiu-se para a busca do uso do conceito na literatura de enfermagem, recorrendo-se aos periódicos localizados nas bases de dados eletrônicas, a saber: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); SciELO (Scientific Electronic Library Online); PUBMED (National Library of Medicine and National Institutes of Health), SCOPUS e CINAHL (Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature), sem delimitação de recorte temporal. A busca contemplou publicações científicas cujo título, resumo ou corpo do trabalho continha as palavras-chave: *identidade da enfermagem, identidade profissional de enfermeiros, imagem de enfermeiros e/ou enfermagem*. Nas bases internacionais foram usados os seguintes termos: *nursing identity and nurse identity and nurse formation*.

Ao mesmo tempo, realizaram-se buscas em teses e dissertações que abordassem a temática em estudo, indexadas no Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem, da Associação Brasileira de Enfermagem - CEPEn/ABEn, no período de 2000 a 2013.

Para a inclusão dos trabalhos utilizaram-se como critérios: a) abordar a temática em estudo; b) estar disponível *online* e gratuitamente, nas bases de dados selecionadas; c) estar escrito nos idiomas português, espanhol ou inglês. O critério de exclusão foi a duplicidade de trabalhos.

Inicialmente foram localizados 992 artigos, 15 dissertações e 10 teses, cujos resumos foram submetidos a uma leitura flutuante para a avaliação quanto à pertinência e relevância para o estudo. Assim, 175 artigos, sete teses e cinco dissertações foram selecionados e submetidos aos critérios de inclusão. Desses, 107 artigos não atenderam aos critérios, não havendo alteração no quantitativo das dissertações e teses. Assim, 68 artigos, sete teses e cinco dissertações compuseram a amostra do estudo.

Todos os artigos, dissertações e teses passaram por uma leitura cuidadosa destacando-se, com cores diferentes, os trechos considerados pertinentes aos elementos: identificação dos possíveis usos do conceito; determinação dos atributos críticos ou essenciais e dos eventos antecedentes e consequentes do conceito. Logo após, as unidades de análise foram codificadas e partiu-se para a elaboração das categorias e subcategorias, que foram catalogadas de acordo com os respectivos elementos e trechos capturados, na produção científica, e a referência bibliográfica relacionada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura analisada permitiu encontrar uma vasta abordagem sobre a identidade profissional de enfermeiros. Esta diversidade está associada aos referenciais teóricos presentes nos artigos e teses que estão representados, predominantemente, pelas contribuições da sociologia e pela Teoria das Representações Sociais. No entanto, apenas um estudo escandinavo tratava propriamente da análise do conceito de identidade profissional de enfermeiros, cujo objetivo era “destacar o conceito de identidade profissional de enfermeiros, a fim de promover a clareza teórica e examinar as implicações para prática de enfermagem”, utilizando o método híbrido da análise de conceito (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998, p. 720).

Usos do conceito da identidade profissional de enfermeiros

Trata-se da identificação de como o conceito estudado está sendo enfocado ou aplicado. Recomenda-se a busca dos usos explicitados, bem como aqueles que estão nas entrelinhas dos textos analisados, tanto no campo científico quanto no senso comum (WALKER; AVANT, 2011). Considerando que este trabalho trata de um conceito atinente a uma área específica, optou-se pela busca apenas em publicações científicas.

Na literatura, localiza-se a identidade como conceito complexo por abranger estudos em várias áreas de conhecimento, como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a filosofia, entre outras. Ademais, há uma diversidade de concepções e conceitos atribuídos à identidade pelas múltiplas dimensões que interferem na sua configuração (DUBAR, 2005).

No que se refere à enfermagem brasileira, percebe-se que ainda existem poucos estudos que abordam o conceito de identidade profissional de enfermeiros. Localizaram-se dois artigos que concebem a construção dessa identidade ao longo da sua trajetória acadêmica e profissional de enfermeiros e outro que a relaciona ao saber-fazer da enfermagem (PADILHA; NELSON; BORENSTEIN, 2011; OLIVEIRA, 2006; NETTO; RAMOS, 2004).

Em geral, as concepções sobre a identidade profissional de enfermeiros aparecem atreladas ao contexto da enfermagem. Assim, alguns trabalhos apontam a necessidade de reconstrução teórica do conceito, ponderando que os significados da identidade da Enfermagem devem ser considerados em separado da identidade profissional de enfermeiros, pois essas identidades, de forma equivocada, quase sempre são compreendidas como sinônimos (PORTO, 2004).

Outro enfoque evidenciado em alguns estudos sobre a identidade profissional de enfermeiros foram os diferentes termos usados para abordar esta questão. Em alguns estudos é perceptível uma sinonímia entre identidade, imagem e papel. Embora exista uma inter-relação entre esses conceitos, quando se fala de construção de identidades, eles não podem ser considerados como sinônimos. Pois a concepção de identidade envolve significados ou atributos, os papéis estruturam funções que os indivíduos exercem em uma determinada instituição e a imagem diz respeito à percepção externa (positiva ou negativa) que a sociedade e/ou indivíduo podem ter de uma pessoa, instituição ou organização.

O uso do conceito de identidade profissional de enfermeiros nos processos de formação predomina nos estudos analisados, sendo esta apontada como um elemento essencial para a construção da identidade profissional, tanto no ensino formal, quanto no ensino não formal (OLIVEIRA, 2006; MENDES; MANTAVONI, 2010; BRENNAN; TIMMINS, 2012; CARVALHO 2013; COSTA, 2014). Destaca-se, também, a importância da aplicação do conceito de identidade profissional de enfermeiros no cotidiano da prática profissional (NETTO; RAMOS, 2004; OLIVEIRA, 2013).

O enfoque da formação universitária como fundamental para a constituição da identidade profissional é respaldado pela literatura, principalmente na dimensão profissional, bem como no espaço de trabalho. Por passar por muitas alterações, o processo de trabalho induz a transformações identitárias e a formação, por acompanhar essas mudanças, intervém na constituição identitária para além do período escolar (DUBAR, 2005).

A identificação de como o conceito de identidade profissional de enfermeiros está sendo focado ou aplicado aponta para uma diversidade de abordagens nos diferentes contextos históricos. Não obstante a compreensão de que a identidade é um processo dinâmico e multifacetário, é fundamental que o conceito de identidade profissional de enfermeiros seja compreendido e utilizado com mais precisão, evitando sinonímias que confundam o seu entendimento tanto no processo de formação quanto no âmbito da pesquisa.

Atributos do conceito de identidade profissional de enfermeiros

Atributos dizem respeito às características essenciais do conceito. Através da técnica de análise de conteúdo são identificadas palavras ou expressões que aparecem de forma repetida nos textos analisados e que ajudam a distinguir o conceito (WALKER; AVANT, 2011).

Pode-se perceber que, nos estudos analisados, em geral, os atributos da identidade profissional de enfermeiros estavam mais relacionados a atributos que abrangem a construção identitária de qualquer profissão e que são aplicados à enfermagem com pouca especificidade ao profissional enfermeiro. Os atributos essenciais estão mais claramente explicitados nas teses e dissertações, do que nos artigos analisados. Assim, as palavras ou termos utilizados com mais frequência pelos autores foram considerados como atributos essenciais. A identidade profissional de enfermeiros, nos estudos analisados, de uma forma geral, é caracterizada como um processo multidimensional, dinâmico, complexo e coletivo (HENRIQUES, 2012; CARRIJO, 2012; SILVA, 2002).

Os atributos identificados expressam dimensões éticas, estéticas, científicas e sociais e caracterizam-se como processos coletivos, complexos e dinâmicos, consolidados no âmbito social e de trabalho que vai se constituindo a partir da trajetória acadêmica; internalização do corpo de conhecimentos que define a Enfermagem; autonomia, valorização profissional e autoestima. Nesse sentido, um dos estudos

assevera que a identidade profissional de enfermeiros revela-se pela compreensão do lugar social dos enfermeiros e da identidade que eles vão projetando ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional (OLIVEIRA, 2006). As relações interprofissionais, impregnadas por conflitos, e a forma de ser e estar como trabalhador no cotidiano dos serviços de saúde foram outros atributos relevantes (NETTO; RAMOS, 2004; OLIVEIRA, 2006).

Estudo semelhante, desenvolvido nos anos de 1990 (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998), aponta compaixão, competência, confiança, consciência, compromisso e coragem como atributos pessoais da identidade profissional de enfermeiros, próprios de uma identidade caritativa e disciplinar. Comparando-se esses achados com os resultados do presente estudo, fica claro que a construção desse conceito é mutável, pois suas características sofrem mudanças ao longo do tempo de acordo com os contextos históricos, políticos e sociais.

Assim, considera-se que a análise do conceito de identidade profissional de enfermeiros, utilizando-se os atributos que o caracterizam, é essencial à sua compreensão e contribui para o reconhecimento da profissão no interior da categoria, na área de saúde e na sociedade em geral.

Identificação dos antecedentes do conceito

Nesta etapa, busca-se o levantamento de eventos pertinentes ao emergir da Identidade Profissional de enfermeiros. Os eventos antecedentes favorecem o entendimento do contexto social, no qual o conceito é geralmente utilizado. Neste estudo os eventos antecedentes foram bem diversificados, mostrando a complexidade do fenômeno analisado. A figura abaixo ilustra apenas aqueles com maior ocorrência.

Figura 3 - Eventos antecedentes do conceito de “identidade profissional do enfermeiro”, segundo o número de autores analisados, Florianópolis, 2014

Antecedentes	Número de Artigos
Predominância do sexo feminino na enfermagem: - Submissão profissional; - Figuras míticas da enfermagem (bêbadas, prostitutas, anjos de branco)	45
Reconhecimento social limitado: - Indefinição do papel da enfermeira - Divisão técnica vertical com diferentes profissionais na mesma categoria	41
A formação (tradicional e tecnicista)	38
Influência estrangeira (Imposição de valores): - Florence Nigthingale (enfermagem moderna); - Imagem caritativa/religiosa	24
Relações no processo de trabalho: -Conflitos e demarcação de espaços e poderes -Hegemonia médica	23
Contexto cultural, socio-histórico e político	13
Importância da história e da memória	10

Fonte: Resultados do levantamento de eventos pertinentes a ocorrência da Identidade Profissional de enfermeiros. Florianópolis. 2014

Os estudos sobre a construção da identidade profissional de enfermeiros têm utilizado como antecedentes as dimensões sociais, políticas, ideológicas e, principalmente, culturais (PORTO, 2004; CARRIJO, 2012; OLIVEIRA et al., 2013; CARVALHO, 2013). A esse respeito alguns estudos afirmam que a identidade profissional é definida pela rede de representações sociais da enfermagem, como um fenômeno histórico social e político (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998; SILVA; PADILHA; BORENSTEIN, 2002).

As contribuições da formação aparecem nos estudos analisados como um antecedente primordial para a construção da identidade profissional de enfermeiros, tanto nos cursos de graduação, como da pós-graduação. Os estudos brasileiros se referem mais ao ensino de graduação, enquanto que os estrangeiros, mais à pós-graduação. Além disso, alguns estudos focam a contribuição do ensino superior pelas interações sociais com professores e colegas e na formação de valores e normas apreendidas, que se estende para além da inserção no mundo do trabalho (HENRIQUES, 2012; ENDERS; BRITO; MONTEIRO, 2004; OLIVEIRA et al., 2013; DEL PRATO, 2013).

Um estudo realizado na Irlanda aponta a necessidade de a formação ter uma preocupação com a construção da identidade profissional de enfermeiros, a partir da formação inicial. Há evidências de que os alunos necessitam de mais apoio dentro do processo de

formação para a construção da identidade profissional (BRENNAN; TIMMINS, 2012). No mesmo sentido, outro estudo, desenvolvido no Brasil, mostra o contrário, ou seja, que a formação não facilitou o encontro do estudante com a identidade profissional, deixando essa visão obscura, não permitindo a real visualização dessa identidade (OLIVEIRA et al., 2013).

A enfermagem como profissão feminina aparece de forma significativa nos estudos, como antecedente relevante, uma vez está presente em diversos contextos socioculturais, nos diferentes momentos históricos que repercutem na profissão. Existe um imaginário social que atribui à posição feminina da profissão grande parte de dilemas, como crise de competência, vocação e identidade. O ideário de profissão feminina interferiu na formação da identidade profissional, sobretudo no caso brasileiro, pois, ampliadas, as representações da enfermagem identificavam como ideal para a profissão um determinado tipo de mulher, qual seja, branca, culta, jovem, saudável, não permitindo o ingresso de homens (CAMPOS; OGUISSO, 2008).

Estudo sobre o imaginário social, que permeia a escolha profissional de enfermeiras brasileiras e peruanas, aponta três categorias que compõem a identidade profissional de enfermeiros: imagem servil, imagem vocacional e a imagem profissional. As autoras ressaltam que, no estudo, as enfermeiras brasileiras abordaram com maior frequência as imagens servil e vocacional, enquanto que, nas falas das enfermeiras peruanas, o destaque foi a imagem profissional na escolha da Enfermagem. Concluem que na América Latina veem-se projetados os modelos e mitos da Enfermagem historicamente construídos, sedimentados no ideário social, e a eles somam-se outras características que compõem a Identidade Profissional de enfermeiros (RIBEIRO et al., 2006).

Como toda construção de identidade se constitui em um processo contínuo de confirmação, desconstrução ou reformulação, essas imagens vêm sendo modificadas, na sociedade contemporânea, observando-se uma visão mais positiva a partir da formação inicial de enfermeiros e da formação continuada e/ou permanente.

A influência de Florence Nightingale bem como a participação americana na enfermagem destacam-se como antecessores da identidade profissional de enfermeiros no Brasil e no mundo. Os estudos pesquisados localizam Florence Nightingale como fundadora de uma identidade vocacional e disciplinar, considerando-a matriarca da Enfermagem moderna. Segundo esses estudos, ela deu à enfermagem o

estatuto socioprofissional que lhe faltava, abrindo caminho para uma nova representação social da mulher e à profissionalização da enfermagem, fazendo emergir, assim, a identidade de enfermeiros (AVELAR; PAIVA, 2010; CARRIJO, 2012).

O reconhecimento social limitado é expresso como um antecedente que aparece como uma marca negativa. A ele associam-se as figuras míticas que a enfermagem carrega como fardo da sua história e que são fortes antecedentes do conceito de identidade dessa profissão, sendo fundamental nesse processo a imagem que a sociedade tem de enfermeiros. O fato de a sociedade designar como enfermeiro qualquer pessoa vestida de branco que esteja atendendo nas instituições de saúde traz reflexos nas representações, na autoimagem e na auto(des)valorização dos profissionais acerca de seu trabalho e função social (OLIVEIRA, 2006).

Além disso, a ambiguidade que caracteriza o processo de trabalho da enfermagem, pela divisão técnica verticalizada, com a presença de várias categorias que distinguem seu saber/fazer pela formação, tem reflexos nesse reconhecimento social (CARRIJO, 2012).

A indefinição do papel de enfermeiros é um evento que antecede a identidade profissional que também aparece associado ao pouco reconhecimento social dessa profissão (OLIVEIRA, 2006). A literatura pesquisada mostra que os profissionais não têm desempenhado seu papel próprio no cotidiano da profissão, ficando oculto o trabalho específico de enfermeiros no âmbito geral do trabalho da enfermagem. Os resultados de um estudo no Irã mostraram que a maioria das enfermeiras daquele país sabe pouco sobre os papéis a desempenhar, observando que a ambiguidade e a inconveniência dos papéis levam à perda de identidade profissional (YAZDANNIK; YEKTA; SOLTANI, 2012).

No que se refere à submissão, ela apresenta-se muito forte no trabalho hospitalar, porém o mesmo não ocorre com a atuação de enfermeiros na Estratégia Saúde da Família no Brasil, pois, mesmo considerando-se o trabalho em equipe, há uma definição de seu espaço de trabalho, e o maior controle sobre o seu objeto que lhe confere autonomia.

Essa questão da submissão nos remete a dois outros antecessores da identidade profissional de enfermeiros: a hegemonia médica e as relações estabelecidas no processo de trabalho, que são permeadas por conflitos e demarcação de espaços e poderes. Pesquisa recente sobre a enfermagem iraniana refere que a aplicação do modelo biomédico na

formação de enfermeiros desvirtuou o papel e a identidade desse profissional, e que a submissão ao médico provoca reflexos no *status* e na imagem social (YAZDANNIK, YEKTA, SOLTANI, 2012).

As relações no trabalho aparecem como permeadas por conflitos e demarcação de espaços e poderes (NETTO; RAMOS, 2004). Nessa mesma linha, uma pesquisa sobre a identidade de enfermeiros que trabalhavam em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência ressaltava depoimentos reveladores da existência de conflitos que influenciam sobremaneira no processo identitário de enfermeiros. Os resultados apontam a necessidade de relações hierarquizadas mais horizontais (AVELAR; PAIVA, 2010).

A identidade profissional de enfermeiros também é influenciada pela história da enfermagem de acordo com os diferentes contextos históricos em que ela se insere. Nesse sentido, as biografias são consideradas como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem (PADILHA, NELSON, BORENSTEIN, 2011). Estudo desenvolvido na Universidade de Ottawa/Canadá, sobre cursos de história de enfermagem realizados, apresentou resultados que mostram o quanto esses cursos promoveram um forte senso de identidade profissional entre os participantes (MIRÓ-BONET et al., 2014).

Os elementos que compõem os eventos antecedentes à emergência do conceito de identidade profissional de enfermeiros atrelam-se ao contexto social em suas dimensões sociais, políticas, ideológicas e, principalmente, culturais. Concordando com a ideia do ponto de vista sociológico, a saber, de que toda e qualquer identidade é (re)construída, devemos considerar que a identidade profissional de enfermeiros também faz parte da vivência desse processo. Assim, é perceptível que a enfermagem, ao buscar o fortalecimento da sua base científica, adquire o reconhecimento social, o que certamente contribui para a (re)constituição identitária de enfermeiros.

Os eventos consequentes ao conceito de identidade profissional de enfermeiros

Os eventos consequentes contribuem para um estudo mais ampliado das características do conceito e podem inspirar o desenvolvimento de novas pesquisas. Na literatura analisada os consequentes mais identificados dizem respeito a três categorias, que carregam em si subcategorias: desenvolvimento profissional de

enfermeiros e transformação do cotidiano da prática de enfermeiros; autonomia profissional de enfermeiros; melhoria da autoestima e autoimagem.

A identidade profissional é vista por alguns autores como fundamental para o desenvolvimento da profissão de enfermagem e de enfermeiros e, ao se fortalecer, ela contribui para as transformações no cotidiano da prática de enfermeiros. Tal fato é importante para a delimitação das ações, revisão e reconstrução do processo de trabalho de enfermeiros (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998; YAZDANNIK; YEKTA; SOLTANI, 2012; MIRÓ-BONET et al., 2014).

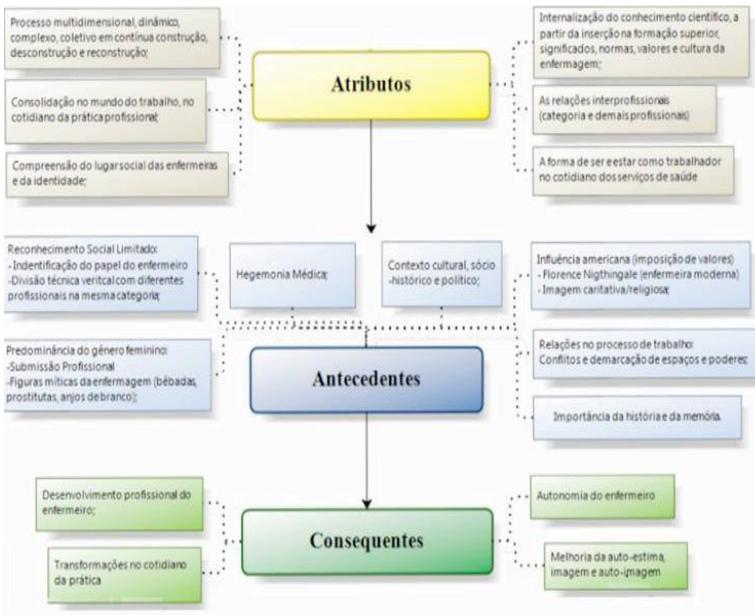
A construção da autonomia profissional de enfermeiros vincula-se ao cerne da identidade profissional, por ser esta constituída de características próprias inerentes à profissão, e possibilitar as relações interprofissionais com a equipe de saúde e o reconhecimento social. O incremento do ensino superior e o avanço da pesquisa científica centrada nas mudanças da prática tem sido fundamental nesse processo de edificação da autonomia profissional. Esta, por sua vez, se apresenta como um elemento importante para aumentar a autoestima, a imagem e a autoimagem de enfermeiros (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998; PADILHA; NELSON; BORENSTEIN, 2011; OLIVEIRA et al., 2013; MIRÓ-BONET et al., 2014).

A análise dos eventos consequentes possibilitou o entendimento de que a construção da autonomia de enfermeiros atrela-se à existência da sua identidade profissional, que se (re/des)constrói pelo modo de ser e estar de enfermeiros na profissão e pelo reconhecimento social. Assim, é importante que a enfermagem compreenda a importância dessa identidade para o desenvolvimento da profissão, incrementando as pesquisas científicas e debates profissionais que contemplem essa temática.

Desenho Conceitual da Identidade Profissional de enfermeiros

A análise dos estudos sobre a identidade profissional de enfermeiros conforme os passos do modelo conceitual de Walker e Avant permitiu a elaboração de um desenho conceitual, ilustrado na figura abaixo:

Figura 4 - Elementos que contribuíram para a formação e desenvolvimento da identidade profissional de enfermeiros. Florianópolis, 2014



Fonte: Resultados da análise dos elementos identitários do conceito de identidade profissional de enfermeiros. Florianópolis, 2014.

Na figura acima, observa-se uma diversidade de elementos que contribuíram para a formação e desenvolvimento da identidade profissional de enfermeiros. Ela mostra a complexidade do evento analisado, que se configura como um conceito complexo, multifacetado e multidimensional, pela pluralidade dos aspectos que o compõem.

No que se refere aos antecedentes, percebe-se que a construção da identidade profissional de enfermeiros se constitui de eventos que envolvem as dimensões sociais, políticas, ideológicas e culturais, e de aspectos próprios da profissão nos diferentes contextos históricos. No entanto, há uma forte presença de fenômenos ideológicos tradicionais que envolvem atividades de enfermeiros centradas em uma fase pré-profissional, de natureza feminina, voltadas para um processo de cuidar de doentes, em um momento histórico de desvalorização desse cuidar.

Entretanto, quando se trata dos eventos consequentes, a identidade profissional de enfermeiros, construída a partir do ingresso na formação profissional superior e na relação com os enfermeiros e

demais profissionais, no cotidiano do processo de trabalho em saúde, imprime novos elementos que contribuem para o desenvolvimento da profissão, ao mesmo tempo em que resgata antigas concepções com novos e diferentes matizes de significados, a exemplo do debate sobre imagem. Este fato reflete um processo dinâmico e político na (re)construção da identidade profissional de enfermeiros.

Vale ressaltar que a construção da identidade profissional de enfermeiros guarda íntima relação com a identidade social dos sujeitos individuais que compõem essa categoria. Desse modo, é possível perceber a dialética existente entre a identidade da enfermagem, como contexto, e a identidade profissional dos sujeitos que a compõem: ao mesmo tempo em que a identidade profissional de enfermeiros influencia a identidade coletiva da enfermagem, é por ela influenciada.

A partir dos resultados desta análise conceitual, propomos a reconstituição do conceito: a identidade profissional de enfermeiros é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da trajetória biográfica do indivíduo, quanto das suas relações sociais e profissionais, origina-se no processo de formação e é (re/des)construído pelo modo de ser e estar de enfermeiros no cotidiano da prática profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de conceitos é fundamental para o desenvolvimento do conhecimento científico de uma profissão por seu significado como arte do pensamento crítico. Sua aquiescência na enfermagem poderá contribuir para a construção e/ou reconstrução de estruturas de conhecimento científico próprias da profissão.

No que concerne à análise do conceito da identidade profissional de enfermeiros, neste trabalho observou-se que tanto no contexto internacional, quanto no nacional, existe escassez de estudos. Ressalta-se, assim, a importância deste trabalho pela compreensão acerca do conceito em si e pela possibilidade de estimular a realização de outros trabalhos desta natureza.

Observa-se, ainda, que as consequências da identidade profissional de enfermeiros estão intimamente relacionadas e interdependentes, pois o desenvolvimento profissional atrela-se às transformações no cotidiano da prática de enfermeiros e os dois contribuem para a construção da autonomia profissional e da imagem e autoestima. A identificação dos atributos do conceito objeto desta

análise possibilitou uma compreensão mais ampla do fenômeno e a delimitação do corpo de conhecimentos sobre a identidade profissional de enfermeiros.

A análise dos elementos constitutivos da identidade profissional de enfermeiros (uso, atributos, antecedentes, e consequentes ensejou a reconstituição desse conceito: a identidade profissional de enfermeiros é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da trajetória biográfica do indivíduo, quanto das suas relações sociais e profissionais, origina-se no processo de formação e é (re/des)construído pelo modo de ser e estar de enfermeiros no cotidiano da prática profissional.

Destaca-se que esta investigação, pelos seus limites, não pretende esgotar a análise de um fenômeno complexo e ainda carente de estudos. A pretensão foi contribuir com a compreensão do significado da identidade profissional de enfermeiros, à ampliação das bases de conhecimento de enfermagem, e chamar a atenção para a importância do desenvolvimento de conceitos, no processo de formação de enfermeiros, na prática profissional e na investigação científica.

Espera-se colaborar com o avanço na discussão desta temática e estimular novas pesquisas que possam cooperar para elucidar os aspectos que não ficaram devidamente esclarecidos ou que não foram abordados neste estudo.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Vanessa Luciana Lima Melo de; PAIVA, Kely César Martins de. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 63, n. 6, dez. 2010.

BRENNAN, D.; TIMMINS, F. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Educ Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, out. 2012.

CAMPOS, P. F. S; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. **Rev Bras Enferm.**, v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.

CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional.** 2012. 172 f. Tese (Doutorado

em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-15022012-185459/>>. Acesso em: 24 ago. 2014

CARVALHO, V. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura: o poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 2010.

COSTA, L. M. C. et al. Contribuição do Projeto HOPE para a configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras alagoanas, 1973 a 1977. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 67, n. 4, ago., 2014.

DEL PRATO, D. Students' voices: the lived experience of faculty incivility as a barrier to professional formation in associate degree nursing education. **Nurse Educ Today**, v. 33, n. 3, p. 286-290, mar. 2013.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUNCAN, C.; CLOUTIER, J. D.; BAILEY P. H. Concept analysis: the importance of differentiating the ontological focus. **Journal of Advanced Nursing**, v.5, n. 3, p. 293-300, 2007.

ENDERS, B. C; BRITO, R. S; MONTEIRO, A. I. Análise conceitual e pensamento crítico: uma relação complementar na enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 3, p. 295-305, dez. 2004.

HENRIQUES, H. M. G. **Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros**: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/19075>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

LOPES, L. M. M.; SANTOS, S. M. P. Florence Nightingale: apontamentos sobre a fundadora da enfermagem moderna. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 2, 2010.

MENDES; F. R. P., MANTOVANI, M. F. Dinâmicas atuais da enfermagem em Portugal; a representação do enfermeiro. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 63, n. 2, p. 209-215, mar./abr. 2010.

MIRÓ-BONET, M. et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 4, p. 768–776, jan. 2014.

NETTO, L. F. S. A; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.

ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.

OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: A construção da identidade profissional de enfermeiros. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.

OLIVEIRA, Gabriel Jefferson Norberto et al. Factores relacionados com la identidad profesional del enfermero: visión de lós discentes. **Enferm. Glob**, Murcia, v. 12, n. 29, p. 130-137, jan. 2013.

OLIVEIRA, R. S. M.; PEREIRA, C. M. O. A socialização como facilitadora na formação da identidade profissional do acadêmico de enfermagem em um hospital universitário. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.

PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 241-252, dez. 2011.

PORTO, I. S. Identidades de enfermeiros em produções científicas no Brasil, **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 92-100, 2004.

RIBEIRO, A. A. de A. et al. A escolha profissional no imaginário social: enfermeiros brasileiras e peruanas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, ago. 2006.

SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev Latino-Am Enferm.**, v. 10, n. 4, p. 586-595, 2002.

WALKER, L. O.; AVANT, K. C. **Strategies for theory construction in nursing**. 5. ed. Norwalk: Prentice Hall, 2011.

YAZDANNIK, A.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. **Iranian journal of nursing and midwifery research**, v. 17, n. 2 Supl, p. S178, 2012.

5.2 Artigo 2 : “Ser enfermeiro”: escolha profissional, com múltiplos sentidos e significados (anos 1970)

Sheila Saint-Clair Teodosio³
Maria Itayra Padilha⁴

RESUMO

Pesquisa qualitativa, com abordagem socio-histórica, cujo objetivo foi analisar os fatores que determinaram a escolha dos egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN pela profissão de enfermagem nos anos de 1970. O referencial teórico

³ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde – GEHCES. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: saintclairenf@gmail.com

⁴ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem e Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora CNPq. Líder do GEHCES. E-mail: itayra.padilha@ufsc.br

centrou-se em Claude Dubar e Joël Candau e utilizou a história oral em 16 entrevistas. Da Análise despontaram as categorias: “Ser enfermeiro: uma escolha profissional” e “O ideário de ser enfermeiro: sentidos e significados”. As influências familiares, representações sobre a profissão e expectativas favoráveis sobre o mercado de trabalho foram importantes nesta escolha. Os sentidos dizem respeito à visão particular dos egressos sobre a profissão: sonhos, visão romanesca da profissão, a influência da literatura, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e de ascensão profissional. Os significados de “ser enfermeiro” abrangeram as concepções tradicionais, imagens distorcidas, estigmas e preconceito social que permeiam historicamente a profissão. Conclui-se que a escolha profissional se reveste de múltiplos sentidos e significados que podem contribuir para o emergir da construção da identidade profissional de enfermeiros.

Palavras-Chave: Enfermagem. Identidade. História da enfermagem. Escolha da profissão

ABSTRACT

Qualitative research, using a socio-historic approach, with the aim to analyze the factors that determined the choice of graduates from the first class of the Nursing and Obstetrics Undergraduate Program of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) for the nursing profession in the 1970's. The theoretical framework was centered in Claude Dubar and Joël Candau, and developed by means of oral history in 16 interviews. Data analysis led to the categories “Being a nurse: a professional choice” and “The ideology of being a nurse: meanings and implications”. The family influences, representations regarding the profession and favorable expectations as for the work market were important factors for this choice. Meanings refer to the particular view of the graduates on the profession: dreams, the romantic view of the profession, the influence of the literature, the possibility of insertion in the work market and the professional rise. The implications of “being a nurse” comprehended traditional concepts, distorted images, social prejudice and stigmas that historically permeate the profession. In conclusion, professional choice is covered by multiple meanings and implications that may contribute to the construction of the professional identity of nurses.

Keywords: Nursing. Identity. History of nursing. Career choice

RESUMEN

Investigación cualitativa, abordaje sociohistórico, objetivando analizar los factores determinantes de elección profesional de Enfermería en los 70 con egresados de primera camada del Curso de Grado en Enfermería y Obstetricia de la UFRN. Referencial teórico enfocado en Claude Dubar y Joël Candau, utilizándose historia oral en 16 entrevistas. Surgieron las categorías: “Ser enfermero: una elección profesional” y “El ideario de ser enfermero: sentidos y significados”. Las influencias familiares, representaciones sobre la profesión y expectativas favorables del mercado laboral fueron importantes en la elección. Los sentidos refieren la visión particular del egresado sobre la profesión: sueños, visión romanesca de la profesión, influencia de la literatura, posibilidad de inserción laboral, ascensión profesional. Los significados de “ser enfermero” incluyeron conceptos tradicionales, imágenes distorsionadas, estigmas y prejuicio social históricamente relacionados con la profesión. Se concluye en que la elección profesional reviste múltiples sentidos y significados, válidos para construir la identidad profesional del enfermero.

INTRODUÇÃO

Pensar a construção da identidade na sociedade contemporânea tem se constituído em um desafio sociológico em decorrência das mudanças estruturais próprias do atual estágio da sociedade neoliberal globalizada. Estas transformações sociais acarretaram rupturas e conflitos em todas as instituições, provocando uma crise global que afetou as relações sociais e, portanto, gerando uma crise na construção dos processos identitários (DUBAR; DEMAZIÈRE 2006; GERMANO, 2007, 2008; CASTELLS, 2010).

No decorrer da trajetória pessoal, os sujeitos vivenciam diversos processos de socialização, os quais refletem na sua interação com os demais em um determinado contexto sociocultural e possibilitam a compreensão da concepção de identidade do ponto de vista sociológico resgatada numa relação de identidade para si e identidade para o outro. As formas identitárias são construídas e/ou reconstruídas pelas relações sociais que se estabelecem na família, no espaço escolar e de trabalho (DUBAR, 2005).

No que se refere à escola, é nela que os sujeitos vivenciam sua primeira identidade social, conferida pelas instituições e pelas relações sociais que nela estabelecem como os professores e colegas. Assim, o processo de socialização do conhecimento escolar se reveste dos elementos históricos globais das relações sociais que também recebem a influência dos conflitos inerentes à estrutura social. No caso do ensino superior, na medida em que instituem elementos ativos na constituição de um grupo profissional e por acompanhar todas as modificações do trabalho e do emprego, intervêm na construção da identidade profissional por muito tempo além do período escolar (DUBAR, 2003).

Assim, no pensamento crítico contemporâneo essa construção de perfis identitários como processo social tem se constituído em uma discussão essencial pelas mudanças constantes nas diferentes áreas do conhecimento, na qual a enfermagem também se insere, e que encontra no campo sociológico a base teórica para a sua compreensão.

No Brasil, alguns pesquisadores enfermeiros, como: Oliveira (2006); Zuza (2007); Avelar (2010); Bellaguarda et al. (2011); Carrijo (2012) dentre outros, têm se apropriado da perspectiva sociológica desenvolvida por Claude Dubar, sobre a construção da identidade profissional, para fundamentação de seus estudos em suas múltiplas dimensões.

Esta investigação também teve como apanágio as ideias de Claude Dubar (1998; 2003; 2005; 2009) sobre processos identitários, privilegiando-se a dimensão profissional. Conforme esse autor, as formas identitárias são construídas e/ou reconstruídas pelos processos de socialização que os sujeitos estabelecem na família, nos processos de formação e de trabalho.

Para o entendimento acerca da dialética entre memória e identidade, foram fundamentais as contribuições teóricas de Joël Candau (2012). Para o autor a memória é responsável pelo fortalecimento da identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo. Elas guardam entre si uma ligação indissolúvel, que explica a dialética da memória e da identidade. Além disso, se associam, se nutrem mutuamente e se sustentam uma na outra “para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2012, p.16). A partir desse referencial e da análise do conceito de identidade profissional do enfermeiro, desenvolvido no primeiro manuscrito, inferimos que o processo de constituição identitária do enfermeiro é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da trajetória biográfica dos sujeitos, quanto das suas

relações sociais e profissionais, originando-se no processo de formação, e, é (re/des)construído pelo modo de ser e estar de enfermeiros no cotidiano da prática profissional.

Nesse sentido, o presente manuscrito tem por objetivo analisar os fatores que condicionaram a opção dos egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN pela profissão de enfermagem nos anos de 1970.

Para a compreensão do cenário social no qual se constituiu a identidade dos sujeitos deste estudo, faz-se necessário apresentar um breve histórico sobre o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN.

Breve histórico sobre o cenário do estudo

A primeira iniciativa de criação de uma escola de enfermagem, no Rio Grande do Norte, remonta ao ano 1934, quando foi aprovado o Regulamento do Hospital “Miguel Couto”, fundado em 12 de setembro de 1909, em Natal, durante a administração do então Governador Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão. Esse hospital passou por sucessivas mudanças de nome até que, a partir de 1984, passou a denominar-se Hospital Universitário Onofre Lopes em homenagem ao primeiro Reitor da UFRN. O objetivo era a urgência de formar pessoal qualificado para atendimento das necessidades do hospital, contudo a formalização dessa escola não chegou a sair do papel (TIMÓTEO, 1997).

Essa ideia ressurgiu no ano de 1947 e no dia 20 de julho de 1950 foi fundada pelo diretor da SAH, o médico Januário Cicco, a primeira Escola de Enfermagem, na cidade de Natal. No entanto, em 1955, a enfermeira Izaura Barbosa de Lima, graduada pela Escola Ana Nery, foi enviada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para avaliar as condições de funcionamento da referida escola superior e, mediante as condições de infraestrutura e de recursos humanos, emitiu um parecer recomendando que a mesma fosse destinada à formação de auxiliares de enfermagem. Assim, em sete de dezembro do mesmo ano, foi criada a primeira escola de auxiliares de enfermagem, com o parecer de funcionamento assinado pelo então Presidente Café Filho, natural do Rio Grande do Norte (MENESES, 2005; TEODOSIO et al., 2013).

No final da década de 50, o ensino superior sofre um processo de massificação impulsionado pela necessidade de mão de obra especializada para atender à expansão capitalista. Neste contexto de

efervescências foi criada a Universidade do Rio Grande do Norte, no dia 25 de junho de 1958, através da Lei 2.307, assinada pelo então Governador do Estado Dinarte Mariz, inaugurando uma nova era na terra potiguar. A sua federalização ocorreu ao final do governo Juscelino Kubitschek, no dia 18 de dezembro do ano de 1960 (MENESES, 2005).

No que se refere ao ensino superior em enfermagem no RN, ele desponta no auge das mudanças políticas e socioeconômicas do país, na década de 60, que se refletiram no incremento dos cursos de graduação nessa área na década de 70, por incentivo do Ministério da Educação de ofertar mais vagas para a formação de enfermeiros no Brasil (KLETEMBERG et al, 2011).

Nessa conjuntura, foi criado o primeiro curso de ensino superior em Enfermagem no RN, na cidade de Mossoró, sendo também o primeiro da área biomédica da região do oeste. Denominado de Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia, sua origem data do dia 8 de julho do ano de 1968, através do Decreto Municipal nº 04/68, assinado pelo então Prefeito Raimundo Soares de Souza (COSTA, 2000).

Ainda sob a égide da Reforma Universitária, em 13 de agosto de 1973, foi criado o segundo curso de Enfermagem do RN, vinculado ao Departamento de Enfermagem da UFRN, em Natal, através da Resolução nº 58/1973 (MENESES, 2005; TEODOSIO et al., 2013). A primeira chefe do Departamento foi a enfermeira Leda de Melo Moraes, formada pela Universidade Federal de Pernambuco, e à época esposa do então Vice-Reitor da UFRN, o médico e professor Leide Moraes. A vice-chefia foi assumida pela professora Raimunda Medeiros, formada na Universidade Federal de Pernambuco, à época funcionária do Hospital Onofre Lopes (TIMÓTEO, 1997).

Assim, começava a estruturar-se o curso de graduação em enfermagem da UFRN. Em maio de 1974, através de Resolução CONSUNI, foi autorizada a contratação para o departamento de enfermagem das professoras assistentes enfermeiras: Leda de Melo Moraes, Maria Elida Santos de Souza, Oscarina Saraiva Coelho, Raimunda Medeiros, Nadir Soares Vila Nova, e Guiomar Pereira Barreto. Na condição de Auxiliares de Ensino foram contratadas as professoras enfermeiras: Deise Gonçalves Leite e Maria das Graças de Araújo. Como se vê, apenas mulheres, algo comum à época nos cursos de graduação em enfermagem (TEODOSIO et al., 2013).

Figura 5 - Antigo prédio da Escola de Auxiliares de Enfermagem que a partir do ano de 1973 passou a abrigar o Departamento de Enfermagem e seu respectivo curso de graduação. Florianópolis, 2014.



Fonte: Fotografia cedida pela Escola de Enfermagem de Natal/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Florianópolis, 2014

O primeiro vestibular para o curso ocorreu no segundo semestre de 1973. Foram aprovados trinta alunos (vinte e seis mulheres e quatro homens) e as aulas iniciaram no primeiro semestre do ano de 1974⁵. No ano de 1975 a autora deste trabalho ingressou no curso pela via da transferência voluntária, oriunda da UFPE, fazendo parte assim da primeira turma de enfermeiros da UFRN.

⁵ No primeiro ano do curso seis alunos (dois homens e quatro mulheres) fizeram reopção para outros cursos; e no decorrer do processo de formação quatro alunos ficaram retidos, não conseguindo concluir com a primeira turma.

Figura 6 - Alunos aprovados no primeiro vestibular do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Florianópolis, 2014



Fonte: Foto cedida por uma das egressas. Florianópolis, 2014.

Dessa primeira turma, concluíram, em 10 de dezembro de 1977, 20 enfermeiras, recebendo o título de bacharel em Enfermagem e Obstetrícia, com Habilitação em Saúde Pública, e um enfermeiro apenas como bacharel, totalizando 21 enfermeiros graduados. Desses, 17 foram contratados, no ano de 1978, como professores colaboradores da UFRN; destes, 12 se efetivaram como docentes do Departamento de Enfermagem e cinco optaram por hospitais universitários na condição de enfermeiros-docentes. Entre os demais, uma egressa assumiu a docência na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, duas ingressaram nos serviços de saúde pública do estado e uma optou pela Residência no Hospital das Clínicas na Universidade de São Paulo (USP).

O recorte temporal do estudo diz respeito aos anos de 1970, período em que foram criados os dois cursos de graduação em enfermagem, no Rio Grande do Norte: o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, no ano de 1968, reconhecido em 1972; e, em 1973, o Curso de

Enfermagem e Obstetrícia da UFRN, o qual foi reconhecido no ano de 1978.

Vale ressaltar a importância do estudo para a preservação da memória e da história do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN, por seu significado social na formação de enfermeiros. O mesmo possibilitará o compartilhamento de conhecimentos acerca da constituição da identidade profissional do enfermeiro, seus sentidos e significados em um determinado período histórico, que servirão para produzir novas significações, no tempo presente e no futuro da profissão.

Nesse estudo, os termos “sentidos” e “significados” são compreendidos a partir das concepções interacionistas de Vygotsky (2000). Para esse autor, o significado é coletivo e é elaborado historicamente, no qual o sujeito, ao nascer, já encontra pronto o sistema de significações. Já o sentido é complexo, amplo e de âmbito particular e depende da vivência de cada sujeito, da construção/reconstrução que ele faz do real e da forma com que ele interpreta e se apropria do mundo, bem como da sua personalidade. Por conseguinte,

o sentido é sempre uma formação dinâmica, variável, que tem diversas zonas de estabilidade diferente. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa (VYGOSTKY, 2000, p. 333).

Portanto, para se compreender a fala dos sujeitos deste estudo sobre a sua escolha profissional e os sentidos e significados de ser enfermeiro nos anos de 1970 é fundamental compreender não só o que é expresso em palavras, mas também o seu pensamento e sua motivação, conforme esclarece Vygotsky (2000).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem socio-histórica cujos fatos foram obtidos através de entrevista semiestruturada, utilizando-se a técnica da História Oral Temática.

Os participantes do estudo foram os 16 egressos do primeiro curso da UFRN/ Campus Natal. Os critérios de inclusão foram: aceitação voluntária, disponibilidade e condições físicas e psicológicas de participarem da pesquisa e aceitarem a gravação da pesquisa. Estes foram orientados quanto ao direito de participar ou não do estudo e, após

leitura e concordância, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a Carta de Cessão. Eles foram nominados pelo sobrenome conforme grafado no convite de formatura, com exceção do participante do sexo masculino para não conflitar com uma egressa de sobrenome homônimo. O estudo se orientou pelos princípios da Resolução 466/2012, sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi apreciado e aprovado sob o Parecer nº 388.018 de 09/09 de 2013.

Para a análise dos dados elegeu-se a Análise Temática, por estar relacionada a um determinado tema e poder comportar um feixe de relações. Ela consiste em descobrir os núcleos de sentido que tenham significado para o estudo e se compõe das seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Inicialmente, realizou-se a transcrição das entrevistas gravadas, nas quais se buscou conservar as falas, os esquecimentos, a ênfase nas palavras, os silêncios e as emoções (risos, lágrimas, amargura, rancor, dentre outras) que fluíam no decorrer da entrevista. Na segunda etapa, foi realizada uma leitura fluente seguida da exploração mais profunda do material para a identificação das categorias temáticas. Em seguida, realizou-se o tratamento dos resultados obtidos, cujas interpretações foram dando significado às fontes históricas e possibilitaram uma análise das narrativas à luz do referencial teórico sobre processos identitários de acordo com o campo sociológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parte-se do entendimento de que a memória e a história entrelaçadas pela reconstituição temporal e espacial contribuem com os processos de construção social das identidades e dos sentidos e significados de pertencimento a eles vinculados (CANDAUI, 2012). Portanto, os resultados da análise dos fatos não foram considerados apenas como dados frios para o pesquisador, mas como “produções de sujeitos que se constroem ao se dizerem” (DUBAR, 2009, p. 265). Nesse sentido, a análise resultou em duas categorias, que proporcionam o debate acerca das narrativas oriundas das lembranças dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN, quais sejam: “Ser enfermeiro: a escolha pela profissão” e “O ideário de ser enfermeiro: sentidos e significados”.

Ser enfermeiro: a escolha pela profissão

As escolhas profissionais representam um marco na constituição da identidade profissional e na inserção dos jovens no mundo do trabalho. Na sociedade contemporânea, cada vez mais cedo os jovens estão sendo impelidos à escolha profissional. Ao ingressarem no ensino médio cria-se toda uma expectativa dos familiares e da sociedade em geral acerca da sua opção para o ingresso em um curso superior, pela possibilidade de acesso a uma universidade, reconhecida como espaço de construção da ciência e uma ponte para a inserção profissional no mercado de trabalho.

Desse modo, a escolha da profissão compõe um projeto de vida pessoal e profissional cuja decisão pode estar relacionada a diversos fatores, tais como: família, influência de professores e perspectivas de inserção no processo de trabalho. No conjunto desses fatores permeia a imagem social das profissões. Historicamente algumas profissões carregam estereótipos ligados, muitas vezes, a *status*, vantagens financeiras e bens materiais, como é o caso da medicina e do direito.

Historicamente a medicina tem se colocado como primeiro lugar na concorrência para aqueles que anseiam em ser profissionais da área de saúde da UFRN. Essa grande demanda tem direcionado muitos estudantes a optarem por outras profissões como segunda opção.

Desse modo, ao serem questionados sobre a “escolha profissional”, alguns alunos egressos relataram que o destino era a área de saúde e que o ingresso em enfermagem ocorreu por não conseguirem classificação em medicina, que foi a primeira opção para a maioria. Ao não obterem nota para aprovação no primeiro curso, os alunos egressos foram direcionados ao curso de enfermagem como segunda opção, segundo se observa nas lembranças/narrativas abaixo:

Eu queria fazer qualquer coisa dentro da saúde, então coloquei primeiro medicina e em segundo enfermagem e como a questão de nota era o que classificava a minha ficou pra fazer enfermagem (LOPES, 2014).

Assim, desde criança que eu já me identificava com a saúde. [...], eu sonhava em fazer, na verdade medicina. [...] eu coloquei como primeira opção medicina, segunda opção enfermagem e terceira opção farmácia. [...] Aí fui aprovada no

primeiro vestibular, pra enfermagem (JALES, 2014).

A busca pelo curso de medicina como primeira opção tem como uma das principais razões o *status* social que é conferido por essa profissão aos seus trabalhadores e o reconhecimento que inclui realização profissional e pessoal.

Na área da saúde observa-se que, com o desenvolvimento da medicina moderna, à época uma profissão masculina, o saber médico se estabeleceu como profissão hegemônica no processo de trabalho em saúde e submeteu os demais profissionais à sua lógica medicalizante, construindo ao longo dos anos o que se convencionou de identidade paramédica. A exemplo da enfermagem que, mesmo se constituindo como profissão no final do século XIX, durante muito tempo foi considerada como profissão paramédica por configurar-se como disciplina dessa área.

Ademais, na década de 70, não existia ainda o curso de enfermagem na UFRN e o quantitativo de enfermeiros atuando nos serviços de saúde era mínimo e se restringia a alguns poucos serviços públicos. Além disso, nesse período a enfermagem como profissão de nível superior era a que menos crescia na área de saúde. Estudos apontam que existia uma relação de 6,7 médicos para um enfermeiro e para cada estudante do curso de graduação em enfermagem havia oito estudantes de medicina (KLETEMBERG et al., 2011).

Ao optar por uma profissão o sujeito se identifica a partir de imagens idealizadas (identidade para si) e pela identidade social (identidade para o outro) de determinada profissão ou área profissional, historicamente construída (DUBAR, 2005). Então, para alguns alunos egressos, a escolha não foi difícil porque já havia uma identificação com a profissão advinda da imagem de enfermeiros projetada por profissionais ou pela literatura.

No interior a fundação SESP era muito forte e as enfermeiras do SESP [...] falavam muito bem da enfermagem e [...] eu ficava muito empolgada com tudo aquilo. Realmente, eu tinha um sonho de ser enfermeira [...]. Eu queria né enfermagem, mas aqui em Natal ainda não tinha [...] fiquei muito feliz quando no terceiro ano, na época do científico, a enfermagem ia entrar [...] então coloquei enfermagem (GOMES, 2012).

Eu decidi pela enfermagem depois que li um livro do autor John Crown que era um médico americano [...]. As enfermeiras eram bem envolvidas e eu comecei a querer ser enfermeira, mesmo sem saber bem o que era... Quanto mais eu lia mais isso ia se arraigando e decidi através disso, por incrível que pareça (SILVA, 2013).

Acho que eu tinha uma visão romântica da enfermagem [...] de vez em quando, me deparava com o papel de enfermeiros em alguns romances que lia [...]. Eu era jovem demais, na verdade eu não sabia o que queria ser. E foi isso que definiu a escolha. Depois pra mim foi frustrante [...] (BRITO, 2014).

Ao ingressarem no Curso de Graduação em Enfermagem, os alunos trazem consigo significados e identificações acerca da profissão, que podem ser confirmados, ou não, no decorrer da trajetória da formação. A visão romântica de uma das alunas, acima citada, associa-se à visão da “dama da lâmpada”, que, inspirada pelos sentimentos de bondade e abnegação, efetuava seu trabalho de forma submissa e abnegada. Para Florence Nightingale, a enfermagem era entendida como uma vocação bem como uma profissão, para ela qualquer mulher poderia vir a ser boa enfermeira desde que aliasse obediência e respeito à hierarquia e humildade (AMANTE et al., 2011).

No entanto, ao se aproximar das especificidades concretas do fazer da profissão, os alunos vão desconstruindo essa identidade romântica, podendo ser substituída por uma visão mais coerente e mais próxima da realidade, de uma profissão que tem peculiaridades no cuidar do outro.

Essa identificação com as enfermeiras da Fundação SESP – Serviço Especial de Saúde Pública⁶ decorreu da contribuição delas, que

⁶ Este serviço foi criado no Brasil no governo Vargas, ano de 1942, resultante da parceria com os Estados Unidos para o desenvolvimento de atividades gerais de saúde e saneamento que também incluíam o combate à malária, a assistência médico-sanitária dos trabalhadores ligados ao desenvolvimento econômico. Sua área geográfica de atuação eram as regiões distantes e carentes. No ano de 1960 foi transformado em fundação do Ministério da Saúde (MERCADANTE, 2002).

foi muito importante para a expansão dos serviços de saúde de regiões carentes do Brasil, dentro de um modelo próprio que tinha na Enfermagem um dos pilares de suas ações. A colaboração do SESP para a enfermagem pautou-se por várias estratégias; dentre elas destacam-se: a capacitação, o aperfeiçoamento continuado e a práxis alicerçada no saber técnico e científico (RENOVATO; BAGANATO, 2008).

A influência dos familiares é um elemento muito presente na escolha profissional, por vezes esses fazem uma projeção social de uma ascensão social por eles não conquistada. Para algumas alunas egressas, essa interferência dos pais era tão forte que ingressaram em enfermagem como segunda opção, mas perpassava uma incerteza na permanência ou não no curso:

Eu sentia que o meu pai, [...] tinha um sonho muito grande e achava que eu deveria fazer medicina porque eu era muito estudiosa eu teria um potencial e ele não conhecia muito bem a área de enfermagem achava que eu deveria fazer o curso de medicina (VILAR, 2013).

Em relação à família eles preferiam que eu tentasse novamente medicina [...] eu continuei no curso naquela perspectiva de fazer medicina. [...] A minha família perguntava se eu queria ser empregada de médico. Quando comecei a estudar e conhecer a profissão fui percebendo a importância desse profissional, então continuei no curso (BARBOSA, 2014).

A primeira opção foi medicina e a segunda enfermagem, como meu irmão ia fazer pra medicina eu rezava pra ele passar em medicina e eu em enfermagem pra meu pai ficar satisfeito. Enfermagem foi a minha segunda opção porque eu queria satisfazer primeiro meu pai, mas eu permanecia na dúvida porque eu preferia enfermagem (CARVALHO, 2013).

Em se tratando das mulheres essa ingerência dos pais era muito mais enraizada, principalmente, nos anos de 1970, quando a mulher sofria influência histórica não só familiar, mas também da sociedade na

escolha profissional. Ademais, ao optarem por uma profissão à época carregada de estigmas e preconceitos. O fato de se constituir historicamente como profissão feminina não garantia à enfermagem o reconhecimento social e lhe conferia pouca visibilidade, o que interferia no seu *status* social e na sua identidade profissional (PADILHA; BORENSTEIN; SANTOS, 2011).

Além disso, as mulheres que lutaram para o reconhecimento de suas atividades profissionais e pelo respeito social, indiscutivelmente, ainda tinham poucas outras opções ou modelos a seguir, no final do Século XIX e o início do Século XX (NELSON, 2011).

As repercussões iniciais dos familiares dos egressos pela escolha do curso de enfermagem, em alguns casos, não foram muito favoráveis, e às vezes até negativas, em algumas situações, pelo desconhecimento da profissão e pela imagem estereotipada que a profissão carrega desde seus primórdios.

Entretanto, não é por acaso esse desconhecimento que a sociedade tinha acerca dos enfermeiros, ela até reconhecia a enfermagem como qualquer outro profissional não médico, mas o enfermeiro ainda era um profissional bem raro no processo de trabalho em saúde. Assim, a questão da identidade profissional dos enfermeiros, no que pesem as conquistas e avanços da enfermagem, vem sofrendo as imposições decorrentes de certa fragilidade própria de uma profissão que não consegue ser visível e reconhecida perante a sociedade (NELSON, 2011).

Aliás, até meados de 1970, a enfermagem como profissão de nível superior era a que menos crescia na área de saúde. Estudos apontam que existia uma relação de 6,7 médicos para um enfermeiro e para cada estudante do curso de graduação em enfermagem havia oito estudantes de medicina (KLETEMBERG et al., 2011).

A identificação que originou a escolha profissional não se encerra com a inserção no curso escolhido. No início de sua trajetória acadêmica, o estudante vai construindo ou desconstruindo sua identidade profissional básica, podendo reafirmar ou questionar sua escolha, conforme pode ser observado nas falas abaixo.

Eu entrei na enfermagem que era minha segunda opção até para conhecer. [...] depois eu fiz a reopção, que existia dentro da universidade, e passei em primeiro lugar pra o curso de medicina. [...]. Mas, eu preferi continuar na enfermagem, a decisão foi firmada pela certeza que queria cursar

enfermagem mesmo diante da possibilidade de tomar outro caminho (VILAR, 2013).

Eu era jovem demais, na verdade eu não sabia o que queria ser. E foi isso que definiu a escolha. Depois pra mim foi frustrante [...] depois que comecei a viver com aquele meio eu sabia que aquilo não era meu caminho. [...] O curso me fez mudar sim a visão romântica da enfermeira que eu tinha (BRITO 2014).

As identidades não são inatas nem imutáveis, elas estão sempre em movimento e em uma dinâmica de desestruturação/reestruturação. Nas falas acima se percebe um direcionamento para a identificação com o curso na primeira fala, mas também uma desconstrução de uma imagem na segunda. Na primeira narrativa, mesmo tendo a oportunidade de reopção no curso pretendido, a egressa preferiu continuar cursando enfermagem percebendo-se a constituição inicial de uma identificação, durante o processo de socialização ocorrido ainda no começo do curso. Algumas trajetórias identitárias são marcadas pela continuidade (reconhecimento) e outras por rupturas (não reconhecimento), o que implica em reafirmação ou questionamentos de identidades anteriormente adquiridas ou construídas (DUBAR, 2005, p. 148).

A análise sobre a escolha profissional indicou, também, um interesse direcionado à inserção no processo de trabalho em saúde. Por ser um curso novo, a enfermagem foi vista como uma profissão com maior chance de inserção no mercado de trabalho e de ascensão profissional.

Eu já estava no meu segundo vestibular e não tinha passado em medicina [...]. Como era um curso novo e aí saiu reportagem nos jornais quanto à perspectiva de trabalho [...]. Aí eu optei pelo curso de enfermagem, por ser um curso novo na universidade e ser mais próximo de medicina (ARAÚJO, 2013).

Eu já trabalhava na área de saúde então escolhi enfermagem por ser um curso novo e poderia depois fazer ascensão profissional. Não me arrependo de ter feito enfermagem (ASSIS, 2014).

A contingência da escolha profissional obrigou a alguns alunos egressos, mesmo com certa frustração, a reverem suas perspectivas profissionais e fazerem opção por uma profissão similar aos seus anseios e que lhes garantissem uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho e a realização de um projeto de ascensão social. Esse é um fato que tem marcado a trajetória da maioria dos jovens quando se sentem impelidos a buscarem no mercado de trabalho a sua independência financeira. Estudo realizado no ano de 2006 sobre a construção da identidade profissional de enfermeiros também é revelador dessa opção contingencial (OLIVEIRA, 2006).

Portanto, a construção de uma identidade profissional básica não se constitui apenas de uma identidade no trabalho, é “uma projeção de si no futuro a antecipação de uma trajetória de emprego e a elaboração de uma lógica de aprendizagem, ou melhor, de formação” (DUBAR, 2005, p. 149).

O ingresso no processo de formação e o percurso acadêmico, principalmente quando os alunos se deparam com a ação do enfermeiro nos campos de prática, despontam como espaço privilegiado de identificação e colaboram na adesão dos egressos à profissão.

O ideário de ser enfermeiro: sentidos e significados

Figura 7 – Grupo de alunos do Departamento de Enfermagem/UFRN (1975).
Florianópolis, 2014



Fonte: Fotografia cedida por uma das egressas. Florianópolis, 2014.

Tomando como referencial a compreensão sociológica da identidade profissional, é importante considerar o ideário no qual os egressos identificam o “ser enfermeiro” e como eles percebem a visão dos outros sobre essa profissão. Assim, o segundo eixo temático deste estudo vislumbra os sentidos/significados atribuídos pelos alunos egressos à profissão antes da inserção no processo de formação.

Desse modo, a temática “ser enfermeiro” gerou algumas falas que demonstraram pouco conhecimento dos alunos egressos sobre a profissão e alguns alunos egressos vinculavam a uma concepção da profissão voltada para o cuidar como sinônimo de “fazer”, no sentido de ajuda e de desenvolvimento de técnicas, muito embora encontrem-se traços, em algumas falas, acerca da necessidade do conhecimento científico.

Ser enfermeira para mim era cuidar de doentes, ela cuidava da doença. A diferença que se percebia era aquela pessoa que tava mais junto do doente, mas sempre do doente. É tanto que durante muito tempo a parte da prevenção, da saúde pública, pra mim era muito difícil porque na minha cabeça quando eu quis ser enfermeira foi estar dentro de um hospital cuidando de pessoas doentes (SILVA, 2013).

Eu pensava, pensava assim naquela ideia de ser enfermeira, trabalhar em hospital, de administrar injeção, de fazer curativo, de cuidar mesmo do paciente (FREIRE, 2014).

Eu imaginava que ser enfermeira era fazer ações simples, [...], principalmente em hospital. Nunca pensei na enfermeira na atenção básica. Sempre pensei uma enfermeira dentro do hospital e que iria fazer, executar essas ações como técnicas, sei lá, um pouco maaais, porque teria que estudar, ter uma base científica mas que ia fazer esse procedimentos, e também coordenar uma equipe (JALES, 2014).

O significado do cuidar presente nas falas dos alunos egressos está associado ao curar em um sentido tecnicista/hospitalocêntrico, direcionado apenas a procedimentos simples realizados no âmbito hospitalar. Essa imagem do enfermeiro como um profissional responsável por ações simples, vinculadas ao fazer técnico sob ordens do médico, sem um saber científico próprio, caracteriza de certa forma um dos traços identitários dos enfermeiros da época. Essa visão é legitimada pela necessidade de eficácia da competência técnica para contribuir com o avanço tecnológico, a partir de uma concepção fragmentada do processo de trabalho em saúde onde o médico exercia o controle do saber e das ações de saúde nas instituições hospitalares, ficando o “fazer” ao encargo do enfermeiro e demais profissionais da saúde.

Com o advento da Idade Moderna a revolução científica contribuiu para a consagração da medicina como profissão, fortalecendo-se com a expansão das universidades e dos hospitais. No entanto, a enfermagem não acompanhou a mesma evolução. A primeira identidade da enfermagem foi associada à religiosidade pela ação caritativa prestada pelas ordens perpétuas e leigas nos hospitais/mosteiros da época. Com a Reforma Protestante, esta identidade foi desconstruída, provocando uma crise de identidade quando suas atividades passaram a ser exercidas por pessoas sem qualificação, de baixa classe social e moral, e, portanto desprestigiadas. Esse estigma atravessou o oceano e aportou no Brasil trazendo consequências que ainda afetam a enfermagem até os dias atuais (KOERICH et al., 2011).

Essa realidade foi sentida pelos alunos egressos, que também enfrentaram os desafios na escolha de uma profissão desconhecida por si e pela sociedade, no momento da opção profissional.

Eu não sabia o que era ser enfermeira. Atribuo a falta do desconhecimento geral, ninguém sabia, no Rio Grande do Norte o que era essa profissão. A enfermeira era conhecida como aquela pessoa que cuidava tendo apenas o nível elementar, o nível fundamental, pessoas que não tinham nem estudo. Então, por isso a desvalorização era geral. [...] Não se sabia o papel do enfermeiro mesmo, vestiu branco, não era médico, era enfermeiro, mesmo que fosse o maqueiro (NICOLETE, 2014).

Acho que as pessoas não tinham a compreensão do que era ser enfermeira, não. Você tinha que explicar – é auxiliar? Não, a enfermeira passa por um curso de graduação como os demais profissionais da saúde. Isso passou um bom tempo na compreensão das pessoas (CERVEIRA, 2013).

Considerando-se que o sujeito se socializa interiorizando valores, ideias e disposições que contribuem para sua identidade, principalmente, o princípio de reconhecimento e aceitabilidade, porém a concepção sobre o ser enfermeiro que esses alunos egressos viram espelhada na sociedade era de um total desconhecimento da profissão, a que eles também se somavam. No entanto, optaram pela profissão mesmo sem conhecê-la.

De outra forma, ao serem indagados sobre o significado de ser enfermeiro, à época do vestibular, os alunos egressos buscaram lembranças de pessoas e de experiências positivas armazenadas em suas memórias, demonstrando que a constituição identitária é um processo sociorrelacional que se estabelece naquilo que o sujeito se identifica consigo mesmo e com os outros, como um espelho em que o sujeito se vê refletido. Essa relação para si e para outrem é uma forma identitária que pode decorrer de um engajamento em um projeto que implica na identificação com outros que pertencem ao mesmo projeto idealizado (DUBAR, 2009).

O respeito atribuído às enfermeiras e o reconhecimento como uma profissional com competência científica foram expressos como fatores que despertaram sentidos e significados à profissão escolhida, conforme evidenciam as falas abaixo.

Ser enfermeira pra mim eram aquelas enfermeiras da Fundação SESP, [...] assim eu observava que elas gostavam de ser enfermeiras [...] Elas executavam, não eram só sentadas no birô de jeito nenhum, elas executavam mesmo ações, comandavam, coordenavam a equipe mas também executavam ações de enfermagem, procedimentos de enfermagem (GOMES, 2013).

Me espelhava na minha prima porque ela sabia muito e fazia muitas palestras, estudava bastante, fazia palestras, participava de congressos, mas sempre estava na assistência hospitalar. Então eu

me identificava com ela porque era muito dinâmica (CARVALHO, 2013).

Contudo, o ser-enfermeiro no imaginário social à época também era revestido de muitos preconceitos, que de certa forma, marcaram os alunos egressos do curso e alguns repassavam essa imagem negativa da profissão.

Ser enfermeira era amante de médico, empregada de médico, essa visão era muito forte na época. Então, se você como enfermeira tivesse um pouco de aproximação profissional com um médico, então as pessoas pensavam assim – essa só pode ter um caso com o médico. [...] Acredito que de tanto se ouvir falar que enfermeira era sempre um caso de médico e como nos foi colocado que a nossa turma deveria mudar essa ideia, era essa a minha percepção, não podíamos dar cabimento a médico, nem a estudantes de medicina (SILVA, 2013).

O preconceito não era apenas externo à profissão, também estava presente no imaginário de algumas das alunas.

Tinha uma aluna transferida que passou um tempo conosco, ela dizia que toda enfermeira que se preza tinha que ter um caso com um médico e que ela já tinha o caso dela. Ela era casada com um médico e já tinha o dela. [...]. Essa questão é séria, é uma coisa distorcida da nossa época, que se dizia muito isso, a enfermeira tinha que namorar com médico, isso desqualificava a profissão (NICOLETE, 2014).

Na época do estágio tive muitos pensamentos de sair e tentar medicina. Eu me sentia muito envergonhada, se fosse um aluno de medicina conhecido da família [...] e me perguntava: o que eu tô fazendo aqui? Foi logo no início quando estava fazendo alguns procedimentos como banho de leito, colocar aparelho, papagaio essas coisas que eu achava que eram menores (BARBOSA, 2014).

Não se pode desconsiderar que a identidade profissional de enfermeiros também é influenciada pela história da enfermagem de acordo com os diferentes contextos históricos em que ela se insere. Assim, as narrativas acima estão atreladas a uma concepção distorcida da profissão mundialmente construída.

Não obstante toda a organização da enfermagem para superar essa crise e reconstruir uma identidade social (atribuição de si) que retrate como a sociedade lhe reconhece os avanços obtidos, isso parece ainda não atingir toda a sociedade. Essa concepção distorcida e preconceituosa em relação à profissão parece existir até a atualidade, conforme recente estudo sobre as percepções de enfermeiras acerca do preconceito na profissão, realizado em São Paulo (JESUS et al., 2010).

Convém ressaltar que essa visão sobre a enfermeira associa-se ao estigma sexual que perpassa a história das mulheres e de seus papéis nas sociedades dominadas pelo homem. Então, uma profissão eminentemente feminina não poderia deixar de ser marcada por relações de dominação sexuada. Ao passo que a identidade masculina se construiu como trabalho produtivo e reconhecido pela sociedade, a identidade feminina só atingiu formas privadas de reconhecimento. “As mulheres foram socialmente instaladas na esfera doméstica e ocuparam um lugar subordinado e um estatuto de objeto” (DUBAR, 2009, p. 77).

A esse respeito a fala de uma dos egressos aponta essa condição subordinada da mulher

Quando eu tava pra sair pra especialização papai chegou pra mim e disse – por eu ser mulher, nunca tinha saído pra longe – ‘Minha filha pode largar seu emprego.’ – acredita Sheila? Eu já tinha passado no concurso e tudo, ele disse: ‘Fica aqui, eu vou sustentar você.’ Pra ele mulher não tinha que trabalhar, viajar, não tinha que sair de perto da família (BARBOSA, 2014).

Vale destacar que outras pesquisas mais recentes, sobre a opção pelos cursos de enfermagem, apontaram para os mesmos aspectos observados neste estudo (OJEDA, 2009). Outros estudos mostram que a profissão de enfermagem continua a sofrer a influência dos valores tradicionais, de normas culturais e sociais com relação ao gênero e *status* profissional (ÖHLÉN; SEGESTEN, 1998; JESUS, 2010; TEN HOEVE; JANSEN; ROODBOLP, 2014). Ao longo da história da

profissão no país, “a Enfermagem e a enfermeira foram percebidas a partir de inúmeras imagens e símbolos, presentes no ideário coletivo” (RIBEIRO et al., 2006).

Pode-se inferir que as influências do contexto familiar, as representações sociais sobre as profissões e as expectativas favoráveis sobre a entrada no processo de trabalho ainda permanecem como uma composição de identificação pessoal e/ou social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se nas narrativas que a escolha profissional pela enfermagem da maioria dos alunos egressos da primeira turma da UFRN se revestiu de certa frustração de um sonho não realizado – cursar medicina, da proximidade da profissão com a medicina, de expectativas frente ao mercado de trabalho e desejos de ascensão social. Os participantes se posicionaram de forma quase homogênea em relação à escolha profissional, principalmente no que se refere à enfermagem como segunda opção.

Desse modo, o estudo possibilitou analisar os aspectos relativos à escolha profissional dos alunos egressos, os quais foram entremeados pelas influências dos familiares, pelas expectativas favoráveis de inserção no mundo do trabalho e da ascensão social e pela identificação com experiências positivas de profissionais da área. Esses elementos podem ser considerados como fundantes da identificação social da profissão pelos alunos egressos do curso.

O referencial teórico sobre a concepção de identidade, do ponto de vista sociológico, contribuiu para captar através da rememoração mnemônica a subjetividade dos participantes, no que se refere aos sentidos e significados sobre o ideário de ser enfermeiro que constituíram na identidade profissional desse grupo. Os sentidos dizem respeito à visão particular dos egressos, da (re)construção que cada um faz sobre a profissão, que envolveu: sonhos, visão romanesca da profissão, a influência da literatura, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e de ascensão profissional. O significado de ser enfermeiro abrangeu as concepções tradicionais, principalmente o entendimento de cuidar como sinônimo de “fazer”, as imagens distorcidas, estigmas e preconceito social que perseguem historicamente a profissão. Assim, os sentidos e significados da profissão dos alunos egressos surgiram como fragmentos da memória. Eles são rememorados

pela importância social que tiveram na constituição da identidade profissional de cada um e de todos.

A pesquisa contribuiu para compreensão da importância da história e da memória para recuperar historicamente os antecedentes do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN, promovendo novas reflexões. Além disso, almeja-se que ele colabore, também, para a preservação da história da enfermagem no Brasil e para a efetivação de pesquisas do processo de construção da identidade profissional do enfermeiro.

Nesse sentido, destaca-se a importância dos estudos históricos acerca da constituição da identidade profissional do enfermeiro, que possibilitem o rememorar de uma identidade socialmente construída, a partir da identidade biográfica de cada um e por sentidos e significados que são atribuídos ao enfermeiro, em cada momento histórico.

Os enfermeiros precisam compreender a evolução histórica de sua profissão para repensar sua trajetória futura e (re)construir sua identidade profissional que articule o seu sentido de pertença com o reconhecimento social de seus pares, trabalhadores da saúde e a sociedade em geral. Para tanto, a formação tem um papel preponderante e sua importância para a construção da identidade profissional de enfermeiros precisa ser reconhecida pelos docentes, gestores do processo de formação e entidades profissionais.

REFERÊNCIAS

ABEn-RN. **Atas de Assembléias Gerais das Gestões de 1960 a 2000**. Natal: Associação Brasileira de Enfermagem, Seccção-RN, 2010.

AMANTE, L. N. et al. O cuidado e a ciência no mundo e no Brasil : pontes para a profissionalização da enfermagem. In: PADILHA, M. I. (Org). **Enfermagem: uma história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

ARAÚJO, I.S. **Januário Cicco: um homem além do seu tempo**. Natal: Universitária, 1983.

AVELAR, V. L. L. M. D.; PAIVA, K. C. M. D. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 6, p. 1010-1018, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELLAGUARDA, M. L. R. et al. Identidade da profissional enfermeiros caracterizada numa revisão integrativa. **Enfermagem em Foco**, v. 2, n. 3, p. 180-183, 2011.

CANAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura: o poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem**: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-15022012-185459/>>. Acesso em: 24 ago. 2014

COSTA, M. N. V. **História de uma travessia**: o ensino de enfermagem em Mossoró. 2000.143 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2000.

DEMAZIÈRE, D.; DUBAR, C. Trajetórias profissionais e formas identitárias: um teorização. In: GUIMARÃES, Nadia Araujo; HIRATA, Helena (Org.). **Desemprego**: trajetórias, identidade, mobilizações. São Paulo: SENAC, 2006. cap. 4, p. 165-187.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 13-30, 1998.

_____. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANÁRIO, Rui. (Org.). **Formação e situações de trabalho**. 2. ed. Porto: Porto, 2003. p. 43-52.

_____. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

JESUS, E. S. et al. Preconceito na Enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Rev Esc Enferm, USP**, v.44, n.1, p. 166-173, 2010.

GERMANO, J. W. Globalização contra-hegemônica, solidariedade e emancipação social. **Cronos**, Natal, v. 8, n. 1, p. 41-55, jan./jun.2007.

_____. O discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. **Cad. Cedec**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 313-332, set./dez. 2008.

KLETEMBERG, D. F et al. O fascínio da ciência na área da saúde (1960-1990). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2011. p. 295-334.

KOERICH, A. M. E. et al. A organização de enfermeiros e da saúde no contexto da idade moderna: o cuidado e a ciência no Mundo e no Brasil. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

MENESES, R. M. V. **Formação de enfermagem no estado Potiguar**: da criação à consolidação. 2005. 186 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MERCADANTE, O. A. Evolução das Políticas e do Sistema de Saúde no Brasil. In: FINKELMAN, J. (Org.) **Caminhos da saúde pública no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

NELSON, S. A imagem de enfermeiros: as origens históricas da invisibilidade na enfermagem. **Texto contexto**: enferm., Florianópolis, v. 20, n. 2, jun. 2011.

OJEDA, B.S et al. Acadêmicos de enfermagem, nutrição e fisioterapia: a escolha profissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, jun. 2009.

ÕHLÉN, Oè Hleân J.; SEGESTEN, K. The professional identity of the nurse: concept analysis and development. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 4, p. 720-727, 1998.

OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional de enfermeiros. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.

PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M.; SANTOS, I. (Org.). **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

RENOVATO, R. D; BAGNATO, M. H. S. As contribuições do Serviço Especial de Saúde Pública para a formação profissional da Enfermagem no Brasil (1942-1960). **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 61, n. 6, p. 909-915, nov./dez. 2008.

RIBEIRO, A. A. A. et al. **A escolha profissional no imaginário social**: enfermeiras brasileiras e peruanas, **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro v. 10, n. 2, ago. 2006.

SANTOS, R. M.; LEITE, J. L. **A inserção da enfermagem moderna em Alagoas**: os bastidores de uma conquista. Maceió: EDUFAL, 2004.

TEODOSIO, S. S. S. et al. Oscarina Saraiva Coelho: uma história de dedicação à enfermagem. **HERE**: História da Enfermagem: Revista Eletrônica, v. 4, n. 1, jan./jul. 2013.

TEN HOEVE, Yvonne, JANSEN, Gerard.; ROODBOL, Petrie. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity: a discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295–309, 2014.

TIMÓTEO, R. P. S. **O ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte**. 1997. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

5.3 Artigo 3: A formação e a construção da identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte (anos de 1970)

Sheila Saint-Clair Teodosio⁷

Maria Itayra Padilha⁸

RESUMO

Pesquisa qualitativa de abordagem socio-histórica, com o objetivo de analisar a contribuição do processo de formação em enfermagem para a (re)construção da identidade profissional de enfermeiros e sua expressão pós-ingresso no mercado de trabalho. Fundamentou-se nas concepções de Claude Dubar sobre formas identitárias e nas ideias de Maurice Halbwachs acerca da memória coletiva. Para a coleta de dados utilizou-se a história oral, em 16 entrevistas com egressos do curso e quatro docentes. Da Análise de Conteúdo Temática despontou a categoria: O processo de formação e a construção da identidade profissional de enfermeiros. Evidenciou-se a importância do processo de formação para a construção da identidade profissional dos alunos egressos, principalmente da ação educativa dos professores que serviram de modelo para essa construção. Conclui-se que o processo de formação em enfermagem imprimiu uma identidade profissional nos alunos egressos que os acompanhou para além da graduação, todavia ela não é imutável e, portanto se (re/des)constrói no decorrer da trajetória profissional por decisão própria, ou impulsionada por outras formas identitárias adquiridas como produto de sucessivas socializações no

⁷ Enfermeiros. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde – GEHCES. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: saintclairenf@gmail.com

⁸ Enfermeiros. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem e Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora CNPq. Líder do GEHCES. E-mail: itayra.padilha@ufsc.br

mundo do trabalho e/ou por novos processos de formação permanente e /ou continuada.

Palavras-chave: Enfermagem. Formação. Identidade. Profissão. História da enfermagem.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo, considerado por alguns autores como pós-moderno, no qual o desenvolvimento exacerbado da tecnologia e do conhecimento tem sido a grande narrativa, assim como a ciência foi para o século XIX e a teologia para a Idade Média, gerou o processo de globalização hegemônica, pondo em pauta a questão da fragmentação de objetos sociais e culturais diversos como um problema central do pensamento pós-moderno (MORIN, 1977; CASTELLS, 2010; GERMANO, 2008).

No entanto, a globalização não é algo novo, trata-se de um processo histórico transecular, de múltiplas faces e que recebeu, ao longo do tempo, diversas denominações, sendo mais recentemente conhecido como globalização neoliberal. Nesse cenário, as grandes transformações por que passaram as sociedades capitalistas, nas últimas décadas, não dizem respeito apenas à esfera econômica, afetaram também o campo social, a política e a cultura (GERMANO, 2008).

Nesse contexto, o desenvolvimento exacerbado da tecnologia e do conhecimento tem sido a grande narrativa que atinge todas as esferas sociais, principalmente, o mundo do trabalho. Nesse novo paradigma global, a socialização é um processo contínuo e dinâmico de construção e reconstrução dos sujeitos. Desse modo, estes no decorrer da vida assumem o sentimento de pertencimento à família, à escola, comunidade, dentre outros, compondo, assim, uma identidade social (DUBAR, 2005).

Essa concepção de uma identidade dinâmica é reafirmada ao situar-se a organização social do trabalho em meio às mudanças globais. Em qualquer transição histórica, a estrutura ocupacional é a que mais se recente no processo de transformação do mundo do trabalho. Desse modo, a sociedade, o mundo do trabalho e a vida dos sujeitos se veem sendo conformados “pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade” (CASTELLS, 2010, p. 17).

Nesse novo cenário, a educação adquire, em todos os níveis de ensino, responsabilidades para além da construção de conhecimentos,

competência e habilidades. Passa-se a exigir da escola bem mais do que o seu objetivo social. Ela se reveste de um compromisso na construção e no desenvolvimento de identidades, desde a educação básica até a educação superior, além do desenvolvimento de uma formação humana e cidadã dos sujeitos.

Assim, o processo de formação, que está presente ao longo de toda a vida dos sujeitos, adquire fundamental relevância para a constituição das identidades profissionais, porque cada forma identitária associa-se a um tipo de formação, isto é, a um sistema de objetivos, de métodos pedagógicos e de organização prática que os sujeitos vivenciam no processo de formação inicial, permanente, ou continuada. De tal modo, considera-se que

A formação é essencial na construção das identidades profissionais porque facilita a incorporação de saberes que estruturam, simultaneamente, a relação com o trabalho e a carreira profissional. Quanto mais um indivíduo se identificar com uma forma identitária coerente, mais dificuldade tem em mudar (DUBAR, 2003, p. 51).

No ensino universitário, essa contribuição para a construção da identidade profissional se faz mais evidente por ser um espaço de socialização em que conhecimentos teóricos e práticos, valores e normas se aproximam da ação profissional. Para além dos saberes e práticas é nesse espaço social que os alunos aprendem o modo de ser e estar na profissão que os guiará no confronto com mundo do trabalho. Assim, a formação universitária institui subsídios na composição de um grupo profissional por acompanhar todas as modificações do mundo do trabalho e do emprego, para além do período escolar (DUBAR, 2003).

Nesse sentido, a identidade profissional se constitui não apenas como identidade no trabalho, mas como perspectiva do que o indivíduo quer pra si, como projeção de futuro, a antecipação de uma trajetória no mundo do trabalho. No entanto, essa identidade não é linear, ela constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se durante toda a trajetória profissional, nas interações e experiências formadoras, como produto de sucessivas socializações (DUBAR, 2005).

A partir da compreensão de que o processo de formação tem um papel preponderante na construção das identidades profissionais, o presente estudo tem como objetivo analisar a contribuição do processo

de formação em enfermagem para a (re)construção da identidade profissional de enfermeiros e sua expressão pós-ingresso no mercado de trabalho.

Considerando-se que o estudo tem como cenário o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN do Rio Grande do Norte, pela sua importância social na formação de enfermeiros no Estado, torna-se imprescindível registrar de forma breve o contexto histórico de sua emergência.

O Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN foi criado no ano de 1973, em decorrência da política do Ministério de Educação e Cultura para sanar escassez de mão de obra nos serviços de saúde do Brasil e para atender o desenvolvimento tecnológico industrial. O curso nasce já vinculado ao Departamento de Enfermagem da UFRN, em Natal, através da Resolução nº 58/1973 (TIMÓTEO, 1997; MENESES, 2005).

Foram aprovados no primeiro vestibular 30 alunos, sendo 26 mulheres e quatro homens⁹ (ANEXO C). O predomínio do público feminino se equipara a outros cursos de enfermagem no Brasil. A primeira turma teve seu início no ano de 1974 e, no primeiro semestre de 1975, eu também ingressei no curso pela via da transferência voluntária, oriunda da UFPE, fazendo parte da primeira turma de egressos da UFRN. Assim, em 10 de dezembro de 1977, 20 enfermeiros receberam o título de bacharel em Enfermagem e Obstetrícia, com Habilitação em Saúde Pública, e um enfermeiro apenas como bacharel, totalizando 21 enfermeiros aptos ao mercado de trabalho.

O currículo do curso foi regido pelo Parecer/CFE nº 163/72 e pela Resolução/CFE nº 04/72, que regulamentavam a formação do enfermeiro, compartimentalizada em ciclo geral e ciclo profissionalizante, que abrangia as ciências básicas, as disciplinas profissionalizantes e as habilitações – enfermagem de saúde pública, enfermagem obstétrica e enfermagem médico-cirúrgica e também a licenciatura. Muito embora o Parecer nº 271/62, que regulamentou o currículo de enfermagem, tenha excluído a obrigatoriedade da disciplina de enfermagem de saúde pública do currículo mínimo, esta foi mantida em três semestres do curso. Para a primeira turma foi ofertada apenas a habilitação em saúde pública. A partir da segunda turma o curso passou

⁹ Desses alunos, seis (dois homens e quatro mulheres) mudaram de curso e quatro não conseguiram concluir com a primeira turma.

a oportunizar também a opção pela habilitação em enfermagem obstétrica.

A primeira chefe do Departamento de Enfermagem foi a professora Leda de Melo, enfermeira formada pela Universidade Federal de Pernambuco, e a vice, a professora Raimunda Medeiros, enfermeira formada na cidade de Recife (TIMÓTEO, 1997). O curso contou inicialmente com cinco professoras enfermeiras, advindas de universidades de outros estados do Nordeste, sendo a maioria com poucos anos de formação.

Almeja-se que o estudo tenha uma repercussão positiva entre os alunos, docentes e profissionais de enfermagem, contribuindo para ressurgimento de sentimentos de pertença e de valorização que provoquem reflexões e novos debates sobre a identidade profissional das enfermeiras.

O recorte temporal diz respeito aos anos de 1970, justificado por este ter sido palco da origem dos dois cursos de graduação em enfermagem, no Rio Grande do Norte: o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN, no ano de 1968, reconhecido em 1972, e o Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN, no ano de 1973, cujas memórias dos egressos da primeira turma se constituem no objeto deste estudo.

Nele adotou-se o campo sociológico como base para compreender a constituição da identidade profissional a partir das concepções teóricas de Claude Dubar (1998; 2003; 2005; 2006; 2009) e, por se tratar de um estudo que tem as memórias dos egressos como fontes de rememoração, foram fundamentais as ideias de Maurice Halbwachs (2006) sobre memória coletiva.

METODOLOGIA

Pesquisa de natureza qualitativa com abordagem socio-histórica cujas lembranças rememoradas pelos alunos-egressos foram evocadas pelas entrevistas semiestruturadas e se consagraram como fundamentais ao alcance do objetivo da pesquisa.

Inicialmente participaram do estudo 16 egressos, sendo 15 do sexo feminino e um do sexo masculino. Além disso, fizeram parte desta amostra cinco professoras que foram citadas pela maioria dos entrevistados como fundamentais na constituição identitária dos mesmos. Porém, como uma delas morava fora do país e, apesar de inúmeras tentativas não foi localizada, apenas quatro foram

entrevistadas¹⁰. Todas as entrevistas ocorreram no período de setembro de 2013 a maio de 2014. Os critérios de inclusão foram: aceitação voluntária, disponibilidade e condições físicas e psicológicas de participar da pesquisa e aceitar a gravação da pesquisa. O estudo foi norteado pelos princípios da Resolução 466/2012 e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi apreciado e aprovado sob o Parecer nº 388.018, de 09/09 de 2013.

Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática de Laurence Bardin (2011) por comportar a singularidade e subjetividade dos participantes que afloram no decorrer da entrevista. Assim, foram seguidas as três etapas que constituem a aplicação desta técnica de análise: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados e interpretação.

Ao final da análise configurou-se a seguinte categoria: “A importância da formação na construção da identidade profissional da enfermeira”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹⁰ Essas professoras foram nominadas pelo sobrenome e quando citadas foi utilizada a letra P para diferenciar da fala dos alunos egressos.

Figura 8 - Grupo de alunas com as professoras Mary Anne Small, Celsa Franco e Normélia Diniz no pátio do Departamento de Enfermagem da UFRN. Florianópolis, 2014



Fonte: Fotografia cedida por uma das egressas. Florianópolis, 2014.

A importância da formação na construção da identidade profissional de enfermeiros

As configurações identitárias estão estreitamente relacionadas com as lógicas de formação e, portanto, são indissociáveis. Desse modo, não se pode desconsiderar que a formação em enfermagem tem um papel preponderante na constituição identitária da enfermeira por desenvolver um processo de aprendizagem que busca aproximar os sujeitos da aprendizagem da realidade concreta da profissão, tanto do ponto de vista ético, técnico, quanto social.

Essa importância da formação na construção da identidade profissional é revelada pelos alunos-egressos quando alguns deles afirmam que o curso ajudou a desconstruir uma imagem inicial do papel da enfermeira e a (re)construir uma nova identidade, conforme evidenciam as narrativas abaixo:

[...] no início eu entendia que o enfermeiro era mais do âmbito do hospital. Com certeza o curso

influenciou na construção da minha identidade profissional, porque eu comecei a ver o enfermeiro como um profissional de saúde que participava de uma equipe que desenvolvia um trabalho com algumas características importantes, tais como liderança, [...], a importância de tá desenvolvendo um trabalho de grande utilidade para população, necessário, digno [...], tanto no campo da saúde, como no campo social (VILAR, 2013).

Eu acho que o que eu sou, até hoje, a minha identidade profissional, eu acho que ela foi traçada durante o curso. O tempo do curso faz com que a gente vá ficando impregnada por uma nova identidade [...] e vai compondo sua identidade profissional e penso que no decorrer do curso ela vai se reconstituindo. Lhe digo, essa identidade que eu carrego até hoje, como vejo a profissão, como eu lido com os alunos, eu me sinto muito confortável por [...] ter trazido do meu processo de formação (CERVEIRA, 2013).

Nas falas acima se observa que, ao escolher a profissão, o significado atribuído ao “ser enfermeiro” estava permeado por uma visão tradicional do “fazer” técnico localizado no ambiente hospitalar, desvinculado do saber. No entanto, no decorrer do processo formativo este significado assumiu uma forma mais ampla que envolve a ressignificação do sentido de ser enfermeira. Tal fato corrobora com a concepção de que o processo de formação, ao intervir na situação educativa dos sujeitos pode influenciar na (re)construção dos processos identitários, tanto na dimensão individual quanto profissional.

Na dialética formação e identidade profissional, o professor tem papel preponderante, pois, além de ser o mediador do processo de ensino-aprendizagem, ele potencializa a aquisição de valores éticos e de cidadania. Nesse processo o aluno começa a conquistar sua autonomia, que pode ou não ser afirmada no processo formativo, pois a “prática educativa deve ser entendida como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos” (FREIRE, 2013, p. 92), e por conseguinte de constituição de perfis identitários.

Assim, para os alunos/egressos algumas professoras foram reconhecidas como fundamentais e serviram de modelo à construção da identidade profissional. A professora Raimunda Medeiros foi destacada por todos os alunos egressos pela sua competência, dedicação e amorosidade no ato de ensinar e, por ocasião da colação de grau da primeira turma, ela foi homenageada como patronesse. Na área de saúde pública a professora Mary Anne Small foi reconhecida pelo conhecimento e experiência na atenção primária, e na área clínica os alunos egressos destacaram a atuação das professoras Nadir Soares Vila Nova e Francisca de Assis Teixeira Duarte. Na área da obstetrícia, a professora Normélia Maria Freire Diniz foi distinguida como modelo de enfermeira com a qual alguns alunos se identificaram¹¹.

A atuação dessas professoras, como mediadoras da relação ensino-aprendizagem e como o “outro significativo” (DUBAR, 2005) não só promoveram a mediação do processo de construção dos conhecimentos, mas promoveram o reconhecimento social, e contribuíram sobremaneira à constituição da identidade profissional desses alunos. A esse respeito, as narrativas abaixo são bastante elucidativas:

A professora Raimunda, que até hoje é minha referência de docente dedicada e amorosa. Ela foi a minha inspiração pra assumir a docência [...]. Eu lembro [...], a habilitação nossa foi em Saúde Coletiva, então Mary Anne tinha uma experiência na saúde coletiva maravilhosa e a gente era muito empolgada, quando nós saímos estávamos preparadas naquele momento pra assumir saúde coletiva (GOMES, 2013).

O curso contribuiu sim com essa enfermeira que eu queria ser. [...] Daí, eu me identifiquei com a área de médico cirúrgica, com a assistência. [...] As professoras Nadir e Francisca foram fundamentais à essa identificação (LOPES, 2014).

A área de obstetrícia também foi muito boa com Normélia. Ela era muito boa, porque tinha muita

¹¹ Apresenta-se no apêndice D uma síntese da história de vida dessas professoras para melhor conhecimento sobre suas trajetórias pessoais e profissionais.

experiência, ela era muito respeitada pelos médicos na maternidade (NICOLETE, 2013).

Nas falas acima fica visível a contribuição dos professores na construção da identidade dos alunos-egressos, que se refletiu na ação dos alunos egressos ao assumirem o processo de trabalho em enfermagem e nas escolhas de campo de trabalho. Esse reconhecimento dos alunos egressos aos professores tem uma reciprocidade, pois quando eles se referem à turma isso fica bem perceptível.

Essa primeira turma foi um grande desafio pra todos nós. Mas, a gente via, nessa primeira turma, uma turma muito interessada em mudar muita coisa, isso é inegável [...] se vocês não tinham aquele modelo ideal nos serviços de saúde em quem deviam se pautar, por outro lado vocês também tinham [...], muita criatividade [...]. Vocês chegavam e faziam as críticas daquilo que não concordavam, então a gente tinha uma certa convicção, [...] de que nós estávamos formando pessoas que queriam ser um enfermeiro capaz de transformar, capaz de se assumir como profissional da área da saúde (P. GERMANO, 2014).

Os alunos dessa primeira turma ajudaram a cumprir o propósito do curso em ser o modelo, que era exigido. E essa turma de alunas, elas entraram nesse processo ajudando a cumprir, não só no sentido de obedecer. Elas funcionavam como profissionais com muito compromisso, com muita responsabilidade. [...] Todas se comportavam como profissionais [...] Esses primeiros alunos tiveram um grande significado porque eles tinham muita vontade de aprender. Eles tinham compromisso, se quisesse, ele ficavam até a noite, naquelas comunidades (P. DINIZ, 2014).

Todos os meus alunos da primeira turma instrumentaram cirurgias sabendo o que estavam fazendo, não era só entregar instrumentos não. Sabiam que tipo de patologia era aquela, sabiam os planos da cirurgia. E tinha aquelas que se

identificavam mais comigo. [...] E tive uma satisfação muito grande quando fiz parte de bancas, já para inseri os recém-formados da primeira turma no Departamento de Enfermagem, que eu ia fazer parte de bancas para minhas ex-alunas, que eu ajudei a formar (P. VILA NOVA, 2014).

Pode-se perceber tanto nas falas dos egressos quanto nas das docentes que havia um compromisso com a formação, mediado pela ação educativa, que se revestiu em uma relação com muitos significados e sentidos, os quais foram tecidos individualmente por cada um desses sujeitos e coletivamente pelo sentimento de pertença à profissão. Desse modo, reafirma-se que a construção da identidade de enfermeiros se dá “na relação do ser consigo e com o outro, na qual o outro diz e reafirma quem é o ser enfermeiro” (NETTO; RAMOS, 2004, p. 53).

Nesse sentido, no processo de aprender é fundamental a sintonia na relação professor/aluno para que este possa ter no primeiro uma referência no qual se espelhe, pois “nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos” (FREIRE, 1999, p.63). Esse autor defende que a amorosidade e o diálogo são fundamentais no ato de ensinar e, a esse respeito, a fala de uma das professoras foi bem significativa.

[...] eu vou ser professora, [...], mas eu quero amar meus alunos, eu quero primeiro conquistá-los. Você tem que primeiramente buscar seduzir seus alunos, para que seus alunos gostem de estudar, para que seus alunos gostem da disciplina, para que eles amem aquela profissão que eles abraçaram. E eu busquei ser essa professora (P. GERMANO, 2014).

Destaca-se na fala da professora a compreensão dos sujeitos de aprendizagem como atores sociais que também são construtores do seu processo de aprendizagem a partir das condições concretas do processo de ensinar, dos padrões culturais nos quais se inserem e da mobilização de suas capacidades subjetivas de assimilação. Todavia, essas capacidades deverão “ser estimuladas graças a outros significativos [...] que mediatizam, por meio das relações amorosas, [...] o desenvolvimento da expressão subjetiva” (DUBAR, 2009, p. 261).

Vale ressaltar que por ser um curso novo na UFRN e pela carência de enfermeiros na região a formação de enfermeiras, nos anos de 1970, foi um grande desafio. Porém, para garantir a consecução do curso associaram-se aos professores contratados pela UFRN alguns enfermeiros estrangeiros que trabalhavam no Projeto Hope¹².

Embora os alunos egressos da primeira turma da UFRN não tenham tido a oportunidade de realizar práticas no navio hospital HOPE, estes se reportaram de forma enfática sobre a oportunidade de ter professores estrangeiros na sua formação, e os professores locais também consideraram importante a inserção das americanas no curso pela experiência que elas tinham.

Apesar de ser o primeiro curso, fomos muito privilegiadas, todos cuidavam para a gente ter a melhor formação, tinham muitas estrangeiras no curso. [...] Dona Margareth Mein, era muito rigorosa, era a própria Madre Superiora, [...], só faltava exigir a toquinha mesmo, pra ser padrão Ana Nery. Tinham várias enfermeiras ligadas ao HOPE. Sheron Linda, Mary Anne. [...] Tanto as professoras estrangeiras como as da casa tinham conhecimento nas suas áreas, talvez as estrangeiras tivessem maior consciência do papel do profissional frente às outras profissões (CERVEIRA, 2012).

Lembro de dona Margarete Main, Dr. Duncan, eles eram do HOPE. Eles eram profissionais de saúde capacitados, que nos ajudaram com uma melhor visão da saúde, como modelo de inspiração de um bom profissional, nos oferecendo um novo olhar para nossa aprendizagem (NICOLETE, 2013).

¹² O Projeto Hope (Health Opportunity for People Everywhere), fundado em 1958, chegou a Natal através do navio hospital HOPE em fevereiro de 1972. Seu objetivo era compartilhar programas de formação e pesquisas, além de atendimentos à população de países em desenvolvimento. O navio passou 18 meses em Natal, mas algumas enfermeiras permaneceram como colaboradoras da UFRN e contribuíram com a graduação em enfermagem (COSTA et al, 2014; SANTOS et al, 2011; CARLOS, 2005).

As americanas foram fundamentais porque a Sheron era uma pessoa com muita competência na pediatria, e a Mary Anne porque tinha a competência da saúde coletiva. [...] Ela fez também uma pesquisa e vocês foram colaboradoras. Elas foram importantes, principalmente dona Margarete [...] que trabalhava na administração com muita competência e ajudou na organização do Departamento (P. DINIZ, 2014).

Fica visível nas narrativas das entrevistadas acima, tanto das professoras como das egressas, a importância das norte-americanas para a formação dos enfermeiros no RN, desde a organização do curso até a sua consolidação.

O Navio HOPE, ao aportar em Natal, no ano de 1972, traz consigo não só o propósito de contribuir com a formação dos profissionais da saúde e com a saúde da população, mas, sobretudo, um novo modelo de enfermagem, pautado nos ideais americanos. As enfermeiras do navio HOPE tinham mais liberdade nas suas ações e não eram dependentes dos médicos, conforme ainda era visto no Brasil nos anos de 1970 (CARLOS, 2005; COSTA et al., 2014).

Desse modo, a chegada do navio HOPE em Natal foi muito importante para a formação das primeiras turmas do curso, bem como para a constituição da identidade profissional da enfermagem potiguar como um todo, pois a presença de enfermeiras, de âmbito internacional, trabalhando com competência em um navio-escola com alta tecnologia alavancou o prestígio da enfermagem nos estados onde ele ancorou.

No que se refere à inserção dos alunos egressos no processo de trabalho em saúde/enfermagem, este se revestiu de momentos de ansiedade e de realização do sonho de ingressar na vida profissional e conquistar a autonomia financeira, como ocorre com muitos jovens nessa fase de transição entre ser estudante e o confronto com o mercado de trabalho. No entanto, os alunos egressos entrevistados afirmaram terem sido privilegiados, pela grande oferta de emprego/trabalho, tanto no setor público quanto no privado, e baixa demanda de enfermeiros na região, conforme asseveram as narrativas abaixo.

Bem, quando eu concluí o curso, [...] existiam várias possibilidades [...] para o mercado de trabalho. Eu recebi dois convites [...] para a Secretaria de Saúde do Estado, [...] e para a

Maternidade Escola Januário Cicco da UFRN. Existia também a possibilidade de entrar na universidade para o campo mesmo da educação, e, eu sabia que [...] poderia tá contribuindo para a formação do enfermeiro. [...] Eu fiz a opção para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde até hoje estou inserida (VILAR, 2013).

[...] surgiu a oportunidade na universidade, que tinha uma carência muito grande [...] Não era uma única, tinha opção, tinha a oportunidade de ir para o interior [...]. Como surgiu a oportunidade de fazer o concurso pra ser docente, eu realmente fiquei na área que mais me identificava, [...] à área de saúde da mulher [...] (ARAÚJO, 2013).

Quando eu terminei, fui pra Caicó pela Secretária de Saúde do Estado. Lá fui cedida pra Fundação SESP e depois fui pra Saúde da Família em Lagoa Nova. [...]. Eu me identifiquei demais com esse trabalho, eu gostava muito do meu trabalho. Eu dizia: as colegas arranjaram trabalho, eu arranjei emprego, porque eu gostava muito. E, era muito reconhecida (OLIVEIRA, 2014).

As narrativas demonstram que os alunos egressos da primeira turma de enfermagem da UFRN, ao concluírem a graduação encontraram um campo fértil para ingressar no mercado de trabalho. Isto condiz com a realidade dos anos 1970, nos quais o ensino da enfermagem, com o desenvolvimento do setor médico privado assistencial, vivenciou uma expansão de cursos e escolas com o objetivo de suprir o déficit de enfermeiros no país e atender as demandas do mercado de trabalho, conforme as exigências do modelo capitalista predominante nessa época, porém o que se percebeu foi uma estagnação do desenvolvimento da enfermagem.

Conforme estudo sobre empregabilidade e trabalho dos enfermeiros no Brasil, entre 1970 e 1985 houve um crescimento de 210% no quantitativo de instituições de graduação de enfermagem. No entanto, essa expansão não foi proporcional à inserção de alunos nos cursos de graduação nem tampouco na configuração da estrutura ocupacional da enfermagem. “Se, em 1956, os enfermeiros representam 11,3% da força de trabalho em enfermagem, no início da década de 80

este percentual decresce para 8,5%” (INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL, 2006, p.12).

Este fato mostra que não ocorreram mudanças significativas na composição da força de trabalho e conseqüentemente na inserção no mercado de trabalho, embora se observasse uma grande empregabilidade nas instituições/serviços de saúde, o que favoreceu a entrada imediata dos egressos dessa época no processo de trabalho em saúde.

As narrativas também demonstram que, ao escolherem o caminho profissional, os alunos egressos buscaram não só associar às oportunidades de trabalho as suas potencialidades e aspirações, mas foram movidos também pela identidade construída no decorrer da formação, que se estendeu para além do processo formativo. Desse modo, a confrontação com o mercado de trabalho se efetiva como um momento fundamental para a (re)construção de identidade (DUBAR, 2003, 2005; DEMAZIÈRE; DUBAR, 2006).

Embora se reconheça que o processo de formação contribui na construção da identidade profissional da enfermeira para além da graduação, essa identidade não é imutável e, portanto, se (re/des)constrói no decorrer da trajetória profissional nas interações e experiências formadoras, por decisões próprias, ou impulsionadas por novas formas identitárias adquiridas como produto de sucessivas socializações.

Ademais, os processos identitários impõem (des/re) construções dos sujeitos que, por um lado, se sentem compelidos a enfrentar cotidianamente o novo e reescrever sua trajetória de vida e sua identidade, por outro, também interfere nesse processo de reconstrução histórica de si e dos outros. Essa dialética de construção e (re/des)construção de identidade foi algo perceptível por algumas das egressas,

É muito bom quando a gente vê que a formação contribuiu para a construção da nossa identidade [...] Mas, reealmente nós ajudamos a escrever a história da enfermagem no Rio Grande Norte, estivemos participando e atenta aos movimentos, querendo o crescimento e reconhecimento da nossa profissão. Muitas de nós participamos das entidades Eu acho que assim ela hoje tem uma visibilidade muito maior do que na época, quando éramos estudantes, e fomos nós alunos da

primeira turma que como profissionais [...] fizemos essa diferença na história (GOMES, 2013).

O curso contribuiu muito para a construção da identidade do grupo [...]. Mas muitos desses egressos permaneceram no Departamento como docentes e ajudaram na formação dos enfermeiros desse Estado. Assim, foram bons profissionais [...] Cleide, Rosana, você sempre tiveram a frente da ABEn, Coren, da chefia do Departamento e da Escola (NICOLETE, 2014).

As falas acima retratam o processo de (re)construção identitária, que articula formação e trabalho, vivenciado no interior de instituições que organizam os processos de socialização e asseguram o reconhecimento de seus membros como profissionais.

Considera-se que o processo de formação imprimiu uma identidade profissional nos alunos egressos, mas estes também contribuíram para o reconhecimento da profissão, conforme elucidam as narrativas acima. Esta dialética tem como fundamento os processos de socializações, realizados no contexto social e profissional, os quais ao mesmo tempo em que influencia a construção de identidades dos sujeitos são por eles reestruturados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo versou sobre a análise da contribuição do processo de formação na (re)construção da identidade profissional de enfermeiros, a partir da memória de egressos. Nele, o referencial teórico do campo da sociologia sobre identidade profissional à luz da perspectiva relacional de Claude Dubar, associado à compreensão do contexto social do processo de formação da primeira turma do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRN e os estudos sobre memória foram fundamentais à consecução dos objetivos.

Nesse estudo, mesmo reconhecendo-se a identidade como um conceito multidimensional privilegiou-se a sua dimensão profissional, mais precisamente o processo de construção da identidade profissional dos enfermeiros. Nesse sentido, compreende-se a identidade profissional de enfermeiros como um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da

trajetória biográfica dos sujeitos, quanto das suas relações sociais e profissionais, originando-se no processo de formação, e sendo (re/des)construído pelo modo de ser e estar de enfermeiros no cotidiano da prática profissional.

O estudo só foi possível graças aos testemunhos dos egressos que se disponibilizaram a contar sua versão da história, a partir de lembranças de uma formação que já estão armazenadas na memória há quase 40 anos. Ao rememorem fatos históricos de sua formação, trouxeram à tona acontecimentos que retratam também para o tempo presente a história do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da UFRN que, certamente contribuirá para a reflexão do seu tempo futuro.

Ao final do estudo compreendeu-se que no processo de construção da identidade profissional interferem tanto a identidade individual, construída no decorrer da história de vida de cada um, quanto a identidade (re)construída na trajetória da formação e sua expressão ao ingressar no mundo do trabalho. Portanto, pode-se inferir que embora o processo de formação em enfermagem imprima uma identidade profissional de enfermeiros que os acompanha para além da graduação, essa identidade não é imutável e poderá sofrer modificações no decorrer da trajetória profissional desses sujeitos por decisões próprias ou impulsionadas por novas aquisições identitárias advindas dos processos de formação permanente e /ou continuada, que irão contribuir para a reconstrução e/ou desconstrução de sua identidade profissional.

No estudo evidenciou-se a importância do processo de formação dos enfermeiros, que se realiza para além do aprendizado de conhecimentos científicos e aquisição de habilidades necessárias à prática profissional, na construção da identidade profissional. Essa formação também é responsável pela apropriação de normas e valores éticos e políticos relevantes e, por processos de socialização viabilizados em salas de aulas ou em cenários de práticas onde os alunos se reconhecem como futuros enfermeiros e são reconhecidos como futuros profissionais. Ressalta-se ainda a importância dos professores não só como mediadores do processo de ensinar e aprender, mas por promoverem também o reconhecimento social, e contribuírem sobremaneira, na constituição da identidade profissional desses alunos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CANAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLOS, D. J. D. **Passado e presente**: a enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes”. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2005.

CARVALHO, A. C. **Associação Brasileira de Enfermagem: 1926-1976**: documentário. Brasília: ABEn, 2008.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura: o poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 2010.

COSTA, L. M. C. et al. Contribuição do Projeto HOPE para a configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras alagoanas, 1973 a 1977. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 67, n. 4, ago. 2014.

DEMAZIÈRE, D; DUBAR, C. Trajetórias profissionais e formas identitárias: uma teorização. In: GUIMARÃES, Nadia Araujo; HIRATA, Helena (Org.). **Desemprego**: trajetórias, identidade, mobilizações. São Paulo: SENAC, 2006. cap. 4, p. 165-87.

DUBAR C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANÁRIO, Rui (Org.). **Formação e situações de trabalho**. 2. ed. Porto: Porto, 2003. p. 43-52.

EVANGELISTA, J. E. **Teoria social e pós-modernismo**: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos. Natal, v. 7, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2006.

FREIRE, P. **Professora SIM, tia NÃO**: cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GERMANO, J. W. O discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 313-332, set./dez. 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL. **Empregabilidade e Trabalho dos Enfermeiros no Brasil**: relatório final. [Rio de Janeiro]: UFRJ, 2006.

MENESES, R. M. V. **Formação de enfermagem no estado potiguar**: da criação à consolidação. 2005. 186 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec-ABRASCO, 2006.

MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo (Org.). **Ensaio de uma complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1977.

NETTO L. F. S. A; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade o enfermeiro no cotidiano de trabalho. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 50-57, jan./fev. 2004.

OGUISSO, T. **Trajectoria histórica legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri, SP: Manoele, 2007.

SANTOS, T. C. F. et al. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920.

Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 45, n. 4, p. 966-973, 2011.

TIMÓTEO, R. P. S. **O ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte**. 1997. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

VILAR, R. L. A.; SMALL, M. A. Avaliação de um programa de Assistência Primária de Saúde na área periurbana. **Rev. Bras. Enf**, RS, n. 36, p. 199-212, 1983.

6 IDEIAS FINAIS

Na trajetória deste estudo muitos foram os desafios que tivemos de enfrentar. O primeiro deles foi vencer o preconceito social de fazer um doutorado já tendo alcançado a maior idade. Em alguns momentos ele foi duramente explicitado e, em outros, dito de forma velada, mas nem um nem outro foram suficientemente fortes para me fazer desistir desta empreitada.

Outros foram marcados por: momentos de angústia pela incerteza de conseguir localizar alguns dos participantes; reconhecer que, em algumas entrevistas, o outro não estava muito à vontade para falar de sua história; horas intermináveis das transcrições; saudades sentidas, às vezes doidas, outras aliviadas porque o exercício de criar exigia concentração e silêncio profundo, no qual somente a inspiração poderia ser ouvida; momentos de ausência do convívio das criaturas que amo para cumprir as normas de estágio na sede do DINTER, até o cansaço físico e mental da tarefa árdua de pensar, repensar, criar, escrever e produzir por horas intermináveis, mesmo quando a inspiração tenha se cansado de você.

De todos esses desafios o mais difícil foi compor o trabalho do lugar de pesquisadora e ser, ao mesmo tempo sujeito da história narrada. Assim, quando realizava as entrevistas em alguns momentos me encontrava envolvida na história que estava reconstruindo. Desse modo, nossos processos identitários coletivos se interligaram no desafio de procurar nas memórias guardadas pelos sujeitos, nas quais me enquadro, que foram autores, atores e construtores dessa história, o resgate da construção da identidade profissional dos enfermeiros no Rio Grande do Norte.

Desse modo, buscamos fazer este estudo mantendo o distanciamento possível entre o sujeito investigador e o objeto pesquisado para não ameaçar a legitimidade acadêmica da investigação realizada. Com essa preocupação procuramos identificar estratégias metodológicas que pudessem transcender tais comprometimentos.

Nesse sentido, compreender como a formação universitária contribuiu para o processo socio-histórico de construção da identidade profissional de enfermeiros no Rio Grande do Norte só foi possível graças às memórias individuais e coletivas dos egressos da primeira turma do Curso de Enfermagem e Obstetrícia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN/Natal que se disponibilizaram a contar a

sua versão da história, a partir de lembranças de uma formação que já estão armazenadas nas suas memórias há quase 40 anos.

Sabendo que a identidade é o que há de mais íntimo e pessoal, creio que não foi uma tarefa fácil para eles compartilharem suas histórias de vida, em alguns momentos muitas emoções afloraram, alguns as expressaram com lágrimas, outros com certo rancor pelo pouco reconhecimento social e, às vezes, afluiu a saudade, de um tempo que deixou muitas marcas positivas.

Ademais, naquele momento não era desejo nem uma necessidade sentida por eles de rememorar momentos vividos em um tempo tão longínquo. Porém, os seus testemunhos advindos dos fragmentos mnemônicos foram essenciais à consecução dos objetivos deste estudo. Uma vez que a memória e a história estão emaranhadas pela reconstrução temporal e espacial, elas contribuem com os processos de construção social das identidades e dos sentimentos de pertencimento a eles vinculados.

Participaram do estudo 16 egressos sobre cujas narrativas foi possível compreender a construção da identidade profissional e quatro professoras que, ao compartilharem do processo de formação desses egressos, foram distinguidas como instituidoras das suas identidades individuais e coletivas, uma vez que, ao se reconhecerem nas professoras como modelos de enfermeiros, os alunos reconheceram a si mesmos como os enfermeiros que gostariam de ser.

Na memória de um grupo se destacam *a priori* as lembranças que resultam das relações estabelecidas entre eles e os outros, que os marcaram coletivamente, pois como nos diz Halbwachs (2006) nossa memória se apoia na história vivida. Do ponto de vista sociológico, toda identidade é historicamente construída, sendo as idealizações pessoais, a memória coletiva e as instituições sociais, principalmente aquelas atinentes à formação, matérias-primas essenciais à sua constituição.

O referencial teórico do campo da sociologia sobre identidade profissional à luz da perspectiva relacional de Claude Dubar, associado aos pressupostos da História Nova e ao método da história oral, bem como a compreensão do contexto social do processo de formação da primeira turma do Curso de Enfermagem e Obstetria, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN/Natal foram fundamentais ao entendimento da complexidade da constituição identitária com suas múltiplas facetas que envolvem a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros.

A análise do conceito de identidade profissional de enfermeiros fundamentada no modelo de Walker e Avant possibilitou compreender o significado desse conceito e os seus elementos constitutivos (antecedentes, atributos e consequentes). A partir dessa análise foi possível propor a reconstituição do conceito de identidade profissional da enfermeira: a identidade profissional da enfermeira é um processo histórico, complexo, multidimensional e coletivo, se constituindo tanto de elementos da trajetória biográfica do indivíduo, quanto das suas relações sociais e profissionais, origina-se no processo de formação e é (re/des)construído pelo modo de ser e estar de enfermeiros no cotidiano da prática profissional.

Além disso, a partir da adoção da abordagem histórica e da análise através da história oral temática foram contempladas outras duas categorias que versaram sobre: a escolha profissional, o significado e os sentidos que contribuíram para o emergir da identidade profissional e a contribuição da formação em enfermagem para a construção da identidade profissional de enfermeiros para além desse processo formativo.

Essas produções, em consonância com o referencial teórico e metodológico, confirmaram a tese de que a formação em enfermagem imprime uma identidade profissional que acompanha os enfermeiros para além do período da graduação e se (re/des)construirá no decorrer da trajetória profissional, nas interações e novas experiências formadoras, por decisões próprias, ou impulsionadas por novas formas identitárias adquiridas como produto de sucessivas socializações no processo de trabalho.

No entanto, pode-se perceber que a construção dessa identidade não é definitiva e, portanto, no decorrer da trajetória profissional dos enfermeiros ela sofre modificações que contribuirão para o surgimento de novos elementos identitários necessários ao processo de reconstrução e/ou desconstrução da identidade profissional de enfermeiros, no contexto de trabalho e/ou no processo formativo proveniente da formação continuada e/ou permanente.

Dentre as limitações do estudo, destaca-se o fato de não se conseguir localizar fontes documentais relevantes que em muito contribuiriam para o estudo e não ter localizado uma das professoras norte-americana que marcou sobremaneira a história da formação da primeira turma. Em que pese não estar previsto nos objetivos, destaco também como limitação o fato de não ter sido possível a inclusão da primeira turma do Curso de Graduação da UERN/Mossoró, que foi a

pioneira no estado. Assim, ficam como proposições para estudos similares que venham contemplar essas lacunas.

Deixamos aqui algumas recomendações às instituições formadoras dos enfermeiros e às entidades organizativas da categoria no sentido de que precisam desenvolver estratégias que possam contribuir para a (re)construção da identidade profissional dos enfermeiros. Muitas iniciativas já apontam para a (re)constituição identitária da enfermagem em geral, todavia, o profissional enfermeiro precisa ainda de um trabalho mais efetivo para o devido reconhecimento social, principalmente no que se refere a visibilidade, autonomia e ao *status* financeiro.

Para mim tudo o que foi construído neste percurso teve um cunho científico advindo do referencial teórico e metodológico, mas, sobretudo, trouxe implícito muitos sonhos, prazeres, amorosidade e muita solidão. Portanto, além do aprendizado, da experiência e da reflexão fica o desejo de buscar novas respostas e novos aprendizados.

Consideramos que ao finalizarmos este estudo estamos em melhores condições para compreender, do ponto de vista sociológico, a identidade profissional dos enfermeiros e, por isso, apesar das limitações acima citadas, consideramos ter cumprido de maneira satisfatória os objetivos planejados. Porém, entendemos que o exercício da pesquisa permite encontros e reencontros, pois quem procura encontra, reencontra, como nos diz Paul Ricoeur, mas nesse caminhar algumas dúvidas persistem ou geram respostas provisórias que suscitam novas investigações.

Portanto, desejamos que o presente estudo possa repercutir de forma positiva e propositiva, entre alunos, professores, enfermeiros assistenciais e entidades organizativas da enfermagem e contribua para o ressurgimento de sentimentos de pertença e de valorização que provoquem reflexões e novos debates sobre a identidade profissional dos enfermeiros.

REFERÊNCIAS

- ABEn-RN. **Atas de Assembléias Gerais das Gestões de 1960 a 2000**. Natal: Associação Brasileira de Enfermagem, Secção-RN, 2010.
- AMANTE, L. N. et al. O cuidado e a ciência no mundo e no Brasil: pontes para a profissionalização da enfermagem. In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem: uma história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.
- ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1988.
- ARAÚJO, I.S. **Januário Cicco: um homem além do seu tempo**. Natal: Universitária, 1983.
- AROSTEGUI, J. **Pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- AVELAR, V. L. L. M. D.; PAIVA, K. C. M. D. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 6, p. 1010-1018, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da Enfermagem no Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, jul. 1999.
- BARREIRA, I. A. et al. Primeira república: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930). In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.
- BASTIANI, J. A. N. et al. As origens da enfermagem e da saúde: o cuidado no mundo. In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

BELLAGUARDA, M. L. R. **Nexos e circunstâncias na história do Conselho Regional de Enfermagem em Santa Catarina (1975-1986)**. 2013. 303 f. Tese (Doutorado em enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BERGER, P. I.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRENNAN, D.; TIMMINS, F. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Educ Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, out. 2012.

BURKE, P. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89.

CAMPOS, P. F. S; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. **Rev Bras Enferm.**, v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.

CAMPOS, P. F.; OGUISSO, T.; FREITAS, G. F. “Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira”. **Cultura de los cuidados**, ano 11, n. 22, p. 33-39, jul./dez. 2007.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional**. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-15022012-185459/>>. Acesso em: 24 ago. 2014

CARLOS, D. J. D. **Passado e presente: a enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes”**. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em

Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2005.

CARVALHO, V. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura: o poder da identidade**. São Paulo: Paz e terra, 2010.

CASTRO SANTOS, L. A. A duras penas: estratégias, conquistas e desafios da enfermagem em escala mundial. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 13-28, jan./mar. 2008.

COSTA, M. N. V. **História de uma travessia: o ensino de enfermagem em Mossoró**. 2000.143 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2000.

COSTA, R. et al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto contexto: enferm.**, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009.

COSTA, L. M. C. et al. Contribuição do Projeto HOPE para a configuração da identidade profissional das primeiras enfermeiras alagoanas, 1973 a 1977. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 67, n. 4, ago., 2014.

COSTA, R. et. al, Florence Nigthingale (1820-1910): as bases da enfermagem moderna no mundo. In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEL PRATO, D. Students' voices: the lived experience of faculty incivility as a barrier to professional formation in associate degree nursing education. **Nurse Educ Today**, v. 33, n. 3, p. 286-290, mar. 2013.

DEMAZIÈRE, D.; DUBAR, C. Trajetórias profissionais e formas identitárias: uma teorização. In: GUIMARÃES, Nadia Araujo; HIRATA, Helena (Org.). **Desemprego: trajetórias, identidade, mobilizações**. São Paulo: SENAC, 2006. cap. 4, p. 165-87.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 13-30, 1998.

_____. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANÁRIO, Rui (Org.). **Formação e situações de trabalho**. 2. ed. Porto: Porto, 2003. p. 43-52.

_____. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

DUNCAN, C.; DUFF, J. D.; BAILEY, P. H. Concept analysis: the importance of differentiating the ontological focus. **Journal of Advanced Nursing**, v. 58, n. 3, p. 293-300, 2007.

ENDERS, B. C; BRITO, R. S; MONTEIRO, A. I. Análise conceitual e pensamento crítico: uma relação complementar na enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 3, p. 295-305, dez. 2004.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERREIRA, J. P. **Os ofícios tradicionais: cultura é memória**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 24, p. 115-120, dez. 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIDSON, E. **Profissão médica: um estudo de sociologia do conhecimento aplicado**. Tradução de André de Faria Pereira Neto e

Kvieta Brezinova de Moraes. São Paulo: UNESP; Porto Alegre: Sindicato dos Médicos, 2009.

GERMANO, J. W. O discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 313-332, set./dez. 2008.

GERMANO, R. M. O ensino de enfermagem em tempos de mudança. **Rev Bras Enferm**, v. 56, n. 4, p. 365-368, 2003.

GERMANO, R. M. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOMES, V. L. O. et al. Evolução do conhecimento científico na enfermagem: do cuidado popular à construção de teorias; Evolución del conocimiento científico en la enfermería: del cuidado popular a la construcción de teorías. **Invest. educ. enferm**, v. 25, n. 2, p. 108-115, 2007.

GUIMARÃES, Jacileide. **Sobre o tempo**: elogio à instituição negada. 2006. 167 f. Tese (Doutorado em enfermagem) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

GUIMARÃES, J. **Sobre a criação do hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto**: outras raízes de uma história. 2001. 136 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL S. **A identidade cultural na pós- modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

HENRIQUES, H. M. G. **Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988)**. 2012. 575 f. Tese (Doutorado em Psicologia e Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/19075>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

JESUS, E. S. et al. Preconceito na Enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Rev. Esc. Enferm., USP**, v. 44, n. 1, p. 166-73, 2010.

KLETEMBERG, D. F. et al. O fascínio da ciência na área da saúde (1960-1990). In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão, 2011. p. 295-334.

KOERICH, A. M. E. et al. A organização de enfermeiros e da saúde no contexto da idade moderna: o cuidado e a ciência no Mundo e no Brasil. In: PADILHA, M.I (Org.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

LEMOS, R. E. **Profissão de enfermeiro: compreensão sociológica da identidade profissional**. 2008. 234 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2008.

LOPES, M. J. M; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos pagu**, v. 24, n. 1, p. 105-125, jan./jun. 2005.

LORENZETTI, J. et al. Unidade de ação: um desafio para a enfermagem brasileira. **Enfermagem em Foco**, v. 3, n. 3, p. 152-154, 2012.

LOZANO J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). **Uso & abusos da história Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, n. 155, p. 191-203, 2006.

_____. **Manual de história**. São Paulo: Loyola Oral, 2000.

_____. Palavras aos jovens Oralistas: entrevistas em história oral. Oralidades: **Revista de história oral**, ano 2, n. 3, p.141-150, 2008.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, J. M. O. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDES F. R. P.; MANTOVANI, M. F. Dinâmicas atuais da enfermagem em Portugal; a representação do enfermeiro. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 63, n. 2, p. 209-215, mar./abr. 2010.

MENESES, R. M. V. **Formação de Enfermagem no Estado Potiguar**: da criação à consolidação. 2005. 186 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MERCADANTE, O. A. Evolução das Políticas e do Sistema de Saúde no Brasil. In: FINKELMAN, J. (Org.) **Caminhos da saúde pública no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec-ABRASCO, 2006.

MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. **Journal of Advanced Nursing**, v.70, n.4, p.768–776, 2014.

MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, jan. 1999.

MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo (Org.). **Ensaio de uma complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1977.

MOURA, A. et al. SENADEn: expressão política na Educação em Enfermagem. **Rev Bras Enferm.**, n. esp. 59, p. 442-453, 2006.

NAUDERER, T. M; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.

NELSON, S. A imagem de enfermeiros: as origens históricas da invisibilidade na enfermagem. **Texto contexto: enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, jun. 2011.

NETTO, L. F. S. A; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano do trabalho. **Rev Latino-am.Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, jan./fev. 2004.

NIGHTINGALE, F. Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é. In: _____. **Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é**. São Paulo: Cortez, 1989.

NUNNER-WINKLER, G. Formação da identidade em tempos de mudanças velozes e multiplicidade normativa. **Educação**, v. 34, n. 1, p. 56-64, jan./abr. 2011.

OGUISSO T. Florence Nightingale. In: Oguisso, T. (Org.). **Trajetória histórica e legal da enfermagem**. São Paulo, SP: Manole, 2007. p. 58-97.

OJEDA, B.S, et al. Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 61, n. 1, p. 78-84, 2008.

ÕHLÉN, J.; SEGESTEN, K. The professional identity of the nurse: concept analysis and development. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 4, p. 720-727, 1998.

OLIVEIRA, B. G. R. B. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional de enfermeiros. **Texto & Contexto: Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.

OLIVEIRA, R. S. M; PEREIRA, C. M. O. A socialização como facilitadora na formação da identidade profissional do acadêmico de enfermagem em um hospital universitário. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.

OLIVEIRA, Gabriel Jefferson Norberto et al. Factores relacionados com la identidad profesional del enfermero: visión de lós discentes. **Enferm. Glob.**, Murcia, v. 12, n. 29, p.130-137, jan. 2013.

PADILHA, M. I. Introdução. In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

_____. O ensino de história da enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 325-336, 2006.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O panorama da história da enfermagem na região Sul do Brasil. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 369-375, dez. 2000.

PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M.; SANTOS, I. (Org.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl.1, p. 241-252, dez. 2011.

PADILHA, M. I. C.; BORENSTEIN, M. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 575-584, 2005.

PADILHA, M. I. C. S. **A mística do silêncio**: a prática de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. 1997. 332 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro, 1997.

PADILHA, M. I. C. S.; NAZARIO, N. O.; MOREIRA, M. C. A compreensão do ideário da enfermagem para a transformação da prática profissional. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 50, n. 3, p. 307-322, 1997.

PEDRO, A. J. M. D. **Percursos e Identidades**: a (re)construção da identidade profissional do docente de enfermagem: o olhar dos docentes. 2011. 419 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Porto, Portugal, 2011.

PIRES, D.; LORENZETTI, J.; ALBUQUERQUE, G. L. O movimento participação na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn): história e desafios na representação profissional. In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem**: história de uma profissão. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

PIRES, D. A. Enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 5, 2009.

PORTO, I. S. Identidades de enfermeiros em produções científicas no Brasil, Escola Anna Nery, **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 92-100, 2004.

PORTO F. R.; SANTOS, T. C. F. A. A enfermagem brasileira na mira do clique fotográfico (1919-1925). In: PORTO, F. R.; AMORIM, W. M. (Org.). **História da enfermagem brasileira**: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

PRADO, M. L.; BULNES, A. M.; PENÃ, L. M. Metodología de la revisión de literatura en investigación. In: ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Investigación cualitativa en**

enfermería: metodología y didáctica. Washington, DC: OPS, 2013. (Serie Paltex Salud y Sociedad 2000, 10).

RENOVATO, R. D.; BAGNATO, M. H. S. As contribuições do Serviço Especial de Saúde Pública para a formação profissional da Enfermagem no Brasil (1942-1960). **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 61, n. 6, p. 909-915, nov./dez. 2008.

RIBEIRO, A. A. A. et al. A escolha profissional no imaginário social – enfermeiras brasileiras e peruanas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, ago. 2006.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

RICOUER, P. O passado tinha um futuro. In: MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. cap. 6, p. 369-378.

RODRIGUES R. M. Enfermagem compreendida como vocação e sua relação com as atitudes dos enfermeiros frente às condições de trabalho. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 9, n. 6, p. 76-82, nov./dez. 2001.

RODRIGUES, M. L. **Sociologia das profissões**. 2. ed. Oeiras, Portugal: Celta, 2002.

SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. **O poder simbólico da enfermagem norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil – 1928-1938**. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ, 2002.

SANTOS, R. M; LEITE, J. L. **A inserção da enfermagem moderna em Alagoas: os bastidores de uma conquista**. Maceió: EDUFAL, 2004.

SANTOS, T. C. F. et al. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920.

Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 45, n. 4, p. 966-973, 2011.

SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev Latino-am Enferm**, v. 10, n. 4, p. 586-595, 2002.

SILVA, L. L. S. **Lembranças de alunos, imagens de professores**. Natal: UFRN, 2008.

SILVA JUNIOR, O. C. **Pan:** Padrão Anna Nery: a instituição da identidade profissional da enfermeira no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

TEODOSIO, S. S. da S. **A divisão do trabalho e a cientificidade do saber sistematizado na enfermagem:** um caminho para seu entendimento. 1990. 168 f. Dissertação (Mestrado em enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1990.

TEODOSIO, S. S. S. et al. Oscarina Saraiva Coelho: uma história de dedicação à enfermagem. **HERE:** história da enfermagem: Revista Eletrônica, v. 4, n.1, jan./jul., 2013.

TEN HOEVE, Yvonne, JANSEN, Gerard.; ROODBOL, Petrie. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014.

TIMÓTEO, R. P. S. **O ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte**. 1997. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VAGHETTI, H. H. et al. A organização da enfermagem e da saúde no contexto da idade média: o cuidado e a ciência no mundo e no Brasil. In: PADILHA, M. I. (Org.). **Enfermagem:** história de uma profissão. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VON SIMSON, O. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. São Paulo: Autores Associados, 2000.

WALKER, L. O.; AVANT, K. C. **Strategies for theory construction in nursing**. 5. ed. Norwalk: Prentice Hall, 2011.

YAZDANNIK, A.; YEKTA, Z. P; SOLTANI, A. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. **Iranian journal of nursing and midwifery research**, v. 17, n. 2, supl. 1, p. S178, 2012.

ZANATTA, M. S. Nas teias da identidade: contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica. **Perspectiva**, Erechim, v. 35, n. 132, p. 41-54, dez. 2011.

ZINGANO, M. **Platão & Aristóteles**: os caminhos do conhecimento. São Paulo: Odysseus, 2002.

ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. **REME: Rev. Min Enf**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.

APENDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

FORMAÇÃO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE ENFERMEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIA DE EGRESSOS (ANOS DE 1970)

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ENTREVISTA UM

Dados Pessoais:

Nome completo:

Data nascimento:

Local:

Procedência:

Estado civil:

Universidade em que se formou:

Ano de formação: 1977

Instituição do primeiro ingresso no processo de trabalho:

Ano de inserção no processo de trabalho

Atividade atual:

Local da entrevista:

Tempo da entrevista:

1)PERGUNTA: Porque a opção pelo curso de enfermagem? Como se deu sua inserção no Curso de Enfermagem?

- ✓ **Que fatores determinaram sua identificação com a profissão de enfermagem?**

2)PERGUNTA: Quais as repercussões sobre a sua opção em fazer o curso de enfermagem, na sua família, amigos e pessoas de sua convivência?

3)PERGUNTA: O que era “ser enfermeira” para você tinha antes de optar pelo curso?

4)PERGUNTA: Como você passou a ser percebida socialmente ao ingressar no curso de enfermagem? Quais os sentimentos vivenciados?

5)PERGUNTA: Como foi à sua identificação com a profissão de enfermeira ao ingressar no curso? Comparando com a sua identificação antes de iniciar o curso, você considera que houve mudanças, no decorrer da sua formação, quais?

6)PERGUNTA: Quais as experiências/vivências do seu processo de formação você considerou significativas para a construção da sua identidade profissional? Como foram desenvolvidas essas experiências? Que sentimentos foram envolvidos nessas experiências significativas?

7)PERGUNTA: Qual o significado de ser enfermeira você se identificou ao final do curso? Esta identificação influenciou sua escolha profissional?

8)PERGUNTA. Que outras lembranças, memórias, do seu processo de formação, no que se refere a construção da identidade profissional você gostaria de me contar?

9) PERGUNTA: Que fatores do seu processo de formação determinaram sua escolha para inserção no mercado de trabalho? Como foi sua inserção no mercado de trabalho?

10) PERGUNTA: Após sua inserção no mercado de trabalho, como você passou a ser vista ao apresentar-se como enfermeira?

APÊNDICE B – IDENTIFICAÇÃO DE ANTECEDENTES POR AUTORES

ANTECEDENTES	AUTORES
<p align="center">CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO E POLÍTICO</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768-776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236. 2- PORTO, I. S. Identidades de enfermeiros em produções científicas no Brasil, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 92-100, 2004. 3- NAUDERER, T. M; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. Rev. bras. enferm. Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005. 4- PADILHA, M. I. S.; NELSON, S; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p.241-252. 5- SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S, BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul./ago. 2002. 6- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009. 7- CARVALHO, Vilma de. Sobre a identidade profissional na Enfermagem:

**CONTEXTO SOCIO-
HISTÓRICO E
POLÍTICO**

- 8- reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.
- 9- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.
- 10- CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem**: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- 11- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. **REME: Rev. Min Enf.**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.
- 12- SANTOS, D. N et al. A construção da identidade profissional da enfermagem no Brasil e a questão de gênero. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.
- 13- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.
- 14- SANTOS, T. C. F, et al. Rituales patrióticos y religiosos: contribución a la identidad de las enfermeras brasileña y española (1937-1945). **Esc Anna Nery**, jan./mar. v. 17, n. 1, p. 104-110, 2013.

**INFLUENCIA
AMERICANA
(IMPOSIÇÃO DE
VALORES)**

- 1- BELLAGUARDA, M. et al. Identidade profissional de enfermeiros caracterizada numa revisão integrativa. **Enf. em foco**, v. 2, p. 180-183, 2011.
- 2- SANTOS, T. C. F. et al. American participation in the creation of a nurse model in Brazilian society in the 1920's. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, n. 4, p. 966-73, 2011.
- 3- MECONE, Márcia Cristina da Cruz; FREITAS, Genival Fernandes de. Representações da enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha Brasileira (1942-1945). **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 741-749, 2009.
- 4- CAMPOS, P. F. S.; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. **Rev Bras Enferm.** v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.
- 5- CARVALHO, V. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.
- 6- CARLOS, D. J. D. **Passado e Presente: a enfermagem do Hospital Universitário “Onofre Lopes”**. 116f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2005.
- 7- COSTA, L. M. C. **Tecitura da identidade profissional da primeira turma do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas: contribuição do**

<p style="text-align: center;">INFLUENCIA AMERICANA (IMPOSIÇÃO DE VALORES)</p>	<p>corpo docente 1973/1977. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.</p> <p>8- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768–776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.</p> <p>9- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>10- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. REME: Rev. Min Enf., Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, Belo Horizonte, 2007.</p> <p>11- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev.1999.</p>
<p style="text-align: center;">IMAGEM CARITATIVA/ RELIGIOSA</p>	<p>1- MEIS, Carla de; SOUZA, Carmelita de Almeida; SILVA FILHO, João Ferreira da. House and street: narratives of professional identity among nurses. Journal of Professional Nursing, v. 23, n. 6, p. 325-328, 2007.</p> <p>2- MIRÓ-BONET, Margarida et al.</p>

<p style="text-align: center;">IMAGEM CARITATIVA/ RELIGIOSA</p>	<p>Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768–776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.</p> <p>3- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. REME: Rev. Min Enf., Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.</p> <p>4- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621- 45, nov.1998/fev. 1999.</p> <p>5- SANTOS, T. C. F, et al. Rituales patrióticos y religiosos: contribución a la identidad de las enfermeras brasileña y española (1937-1945); Esc Anna Nery, v. 17, n. 1, p. 104-110, jan./mar. 2013.</p> <p>6- RIBEIRO, A. A. de A. et al. A escolha profissional no imaginário social: enfermeiras brasileiras e peruanas. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, ago. 2006.</p>
<p style="text-align: center;">INFLUENCIA DE FLORENCE (ENFERMAGEM MODERNA)</p>	<p>1- LOPES, L. M. M.; SANTOS, S. M. P. Florence Nightingale: apontamentos sobre a fundadora da Enfermagem Moderna. Revista de Enfermagem Referência, v. 3, n. 2, 2010.</p> <p>2- CARVALHO, Vilma. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. Revista Brasileira</p>

<p style="text-align: center;">INFLUENCIA DE FLORENCE (ENFERMAGEM MODERNA)</p>	<p>de Enfermagem, v. 66, p. 24-32, 2013.</p> <p>3- COSTA, Roberta et al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. Texto and Contexto Enfermagem, v. 18, n. 4, p. 661, 2009.</p> <p>4- COSTA, L. M. C. Tecitura da identidade profissional da primeira turma do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas: contribuição do corpo docente. 1973/1977. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.</p> <p>5- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>6- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. REME: Rev. Min Enf., Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.</p> <p>7- SANTOS, T. C. F. et al. Rituales patrióticos y religiosos: contribución a la identidad de las enfermeras brasileña y española (1937-1945). Esc Anna Nery, v. 17, n. 1, p. 104-110, jan./mar. 2013.</p>
<p style="text-align: center;">INDEFINIÇÃO DO PAPEL DO ENFERMEIRO</p>	<p>1- BORGES, M. S.; SILVA, H. C. P. Cuidar ou tratar? Busca do campo de competência e identidade profissional da enfermagem. Revista Brasileira de</p>

**INDEFINIÇÃO DO
PAPEL DO
ENFERMEIRO**

- Enfermagem**, v. 63, n. 5, p. 823-829, 2010.
- 2- OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional de enfermeiros. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.
- 3- GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C. A auto e heteroimagem profissional do enfermeiro em saúde pública: um estudo de representações sociais. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 13, n. 6, p. 1011-1018 nov./dez. 2005.
- 4- BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, jul. 1999.
- 5- SILVA A. L.; PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul./ago. 2002.
- 6- MACHIN, Alison I.; MACHIN, Tony; PEARSON, Pauline. Maintaining equilibrium in professional role identity: a grounded theory study of health visitors' perceptions of their changing professional practice context. **Journal of Advanced Nursing**, v. 68, n. 7, p. 1526-1537, 2012.
- 7- GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C. A representação social da autonomia profissional do enfermeiro na Saúde Pública. **Rev. Bras Enferm**, v. 58, n. 4, p.393-398 jul./ago. 2005.
- 8- YAZDANNIK, M.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional

**INDEFINIÇÃO DO
PAPEL DO
ENFERMEIRO**

- identity. **Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research**, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.
- 9- ADAMS, R. Exploring dual professional identities, the role of the nurse tutor in higher education in the UK: role complexity and tensions. **Journal of Advanced Nursing**, v. 67, n. 4, p. 884–892, 2011. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2010.05519.x.
- 10- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. **Cogitare Enferm**, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.
- 11- CARVALHO, Vilma. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.
- 12- MEIS, Carla de; SOUZA, Carmelita de Almeida; SILVA FILHO, João Ferreira da. House and street: narratives of professional identity among nurses. **Journal of Professional Nursing**, v. 23, n. 6, p. 325-328, 2007.
- 13- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. **REME: Rev. Min Enf.**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.
- 14- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.
- 15- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and

<p style="text-align: center;">INDEFINIÇÃO DO PAPEL DO ENFERMEIRO</p>	<p>professional identity. A discussion paper. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.</p> <p>16- ADAMS, R. Exploring dual professional identities, the role of the nurse tutor in higher education in the UK: role complexity and tensions. Journal of Advanced Nursing, v. 67, n. 4, p. 884-892, 2011.</p>
<p style="text-align: center;">INVISIBILIDADE SOCIAL DO ENFERMEIRO</p>	<p>1- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm., v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p>
<p style="text-align: center;">RELAÇÕES DE PODER NO SETOR SAÚDE</p>	<p>1- CURRIE, Graeme; FINN, Rachael; MARTIN, Graham. Role transition and the interaction of relational and social identity: new nursing roles in the English NHS. Organization studies, v. 31, n. 7, p. 941-961, 2010.</p> <p>2- SANTOS, D. N. et al. A construção da identidade profissional da enfermagem no Brasil e a questão de gênero. Revista Tecer, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.</p> <p>3- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p> <p>4- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev Latino-</p>

	<p>am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.</p>
<p>DIVISÃO TÉCNICA/ VERTICAL DO TRABALHO/ EXISTÊNCIA DE VÁRIAS CATEGORIAS NA PROFISSÃO</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- CURRIE, Graeme; FINN, Rachael; MARTIN, Graham. Role transition and the interaction of relational and social identity: new nursing roles in the English NHS. Organization studies, v. 31, n. 7, p. 941-961, 2010. PUBMED. 2- MACHIN, Alison I.; MACHIN, Tony; PEARSON, Pauline. Maintaining equilibrium in professional role identity: a grounded theory study of health visitors' perceptions of their changing professional practice context. Journal of advanced nursing, v. 68, n. 7, p. 1526-1537, 2012. 3- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009. 4- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. 5- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. REME: Rev. Min Enf., Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.
<p>INFLUÊNCIA DA HEGEMONIA MÉDICA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- BORGES, M. S.; SILVA, H. C. P. Cuidar ou tratar? Busca do campo de competência e identidade profissional

**INFLUÊNCIA DA
HEGEMONIA
MÉDICA**

- da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n.5, p. 823-829, 2010.
- 2- MENDES, F. R. P.; MANTOVANI, M. F. Dinâmicas atuais da enfermagem em Portugal: a representação dos enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 2, p. 209-215, 2010.
- 3- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.
- 4- MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade. **Rev. Latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, jan. 1999.
- 5- TEN HOEVE, Yvonne, JANSEN, Gerard.; ROODBOL, Petrie. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity: a discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295–309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.
- 6- YAZDANNIK, M.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional identity. **Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research**, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.
- 7- APESOA-VARANO, E. C. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. **Qualitative Sociology**, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.
- 8- CURRIE, G.; FINN, R.; MARTIN, Graham. Role transition and the interaction of relational and social identity: new nursing roles in the English NHS. **Organization studies**, v.

**INFLUÊNCIA DA
HEGEMONIA
MÉDICA**

- 31, n. 7, p. 941-961, 2010.
- 9- MACHIN, A. I.; MACHIN, T; PEARSON, P. Maintaining equilibrium in professional role identity: a grounded theory study of health visitors' perceptions of their changing professional practice context. **Journal of advanced nursing**, v. 68, n. 7, p. 1526-1537, 2012.
- 10- ADAMS, R. Exploring dual professional identities, the role of the nurse tutor in higher education in the UK: role complexity and tensions. **Journal of Advanced Nursing**, v. 67, n. 4, p. 884–892, 2011.
- 11- PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. **Acta Paul. Enferm**, v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.
- 12- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 4, p. 768–776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.
- 13- HENRIQUES, H. M. G. **Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros**: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/19075>> Acesso em: 19 ago. 2014.
- 14- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a consciência da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **História**,

	<p>Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p>
<p style="text-align: center;">A FORMAÇÃO COMO CONTRIBUTO À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL (TRADICIONAL E TECNICISTA)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- HORTON, J.; LAKEMAN, R.; BECOMING, A psychiatric/mental health nurse in the UK: a qualitative study exploring processes of identity formation. Issues Ment Health Nurs, v. 32, n. 12, p. 745-751, 2011. 2- ANDREW, N. et al. Greater than the sum of its parts: the transition to the first year degree in nursing. Nurse Education Practice, v. 9, n. 1, p. 13-21, jan. 2009. 3- MADSEN, W. et al. Orphans nursing: how the education system of Nursing in Australia is undermining professional identity. Contemporary Nurse. A Journal for the Australian Nursing Profession, v. 32, n. 1-2, p. 9-18, abr./jun. 2009. 4- GOMES, Antônio Marcos Tosoli; OLIVEIRA, D. C de. A representação social da autonomia profissional do enfermeiro na Saúde Pública. Rev Bras Enferm, v. 58, n. 4, p. 393-8, 2005. 5- PORTO, I. S. Identidades de enfermeiros em produções científicas no Brasil, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 92-100, 2004. 6- VAISMORADI, M.; SALSALI, M.; AHMADI, F. Prospects of Iranian nursing students male on the role of nursing education in the development of a professional identity: a study of content analysis. Japão. Journal of Nursing da Ciência, v. 8, n. 2, p. 174-183, dez. 2011.

**A FORMAÇÃO
COMO
CONTRIBUTO À
CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE
PROFISSIONAL**

**(TRADICIONAL E
TECNICISTA)**

- 7- PADILHA, Maria Itayra; NELSON, Sioban; BORENSTEIN, Miriam Susskind. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl.1, p. 241-252, dez. 2011.
- 8- PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. **Acta Paul. Enferm.**, v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.
- 9- YAZDANNIK, M.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A.: Nursing professional identity. **Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research**, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.
- 10- ANDREW, N. et al. Developing professional identity in nursing academics: The role of communities of practice. **Nurse Education Today**, v. 29, n. 6, p. 607-611, 2009.
- 11- APESOA-VARANO, E. C. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. **Qualitative Sociology**, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.
- 12- BRENNAN, D.; TIMMINS, F. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Education Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 13- FAGERBERG, I.; KIH LGREN, M. Experiencing a nurse identity: the meaning of identity to Swedish registered nurses 2 years after graduation. **Journal of Advanced Nursing**, v. 34, n. 1, p. 137-145, 2001.
- 14- OLIVEIRA, R. S. M; PEREIRA, C. M. O. A socialização como facilitadora

**A FORMAÇÃO
COMO
CONTRIBUTO À
CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE
PROFISSIONAL

(TRADICIONAL E
TECNICISTA)**

- na formação da identidade profissional do acadêmico de enfermagem em um hospital universitário. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1 dez. 2008.
- 15- CARVALHO, Vilma de. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.
- 16- MESQUITA, Maria Patrícia Rogério Locks de. **Dimensão gerencial da identidade profissional da (o) enfermeiros (o) na percepção da equipe de enfermagem: uma perspectiva de construção coletiva (A)**. 2002. 127 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.
- 17- COSTA, L. M. C. **Tecitura da identidade profissional da primeira turma do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas**: contribuição do corpo docente. 1973/1977. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.
- 18- HENRIQUES, H. M. G. **Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros**: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/19075>> Acesso em: 19 ago. 2014.
- 15- CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem**: formação

**A FORMAÇÃO
COMO
CONTRIBUTO À
CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE
PROFISSIONAL**

**(TRADICIONAL E
TECNICISTA)**

- inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- 19- MOREIRA, M. C. N: A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.
- 20- JANHONEN, S; SARJA, A. Emerging identity of Finnish nurse teachers: Student teachers' narratives in a group exam. *Nurse education today*, v. 25, n. 7, p. 550-555, 2005.
- 21- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.
- 22- OLIVEIRA, Gabriel Jefferson Norberto et al. Factores relacionados com la identidad profesional del enfermero: visión de lós discentes. **Enferm. Glob.**, Murcia, v. 12, n. 29, p. 130-137, jan. 2013.
- 23- IGOR, É. Formação da identidade profissional de enfermagem: uma reflexão teórica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 967-971, 2010.
- 24- BOCK, L. F. et al. Produção de conhecimento na área de história da enfermagem no centro de estudos e pesquisa em enfermagem–ABEn (1972–2008). *História da Enfermagem*.

**A FORMAÇÃO
COMO
CONTRIBUTO À
CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE
PROFISSIONAL

(TRADICIONAL E
TECNICISTA)**

- Hist. Enf. **Rev. Eletr HERE**, ano 1, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centro-dememoria/here>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- 25- PEDRO, Adriano de Jesus Miguel Dias. **Percursos e Identidades: a (re)construção da identidade profissional do docente de enfermagem: o olhar dos docentes**. 2011. 419 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Porto, Portugal, 2011.
- 26- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D.S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.
- 27- GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C. A representação social da autonomia profissional do enfermeiro na Saúde Pública. **Rev. Bras Enferm.**, v. 58, n. 4, p. 393-398, jul./ago. 2005.
- 28- MADSEN, W. et al. Orphans nursing: how the education system of Nursing in Australia is undermining professional identity. **Contemporary Nurse. A Journal for the Australian Nursing Profession**, v. 32, n. 1-2, p. 9-18, abr./jun. 2009.
- 29- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Education Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 30- CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional**. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em

**A FORMAÇÃO
COMO
CONTRIBUTO À
CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE
PROFISSIONAL

(TRADICIONAL E
TECNICISTA)**

- enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- 31- OLIVEIRA, Gabriel Jefferson Norberto et al. Factores relacionados com la identidad profesional del enfermero: visión de lós discentes. **Enferm. Glob.**, Murcia, v. 12, n. 29, p. 130-137, jan. 2013.
- 32- BORGES, M. S.; SILVA, H. C. P. Cuidar ou tratar? Busca do campo de competência e identidade profissional da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 5, p. 823-829, 2010.
- 33- YAZDANNIK, M.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional identity. **Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research**, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.
- 34- HENRIQUES, H. M. G. **Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros**: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/19075>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- 35- CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem**: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- 36- OLIVEIRA, Gabriel Jefferson Norberto et al. Factores relacionados com la identidad profesional del

	<p>enfermero: visión de lós discentes. Enferm. Glob., Murcia, v. 12, n. 29, p. 130-137, jan. 2013.</p>
<p style="text-align: center;">DISSOCIAÇÃO TEORIA X PRÁTICA</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- BRENNAN, D.; TIMMINS, F. Changing institutional identities of the student nurse. Nurse Education Today, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012. 2- YAZDANNIK, Ahmadsreza; YEKTA, Zohreh Parsa; SOLTANI, Aliasghar. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. Iranian journal of nursing and midwifery research, v. 17, n. 2 Suppl1, p. S178, 2012. 3- MEIS, Carla de; SOUZA, Carmelita de Almeida; SILVA FILHO, João Ferreira da. House and street: narratives of professional identity among nurses. Journal of Professional Nursing, v. 23, n. 6, p. 325-328, 2007. 4- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. REME: Rev. Min Enf., Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.
<p style="text-align: center;">PREDOMINÂNCIA DO SEXO FEMININO</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- BORGES, M. S.; SILVA, H. C. P. Cuidar ou tratar? Busca do campo de competência e identidade profissional da enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 63, n. 5, p. 823-829, 2010. 2- OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: A construção da identidade profissional de enfermeiros. Texto Contexto Enferm.,

<p style="text-align: center;">PREDOMINÂNCIA DO SEXO FEMININO</p>	<p>Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.</p> <p>3- BELLAGUARDA, M. et al. Identidade profissional de enfermeiros caracterizada numa revisão integrativa. Enf. em foco, v. 2, p. 180-183, 2011.</p> <p>4- RAMBOR, A.; KRUSE, M. H. L. Hollywood movies and the production of meanings about nurses. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 28, n. 1, p. 52, 2007.</p> <p>5- PORTO, I. S. Identidades de enfermeiros em produções científicas no Brasil, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 92-100, 2004.</p> <p>6- BOSCHAMA, G; YONGE, O; MYCHAJLUNOW, L. Gender and professional identity in nursing practice psychiatric in Alberta, Canada, 1930-1975. Nursing Inquiry, v. 12, n. 4, p. 243-255, dez. 2005.</p> <p>7- CAMPOS, P. F. S; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. Rev Bras Enferm., v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.</p> <p>8- MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade. Rev. Latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, jan. 1999.</p> <p>9- SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul./ago. 2002.</p> <p>10- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.;</p>
--	---

**PREDOMINÂNCIA
DO SEXO FEMININO**

- ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.
- 11- APESOA-VARANO, Ester Carolina. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. **Qualitative Sociology**, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.
- 12- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Education Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 13- YAZDANNIK, Ahmadreza; YEKTA, Zohreh Parsa; SOLTANI, Aliasghar. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. **Iranian journal of nursing and midwifery research**, v. 17, n. 2 Supl.1, p. S178, 2012.
- 14- ADAMS, R. Exploring dual professional identities, the role of the nurse tutor in higher education in the UK: role complexity and tensions. **Journal of Advanced Nursing**, v. 67, n. 4, p. 884–892, 2011. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2010.05519.x;
- 15- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. **Cogitare Enferm**, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.
- 16- COSTA, Roberta et al. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto and Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 661, 2009.
- 17- MEIS, Carla de; SOUZA, Carmelita de Almeida; SILVA FILHO, João Ferreira da. House and street: narratives

<p style="text-align: center;">PREDOMINÂNCIA DO SEXO FEMININO</p>	<p>of professional identity among nurses. Journal of Professional Nursing, v. 23, n. 6, p. 325-328, 2007.</p> <p>18- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.</p> <p>19- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768–776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.</p> <p>20- HENRIQUES, H. M. G. Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/19075>. Acesso em: 19 ago. 2014.</p> <p>21- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>22- SANTOS, D. N et al. A construção da identidade profissional da enfermagem no Brasil e a questão de gênero. Revista Tecer, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.</p> <p>23- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da</p>
--	---

<p style="text-align: center;">PREDOMINÂNCIA DO SEXO FEMININO</p>	<p>identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p> <p>24- OLIVEIRA, Gabriel Jefferson Norberto et al. Factores relacionados com la identidad profesional del enfermero: visión de lós discentes. Enferm. Glob., Murcia, v. 12, n. 29, p.130-137, jan. 2013.</p> <p>25- SANTOS, T. C. F. et al. Rituales patrióticos y religiosos: contribución a la identidad de las enfermeras brasileña y española (1937-1945). Esc Anna Nery, v. 17, n. 1, p.104-110, jan./mar 2013.</p>
<p style="text-align: center;">VALORES SOCIAIS E CULTURAIS RÍGIDOS (TRADICIONAIS)</p>	<p>1- OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: A construção da identidade profissional de enfermeiros. Texto Contexto Enferm., Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.</p> <p>2- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.</p> <p>3- APESOA-VARANO, Ester Carolina. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. Qualitative Sociology, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.</p> <p>4- MEIS, Carla de; SOUZA, Carmelita de Almeida; SILVA FILHO, João Ferreira da. House and street: narratives</p>

<p>VALORES SOCIAIS E CULTURAIS RÍGIDOS (TRADICIONAIS)</p>	<p>of professional identity among nurses. Journal of Professional Nursing, v. 23, n. 6, p. 325-328, 2007.</p> <p>5- MOREIRA, M. C. N: A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p>
<p>PROCESSO DE CUIDAR</p>	<p>1- MENDES, F. R. P.; MANTOVANI, M. F. (2010). Dinâmicas atuais da enfermagem em Portugal: a representação dos enfermeiros. Revista Brasileira de Enfermagem, v.63, n. 2, p. 209-215, 2010.</p> <p>2- APESOA-VARANO, Ester Carolina. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. Qualitative Sociology, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.</p>
<p>RECONHECIMENTO SOCIAL LIMITADO</p>	<p>1- OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: A construção da identidade profissional de enfermeiros. Texto Contexto Enferm., Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.</p> <p>2- PIRES, Ana Maria Barros. The “Liga Republicana das Mulheres Portuguesas” and nursing profession in the XXth century: readings in the feminist press. Rev. Enf., v. 3, n. 8, p. 171-178, 2012. ISSN 0874-0283. DOI: org/10.12707/RIII12HM3.</p> <p>3- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão</p>

**RECONHECIMENTO
SOCIAL LIMITADO**

- da literatura. **Rev. Bra. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.
- 4- BELLAGUARDA, M. et al. Identidade profissional de enfermeiros caracterizada numa revisão integrativa. **Enf. em foco**, v. 2, p. 180-183, 2011.
- 5- MENDES, F. R. P.; MANTOVANI, M. F. Dinâmicas atuais da enfermagem em Portugal: a representação dos enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 2, p. 209-215, 2010.
- 6- CRAWFORD, P.; BROWN, B.; MAJOMI P. Professional identity in community health nursing mental: thematic analysis. **International Journal of Nursing Studies**, v. 45, n. 7, p. 1055-1063, jul. 2008.
- 7- BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, jul. 1999.
- 8- CAMPOS, P. F. S.; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. **Rev Bras Enferm.**, v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.
- 9- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.
- 10- YAZDANNIK, A.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. **Iranian journal of nursing**

**RECONHECIMENTO
SOCIAL LIMITADO**

- and midwifery research**, v. 17, n. 2 Supl. 1, p. S178, 2012.
- 11- ADAMS, R. Exploring dual professional identities, the role of the nurse tutor in higher education in the UK: role complexity and tensions. **Journal of Advanced Nursing**, v. 67, n. 4, p. 884–892, 2011. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2010.05519.x.
- 12- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. **Cogitare Enferm**, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.
- 13- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.
- 14- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.
- 15- SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 586-95, jul./ago. 2002.
- 16- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Education Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 17- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295–309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.

<p>RECONHECIMENTO SOCIAL LIMITADO</p>	<p>18- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p> <p>19- PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. Acta Paul. Enferm., v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.</p> <p>20- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev Latino-am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.</p>
<p>NECESSIDADE DE VALORIZAÇÃO (ASCENSÃO) SOCIAL</p>	<p>1- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. Rev. bras. enferm., Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.</p> <p>2- SANTOS T. C. F et al. American participation in the creation of a nurse model in Brazilian society in the 1920's. Rev Esc Enferm USP, v. 45, n. 4, p. 966-73, 2011.</p> <p>1- SANTOS, T. C. F. et al. Rituales patrióticos y religiosos: contribución a la identidad de las enfermeras brasileña y española (1937-1945); Esc Anna Nery v. 17, n. 1, p. 104-110, jan./mar. 2013.</p> <p>2- CRAWFORD P; BROWN B; MAJOMI P. PROFESSIONAL identity in community health nursing mental: thematic analysis. International Journal of Nursing Studies, v. 45, n. 7, p. 1055-1063, jul. 2008.</p> <p>3- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession:</p>

<p style="text-align: center;">NECESSIDADE DE VALORIZAÇÃO (ASCENSÃO) SOCIAL</p>	<p>public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.</p> <p>4- APESOA-VARANO, Ester Carolina. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. Qualitative Sociology, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.</p> <p>5- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.</p> <p>6- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p>
<p style="text-align: center;">DISCRIMINAÇÃO/ SEGREGAÇÃO RACIAL</p>	<p>1- CAMPOS, P. F. S. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. Revista de Enfermagem Referência, v. 6, p. 167-177, 2002.</p> <p>2- CAMPOS, P. F. S; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. Rev Bras Enferm., v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.</p> <p>3- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de</p>

<p style="text-align: center;">DISCRIMINAÇÃO/ SEGREGAÇÃO RACIAL</p>	<p>práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>4- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p>
<p style="text-align: center;">DENOMINAÇÃO INADEQUADA (ENFERMEIRO/A)</p>	<p>1- CAMPOS, P. F. S; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. Rev Bras Enferm., v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.</p> <p>2- PADILHA, Maria Itayra; NELSON, Sioban; BORENSTEIN, Miriam Susskind. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, p. 241-252, dez. 2011.</p>
<p style="text-align: center;">SUBMISSÃO PROFISSIONAL</p>	<p>1- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. Rev. bras. enferm., Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.</p> <p>2- BELLAGUARDA, M. et al. Identidade profissional de enfermeiros caracterizada numa revisão integrativa. Enf. em foco, v. 2, p. 180-183, 2011.</p> <p>3- RAMBOR, A.; KRUSE, M. H. L. Hollywood movies and the production of meanings about nurses. Revista</p>

**SUBMISSÃO
PROFISSIONAL**

- Gaúcha de Enfermagem**, v. 28, n. 1, p. 52, 2007.
- 4- CAMPOS, P. F. S; OGUISSO, T. A escola de enfermagem da universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008.
- 5- MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de vênus: mulher, enfermagem e modernidade. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, jan. 1999.
- 6- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.
- 7- APESOA-VARANO, Ester Carolina. Educated caring: The emergence of professional identity among nurses. **Qualitative Sociology**, v. 30, n. 3, p. 249-274, 2007.
- 8- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse education today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 9- YAZDANNIK, Ahmadreza; YEKTA, Zohreh Parsa; SOLTANI, Aliasghar. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. **Iranian journal of nursing and midwifery research**, v. 17, n. 2 Supl. 1, p. S178, 2012.
- 10-BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. **Cogitare Enferm**, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.

<p style="text-align: center;">SUBMISSÃO PROFISSIONAL</p>	<p>11-HENRIQUES, H. M. G. Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/19075>. Acesso em: 19 ago. 2014.</p> <p>12-MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p>
<p style="text-align: center;">FIGURAS MÍTICAS DA ENFERMAGEM (BEBÂDAS, PROSTITUTAS, ANJOS DE BRANCO)</p>	<p>3- MECONE, Márcia Cristina da Cruz; FREITAS, Genival Fernandes de. Representações da enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha Brasileira (1942-1945). Texto & Contexto Enfermagem, v. 18, n. 4, p. 741-749, 2009.</p> <p>4- SANTOS T. C. F et al. American participation in the creation of a nurse model in Brazilian society in the 1920's. Rev Esc Enferm USP, v. 45, n. 4, p. 966-73, 2011.</p> <p>5- RAMBOR, A.; KRUSE, M. H. L. Hollywood movies and the production of meanings about nurses. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 28, n. 1, p. 52, 2007.</p> <p>6- PORTO, Fernando Rocha; VERALDO, Tainara Xavier. Equipo de the public image of the nurse in the fon-fon magazine. Rev. Pesq.: cuid. fundam. online, v. 4, n. 4, p. 2776-2788, 2012.</p>

<p style="text-align: center;">FIGURAS MÍTICAS DA ENFERMAGEM (BEBÂDAS, PROSTITUTAS, ANJOS DE BRANCO)</p>	<p>Acesso em: <www.seer.unirio.br>. Acesso em: 19 jun. 2014.</p> <p>7- KELLY, Jacinta; FEALY, Gerard M.; WATSON, Roger. The image of you: constructing nursing identities in YouTube. Journal of advanced nursing, v. 68, n. 8, p. 1804-1813, 2012.</p> <p>8- CARVALHO, Vilma de. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, p. 24-32, 2013.</p> <p>9- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>10- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p> <p>11- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.</p>
<p style="text-align: center;">IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA</p>	<p>1- BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, jul. 1999.</p> <p>2- SANTOS, T. C. F. et al. Memória, lembranças e a história da Enfermagem.</p>

**IMPORTÂNCIA DA
HISTÓRIA E DA
MEMÓRIA**

- Esc Anna Nery**, v. 15, n. 3, p. 616-621, jul./set. 2011.
- 3- PADILHA, M. I.; NELSON, S; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl.1, p. 241-252, dez. 2011.
- 4- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse education today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 5- TOMAN, C.; THIFAUULT, M. C. Historical thinking and the shaping of nursing identity. **Nurs Hist Rev.**, v. 20, p. 184-204, 2012.
- 6- CARVALHO, Vilma. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 24-32, 2013.
- 7- MEIS, Carla de; SOUZA, Carmelita de Almeida; SILVA FILHO, João Ferreira da. House and street: narratives of professional identity among nurses. **Journal of Professional Nursing**, v. 23, n. 6, p. 325-328, 2007.
- 8- CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional**. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- 9- ZUZA, Daniele Cristina; SILVA, Mauro Antonio Pires Dias da. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma

<p style="text-align: center;">IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA</p>	<p>instituição hospitalar cooperativista. Revista Mineira de Enfermagem, v. 11, n. 4, p. 420-424, 2007.</p> <p>10- SANTOS, D. N et al. A construção da identidade profissional da enfermagem no Brasil e a questão de gênero. Revista Tecer, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.</p>
<p style="text-align: center;">IMAGENS DISTRORCIDAS DA PROFISSÃO</p>	<p>1- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D.S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. Rev. bras. enferm., Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.</p> <p>2- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev Latino-am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.</p> <p>3- SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S, BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul./ago. 2002.</p> <p>4- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. Nurse Education Today, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.</p> <p>5- TEN HOEVE, Y.; JANSEN, G.; ROODBOL, P. The nursing profession: public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014. DOI: 10.1111/jan.12177.</p> <p>6- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p>

<p style="text-align: center;">IMAGENS DISTORCIDAS DA PROFISSÃO</p>	<p>7- PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. Acta Paul. Enferm., v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.</p> <p>8- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev Latino-am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.</p>
<p style="text-align: center;">O PAPEL DOS ENFERMEIROS NA ORGANIZAÇÃO POLITICA</p>	<p>1- PADILHA, Maria Itayra; NELSON, Sioban; BORENSTEIN, Miriam Susskind. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p. 241-252.</p> <p>2- PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. Acta Paul. Enferm., v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.</p>
<p style="text-align: center;">A IMPORTÂNCIA DAS BIOGRAFIAS</p>	<p>1- PADILHA, Maria Itayra; NELSON, Sioban; BORENSTEIN, Miriam Susskind. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p.241-252.</p>
	<p>1- YAZDANNIK, M.; YEKTA, ZP; SOLTANI, A. Nursing professional identity. Iranian Journal of Nursing</p>

**(RELAÇÕES NO
PROCESSO DE
TRABALHO ENTRE
A CATEGORIA, COM
DEMAIS
PROFISSIONAIS E
USUARIOS):
CONFLITOS E
DEMARCAÇÃO DE
ESPAÇOS E
PODERES**

- and Midwifery Research**, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.
- 2- MACHIN, Alison I.; MACHIN, Tony; PEARSON, Pauline. Maintaining equilibrium in professional role identity: a grounded theory study of health visitors' perceptions of their changing professional practice context. **Journal of advanced nursing**, v. 68, n. 7, p. 1526-1537, 2012.
- 3- OLIVEIRA, R. S. M.; PEREIRA, C. M. O. A socialização como facilitadora na formação da identidade profissional do academico de enfermagem em um hospital universitário. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.
- 4- FAGERMOEN, M. S. Professional identity: values embedded in meaningful nursing practice. **Journal of advanced nursing**, v. 25, n. 3, p. 434-441, 1997.
- 5- HENRIQUES, H. M. G. **Formação, sociedade e identidade profissional dos enfermeiros**: a Escola de Enfermagem de Castelo Branco Dr. Lopes Dias (1948-1988). 2012. 594 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/19075>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- 6- CARRIJO, Alessandra Rosa. **Ensino de história da enfermagem**: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

<p style="text-align: center;">(RELAÇÕES NO PROCESSO DE TRABALHO ENTRE A CATEGORIA, COM DEMAIS PROFISSIONAIS E USUARIOS): CONFLITOS E DEMARCAÇÃO DE ESPAÇOS E PODERES</p>	<p>7- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.</p> <p>8- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev Latino-am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.</p> <p>9- CARVALHO, Vilma de. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, p. 24-32, 2013.</p>
<p style="text-align: center;">EXCLUSÃO DO PAPEL DOS ENFERMEIROS NOS PROGRAMAS DE ASSISTENCIA A COMUNIDADE.</p>	<p>1- SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S, BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul./ago. 2002.</p>
<p style="text-align: center;">DISSOCIAÇÃO TEORIA X PRÁTICA</p>	<p>1- YAZDANNIK, M.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional identity. Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.</p> <p>2- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. REME: Rev. Min Enf. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.</p>

<p>RFLEXOS DA AUTO- IMAGEM E HETERO- -IMAGEM</p>	<p>1- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p>
<p>IDENTIDADE PRÉ- PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM</p>	<p>1- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.</p> <p>2- CARRIJO, Alessandra Rosa. Ensino de história da enfermagem: formação inicial e identidade profissional. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em fundamentos e administração de práticas do gerenciamento em enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.</p> <p>3- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999.</p>
<p>ACUMULO DE ATRIBUIÇÕES DO ENFERMEIRO</p>	<p>1- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p>
<p>O CARÁTER RELIGIOSO DA PROFISSÃO</p>	<p>1- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768-776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.</p>

APÊNDICE C- IDENTIFICAÇÃO DOS CONSEQUENTES

CONSEQUENTES	AUTORES
<p style="text-align: center;">DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768–776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236. 2- YAZDANNIK, Ahmadreza; YEKTA, Zohreh Parsa; SOLTANI, Aliasghar. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. Iranian journal of nursing and midwifery research, v. 17, n. 2 supl. 1, p. S178, 2012. 3- MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999. 4- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998. 5- AVELAR, V. L. L. M. D.; PAIVA, K. C. M. D. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 63, n. 6, p. 1010-1018, 2010. 6- GREGG, Misuzu F.; MAGILVY, Joan K. Professional identity of Japanese nurses: Bonding into nursing. Nursing

<p>DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO</p>	<p>& health sciences, v. 3, n. 1, p. 47-55, 2001.</p> <p>7- LEMOS, R. E. Profissão de enfermeiro: compreensão sociológica da identidade profissional. 2008. 234 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2008.</p>
<p>TRANSFORMAÇÃO NO COTIDIANO DA PRÁTICA</p>	<p>1- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768–776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.</p> <p>2- OLIVEIRA, B. G. R. B. de. A passagem pelos espelhos: A construção da identidade profissional de enfermeiros. Texto Contexto Enferm., Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, 2006.</p> <p>3- GREGG, Misuzu F.; MAGILVY, Joan K. Professional identity of Japanese nurses: Bonding into nursing. Nursing & Health Sciences, v. 3, n. 1, p. 47-55, 2001.</p> <p>4- NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-57, 2004.</p> <p>5- PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. Acta Paul. Enferm., v. 19, n. 1, p. 82-87, 2006.</p>

**(RE) CONSTRUÇÃO
DA /IDENTIDADE DE
ENFERMEIROS
(IDENT.
TRANSFORMADORA)**

- 1- NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. S. Imagem de enfermeiros: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 1, fev. 2005.
- 2- PORTO, I. S. Identidades de enfermeiros em produções científicas no Brasil, **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 92-100, 2004.
- 3- BRENNAN, Damien; TIMMINS, Fiona. Changing institutional identities of the student nurse. **Nurse Education Today**, v. 32, n. 7, p. 747-751, 2012.
- 4- YAZDANNIK, Ahmadreza; YEKTA, Zohreh Parsa; SOLTANI, Aliasghar. Nursing professional identity: an infant or one with Alzheimer. **Iranian journal of nursing and midwifery research**, v. 17, n. 2 supl, p. S178, 2012.
- 5- ÖHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.
- 6- ZUZA, D. C.; SILVA, M. A. D. P. Estudo sobre a identidade do enfermeiro em uma instituição hospitalar cooperativista. **REME: Rev. Min Enf. Belo Horizonte**, v. 2, n. 4, p. 420-424, 2007.
- 7- CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. **Revista de Enfermagem**, n. 6, p. 167-177, 2012.
- 8- YAZDANNIK, A.; YEKTA, Zohreh Parsa; SOLTANI, Aliasghar. Nursing

<p>(RE) CONSTRUÇÃO DA /IDENTIDADE DE ENFERMEIROS (IDENT. TRANSFORMADORA)</p>	<p>professional identity: an infant or one with Alzheimer. Iranian journal of nursing and midwifery research, v. 17, n. 2, supl, p. S178, 2012.</p> <p>9- CARVALHO, Vilma. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, p. 24-32, 2013.</p>
<p>AUTONOMIA PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO</p>	<p>1- GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C. A representação social da autonomia profissional do enfermeiro na Saúde Pública. Rev.Bras Enferm., v. 58, n. 4, p. 393-398, jul./ago. 2005.</p> <p>2- PADILHA, M. I. S.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, supl.1, p. 241-252, dez. 2011.</p> <p>3- SILVA, A. L.; PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 10, n. 4, p. 586-595, jul./ago. 2002.</p> <p>4- BECK, C. L. C. et al. Identidade profissional dos enfermeiros de serviços de saúde municipal. Cogitare Enferm, v. 14, n. 1, p. 114-119, 2009.</p> <p>5- SANTOS. D. N. et al. A construção da identidade profissional da enfermagem no Brasil e a questão de gênero. Revista Tecer, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, dez. 2008.</p> <p>6- BORGES, M. S.; SILVA, H. C. P. Cuidar ou tratar? Busca do campo de</p>

	<p>competência e identidade profissional da enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 63, n. 5, p. 823-829, 2010.</p>
<p>AQUISIÇÃO DE POSTURA CRÍTICA</p>	<p>1- MIRÓ-BONET, Margarida et al. Genealogy as a critical toolbox: deconstructing the professional identity of nurses. Journal of Advanced Nursing, v. 70, n. 4, p. 768-776, 2014. DOI: 10.1111/jan.12236.</p>
<p>AUTO-CONCEITO DA PROFISSÃO</p>	<p>1- YAZDANNIK, M.; YEKTA, Z. P.; SOLTANI, A. Nursing professional identity. Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research, v. 17, n. esp. 2, fev. 2012.</p> <p>2- ÕHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.</p>
<p>FOMENTAÇÃO DA PESQUISA</p>	<p>1- CARVALHO, Vilma. Sobre a identidade profissional na Enfermagem: reconsiderações pontuais em visão filosófica. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, p. 24-32, 2013.</p>
<p>MELHORIA DA AUTOESTIMA</p>	<p>1- ÕHLÉN, J.; SEGESTEN, K. A identidade profissional do enfermeiro: análise e desenvolvimento de conceitos. Journal of Advanced Nursing, v. 28, n. 4, p. 720-727, out. 1998.</p>

APÊNDICE D - BREVE BIOGRAFIA DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Professora Mary Anne Small

A professora Mary Anne Small, enfermeira educadora comunitária do Projeto Hope, em Millwood, Virgínia nos Estados Unidos, foi professora visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no período 1974-1981. No ano de 1973, foi implantado por ela o Programa de Assistência Primária de Saúde, em duas comunidades carentes, com o intuito de melhorar o nível de saúde dessas comunidades. Assim, nesse mesmo ano foi criado o serviço de Puericultura no bairro da Cidade da Esperança, com o objetivo de diminuir os problemas de saúde infantil por causas evitáveis. Com o início da graduação em Enfermagem, fez com os alunos um levantamento epidemiológico nas comunidades de Cidade Nova e Felipe Camarão, que passaram a ser campo de estágio para as disciplinas de Introdução à Saúde Pública. Além das atividades de ensino e extensão, desenvolveu um projeto de pesquisa que teve a participação de alguns alunos (VILAR; SMALL, 1983). Segundo os testemunhos dos alunos egressos e dos professores, ela teve uma grande contribuição para formação dos enfermeiros no Rio Grande do Norte. A sua competência na assistência primária foi ressaltada pelos alunos egressos e pelas professoras entrevistadas.

Professora Raimunda Medeiros Germano

A professora Raimunda Medeiros, ao casar-se no ano de 1975, passou a ser conhecida como Raimunda Germano. Nasceu em Caicó, município do Rio Grande do Norte, filha de João Vicente da Costa e Saturnina Medeiros, numa família pequena de apenas três filhos, sendo ela a mais velha. Fez a opção pelo curso de Enfermagem porque gostava de cuidar e iniciou o curso na Universidade Federal do Ceará no ano de 1963 e depois transferiu-se para a Universidade Federal de Pernambuco, formando-se no ano de 1965. No último ano da graduação foi convidada para trabalhar no então Hospital das Clínicas, iniciando suas atividades como enfermeira no ano de 1966, e ao mesmo tempo começou a exercer a docência no Curso de Auxiliar de Enfermagem da UFRN, de forma voluntária. Logo após iniciou seus estudos na área de educação, no Curso de Pedagogia da Faculdade de

Filosofia, Ciências e Letras, da Fundação José Augusto, concluindo-o no ano de 1969 e de imediato, foi convidada a ensinar no curso de Psicologia Social na Faculdade de Sociologia e Política, onde conheceu seu esposo José Willington Germano, hoje professor emérito das Ciências Sociais da UFRN. No ano de 1973, ao ser criado o Curso de Graduação em Enfermagem da UFRN, foi uma das responsáveis pela sua organização didático-pedagógica. Em maio de 1974, foi contratada como docente do Departamento de Enfermagem e, por escolha de seus pares, passou a ser a primeira coordenadora do curso e a posteriori assumindo a chefia do departamento, no período de 1980-1982. Fez mestrado (1983) e doutorado (1992) em educação na Universidade Estadual de Campinas, cujos estudos foram editados em livros que até hoje contribuem com o debate sobre a educação e a ética na enfermagem. Foi uma das responsáveis pela criação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN em 1996. Na área associativa foi presidente da ABEn-RN na gestão 1970-1976, época em que organizou a criação do Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Norte – COREN/RN, e atuou também como membro da diretoria de educação da ABEn Nacional. Ainda hoje é uma das principais referências nas pesquisas e disciplinas que abordam a história da educação e da profissão no país, assim sendo, já foi agraciada com vários prêmios de âmbito nacional, a exemplo do “Gente que Faz Saúde”, concedido pelo Ministério da Saúde e a Organização Pan-Americana – OPAS/OMS, em parceria com a ABEn Nacional, no ano de 2006. Em 2014 aposentou-se, mas continua colaborando com a Pós-Graduação e com as entidades organizativas da enfermagem (GERMANO, 2014).

Professora Nadir de Araújo Soares Vila Nova

Professora Nadir de Araújo Soares Vila Nova, é natural de João Pessoa/Paraíba, filha de Samuel de Oliveira Soares e Nair Carlos de Araújo Soares, de família de cinco filhos, sendo ela a mais velha entre as mulheres. cursou a Graduação em Enfermagem na Universidade Federal da Paraíba, cuja escolha se deu por orientação de sua mãe, mas ela desejava mesmo fazer odontologia. Estava fazendo especialização em Recife quando foi convidada para trabalhar em Natal e Salvador, no entanto, pela proximidade de João Pessoa, cidade onde morava, optou por Natal. Assim, ao chegar em Natal passou a trabalhar como enfermeiros, no então Hospital das Clínicas, e colaborava de

forma voluntária como professora no Curso de Auxiliares de Enfermagem. No ano de 1972, participou da estruturação do Curso de Graduação em Enfermagem da UFRN e, em maio de 1974, foi contratada como professora assistente para o Departamento de Enfermagem. Fez o mestrado na Escola de Enfermagem Anna Nery, no ano de 1977, na área de enfermagem cirúrgica. Na sua carreira profissional teve o reconhecimento de todos profissionais da saúde que trabalhavam no então Hospital das Clínicas pela sua atuação no centro-cirúrgico. Foi homenageada na primeira turma pela sua dedicação e serviu de modelo para algumas alunas que seguiram a mesma trajetória na área de médico-cirúrgica. Teve uma participação ativa na organização política da enfermagem, tanto na ABEn, quanto no COREN. Atuou como coordenadora das comissões de câmaras técnicas do Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, gestão 2009/2012, sendo precursora de um trabalho para a efetivação da fiscalização educativa dentro do sistema COFEN/CORENS. Atualmente, está aposentada da UFRN, mas continua se dedicando à formação dos trabalhadores da saúde e da enfermagem como coordenadora pedagógica do Instituto de Ensino e Cultura (IEC) (VILA NOVA, 2014).

Professora Normélia Maria Freire Diniz

A professora Normélia Maria Freire Diniz nasceu no Município de Propriá, no Estado de Sergipe. De uma família de seis filhos, ela era a penúltima. Formou-se em enfermagem no ano de 1974, pela Fundação do Ensino Superior de Pernambuco, por influência de sua irmã que já era enfermeiros e professora da Universidade Federal de Pernambuco. Começou a trabalhar ainda estudante como escriturária na Superintendência de Campanhas de Saúde Pública. Na enfermagem trabalhou no Instituto Materno-Infantil do Pernambuco-IMIP, onde era enfermeiros de pediatria. Fez a Habilitação em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de Pernambuco no ano de 1975 e no ano seguinte passou a lecionar no Curso de Graduação de Enfermagem da UFRN na disciplina Materno-Infantil e sempre foi apaixonada pelo trabalho educativo na área da saúde da mulher, desenvolvido via projetos de extensão, nas comunidades carentes de Cidade Nova e Felipe Camarão e na maternidade Januário Cicco. Foi vice-chefe do Departamento no período de 1977 a 1978. No ano de 1980, por questões familiares, retornou a Recife, mas depois fixou residência em

Salvador. Em 1983 fez especialização em obstetrícia e em seguida ingressou no mestrado. Logo após fez o doutorado concluindo no ano de 1994. Atualmente está aposentada pela Universidade Federal da Bahia, mas continua como colaboradora na Residência em Obstetrícia (DINIZ, 2014).

Professora Francisca de Assis da Silva Teixeira Duarte

A professora Francisca de Assis da Silva que posteriormente adotou o sobrenome Teixeira Duarte, nasceu em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, filha de Cassimiro Silva e Maria Luisa da Silva. Iniciou sua trajetória na enfermagem fazendo o curso de auxiliar, na década de 60, em Natal, no então Hospital das Clínicas. Ao concluir, fez o curso de graduação, na Escola de Enfermagem Nossa Senhora das Graças, vinculada à Fundação do Ensino Superior de Pernambuco, obtendo o diploma de enfermeiros no ano de 1970. O seu primeiro emprego foi no Hospital do Câncer em Recife, onde passou apenas um ano. Ao voltar para Natal foi trabalhar na Secretaria de Saúde do Estado, e, logo depois foi aprovada em concurso para o cargo de enfermeiros do Exército e do Instituto Nacional de Previdência Social – INAMPS. Como as demais enfermeiras do estado, logo ao chegar foi ensinar voluntariamente no Curso de Auxiliar de Enfermagem e, no ano de 1974, ao ser contratada como professora do Curso de Graduação em Enfermagem da UFRN, deixou o Exército e passou a lecionar nas disciplinas de Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem em Doenças Transmissíveis. Participou da estruturação da ABEn-RN como primeira secretária, na gestão 1962-1964. Sua competência e habilidade na área de médico-cirúrgica e, sobretudo, sua paciência no ato de ensinar foram ressaltadas pelos alunos-egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem. Atualmente é aposentada da UFRN e do INAMPS, não exercendo nenhuma outra atividade profissional (DUARTE, 2014).

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM MODALIDADE
INTERSTITUCIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Sheila Saint-Clair da Silva Teodosio, enfermeiros, aluna do Curso de Doutorado, na modalidade interinstitucional, da Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do NORTE (DINTER UFSC/UFRN), venho convidá-lo (a) a participar do estudo, intitulado: "IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE: MEMÓRIA DE EGRESSAS (Década de 1970).

O projeto de pesquisa tem por objetivo geral: Compreender a contribuição da formação universitária para o processo sócio-histórico de construção dos processos identitários de enfermeiros no Rio Grande do Norte, a partir das memórias individuais e coletivas dos egressos da primeira turma, dos cursos de graduação em enfermagem da UERN/Mossoró e da UFRN/Natal, nos diferentes momentos históricos da vida acadêmica – profissional, na década de 1970.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica, cuja coleta de dados será realizada através da técnica da história oral. Assim, recorreremos ao instrumento da entrevista a qual requer autorização para gravação das falas em gravador digital e obtenção de fotografias que possam contribuir com a pesquisa. A justificativa deste estudo se insere na necessidade da reconstituição histórica da profissão através do estudo da identidade profissional articulada à memória de egressos e pela sua contribuição para preservar a memória da formação dos enfermeiros, no Rio Grande do Norte, e o incremento da produção científica da História e Memória de Enfermagem. A sua participação acontecerá por meio de concessão de entrevistas a serem gravadas e fotografadas.

Afirma-se o compromisso e a responsabilidade no desenvolvimento da pesquisa, quanto a: respeito aos princípios

bioéticos de não maleficência, beneficência, justiça e equidade; participação livre, esclarecida e voluntária, podendo o participante desistir da participação na pesquisa em qualquer momento que considerar necessário, sem que isto implique nenhuma sanção, prejuízo, dano ou desconforto; preservação do anonimato, se assim o desejar, e da confidencialidade das informações; garantia de que os danos previsíveis serão evitados, conforme responsabilidade da pesquisadora, sendo considerados mínimos nesta pesquisa; relevância social da pesquisa; garantia que os dados provenientes do estudo serão usados exclusivamente para fins de pesquisa, devendo ser armazenados em banco de dados a ser construído pela pesquisadora e, posteriormente, compor acervo do Grupo de Estudo da História e conhecimento em Enfermagem e Saúde (GEHCES), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao acervo do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No desenvolvimento da pesquisa serão respeitadas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Desta forma, a pesquisa foi submetida à apreciação do Sistema CEP/CONEP, que é integrado pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e os Comitês de Ética em Pesquisa (CEP), tendo sido aprovada a sua realização. Para isto, o protocolo de pesquisa foi cadastrado, juntamente com todos os documentos necessários, na Plataforma BRASIL, que é o sistema oficial de lançamento de pesquisas para análise e monitoramento do Sistema CEP/CONEP.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora e pela estudante, através dos contatos, respectivamente:

(48) 9962-4510 e, (084) 99871446, (084) 32362593, ou ainda pelos correios eletrônicos: padilha@ccs.ufsc.br e saintclairenf@gmail.com.
Questionamentos éticos podem ser elucidados pelo Comitê de Ética em Pesquisa: **Endereço:** Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, **Bairro:** Trindade, **CEP:** 88.040-900. **Telefone:** (48)3721-9206 - **Fax:** (48)3721-9696 - **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Na certeza de contarmos com a compreensão e empenho, agradecemos antecipadamente.

Natal (RN), de de 20__.

Prof^ª Dr^ª Maria Itayra Padilha Coelho
Coordenadora da Pesquisa

Sheila Saint-Clair da Silva Teodosio
Estudante de Doutorado

Consentimento Pós-Informado

Eu, _____,
declaro que fui informado(a) sobre os objetivos, propósitos e procedimentos inerentes a este estudo e que recebi as explicações inerentes à participação voluntária, direito de desistir e confidencialidade das informações. Nesses termos, considerando-me livre e esclarecido(a), consinto minha participação voluntária, resguardando às autoras do projeto de pesquisa, a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

Natal, _____ de _____ de _____

Assinatura do Participante:

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IDENTIDADE PROFISSIONAL DA ENFERMEIRA: MEMÓRIAS DE EGRESSAS NO RIO GRANDE DO NORTE (década de 1970)

Pesquisador: Maria Itayra Coelho de Souza Padilha

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 20582913.4.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 388.018

Data da Relatoria: 09/09/2013

Apresentação do Projeto:

O estudo intitulado „IDENTIDADE PROFISSIONAL DA ENFERMEIRA: MEMÓRIAS DE EGRESSAS NO RIO GRANDE DO NORTE (década de 1970) trata da constituição histórica da identidade profissional da enfermeira, através da memória de egressas das primeiras turmas dos cursos de graduação em enfermagem do Rio Grande do Norte, na década de 1970. Adota o desenho qualitativo com abordagem sócio-histórica ancorada nas bases da história nova e nas concepções sociológicas da identidade profissional, utilizando-se do método da história oral. Tem como objetivo compreender como a formação universitária contribuiu para a constituição histórica da identidade profissional da enfermeira no Rio Grande do Norte, a partir das memórias de egressas da primeira turma, dos cursos de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN/ Natal e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/Mossoró. A justificativa se insere na necessidade da reconstituição histórica da profissão através do estudo da identidade profissional, na contribuição para a preservação da memória da formação das enfermeiras, no Rio Grande do Norte, no incremento da produção científica e da difusão da História e Memória de Enfermagem.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Continuação do Parecer: 388.018

Compreender a contribuição da formação universitária para o processo sócio-histórico de constituição da identidade profissional da enfermeira no Rio Grande do Norte, a partir das memórias individuais e coletivas das egressas da primeira turma, dos cursos de graduação em enfermagem da UERN/Mossoró e da UFRN/Natal, nos diferentes momentos históricos da vida acadêmica, na década de 1970.

Objetivo Secundário:

- Resgatar o ideário de enfermeira que tinham as egressas da primeira turma, dos cursos de graduação em enfermagem da UERN (Mossoró) e UFRN (Natal) antes de ingressar no processo de formação.
- Identificar a influência da formação universitária no processo da identidade profissional da enfermeira, assim como na sua inserção no mercado de trabalho.
- Analisar a contribuição do processo de formação na construção, desconstrução e reconstrução dos processos identitários das enfermeiras no Rio Grande do Norte, a partir da memória de egressos da primeira turma dos cursos da UERN (Mossoró) UFRN (Natal).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos desse estudo são mínimos e serão evitados, pela pesquisadora, conforme previsto na Carta de Consentimento Livre e Esclarecido, anexo B do presente estudo.

Benefícios:

Contribuir para a preservação da memória da formação das enfermeiras no Rio Grande do Norte, para o incremento da produção científica e na difusão da História e Memória da Enfermagem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta pertinência, fundamentação bibliográfica, clareza e uma vez obtido os dados conclusivos proporcionará uma visão histórica preservando a memória da formação das enfermeiras no Rio Grande do Norte na década de 1970.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos estão de acordo com o solicitado pelo CEPESH.

Recomendações:

Fazer com que as assinaturas da pesquisadora responsável e do participante da pesquisa contidas no TCLE permaneçam na mesma página como recomenda a Resolução 466 e suas complementares

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Continuação do Parecer: 388.018

no item IV.5 - O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deverá, ainda: d) ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada (s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha. Em ambas as vias deverão constar o endereço e contato telefônico ou outro, dos responsáveis pela pesquisa e do CEP local e da CONEP, quando pertinente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há inadequações e nada que justifique pendência.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

colegiado

FLORIANOPOLIS, 09 de Setembro de 2013

Assinador por:
Ylmar Correa Neto
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

**ANEXO C – LISTA DOS APROVADOS DO CURSO DE
ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA DA UFRN, PUBLICADO NO
JORNAL TRIBUNA DO NORTE, EM DE 10 DE JANEIRO DE
1974**

ças Macedo Revoredo	
ças Pereira Pinto	
ma Camara Regalado	
na de Miranda e Silva	
ia Gomes de Sousa	
ta Moreira Cesar	
ta Paiva Vieira	
na Pedrosa Pinto	
na Pereira	
ro Bento Lima	
ro Lima	
ro Oliveira da Silva	
s Fernandes Martins	
Lins Monteiro	
	CURSO – ENFERMAGEM
Britto Costa	Adelze Ribamar Brandão de Moura
Silva do Nascimento	Ana Maria Freire
a Silva	Cleia de Moraes Lopes
fa da Silva	Cleide Oliveira
Cavalcanti	Daltro de Paiva Oliveira
Fernandes Rodrigues	Dimas Medeiros de Farias
Varela Santiago	Étiane Vidal Barbosa
Revoredo	Pátima Rosemary M de Oliveira
s Lopes	Francisco de Assis da Silva
Pálhano	Gilvaneide Guedes de Moura
de Souza	Iara de Paiva Bezerra
sta Nobrega	Iêda Peretá de Brito
de Sousa	Iria de Medeiros Fernandes
Macedo	Ivan Lucena de Almeida
no de Araújo Junior	Leda Maria Queiroz
ció da Cunha	Leonor Dantas
da Silva	Marcia Lira Cerviera
andidatos aprovados – 070	Maria da Conceição Chacon Matos
	Maria das Graças de Oliveira
CURSO – MEDICINA	Maria das Graças de Souza Paiva
	Maria das Graças França de Santana
	Maria de Fátima Marques Carneiro
	Maria Itonie Sales
	Maria Izaura de Araujo
	Maria Lucia Varela de Albuquerque
	Maria Telma Cavalcanti de Queiroz
	Martuce Oliveira da Silva
	Roberto Rocha Siveira
	Rosana Lucia de Vasconcelos Alves
	Sônia Maria de Araujo
as Batista	
rbões Petronillo	
a de Medeiros Rocha	
ia Cavalcanti de Barros	
	Total de candidatas aprovados – 030
	CURSO – ODONTOLOGIA